

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**UMA MORATÓRIA ÉTICA PARA ADOLESCENTES: UMA
PERSPECTIVA EDUCACIONAL**

EDSON ALMEIDA FLOR

PIRACICABA, SP

2003

UMA MORATÓRIA ÉTICA PARA ADOLESCENTES: UMA PERSPECTIVA EDUCACIONAL

EDSON ALMEIDA FLOR

Orientador: Prof. Dr. Hugo Assmann

**Dissertação apresentada à
Banca Examinadora do
Programa de Pós-Graduação
em Educação da UNIMEP como
exigência parcial para obtenção
de título de Mestre em
Educação.**

Piracicaba, SP

2003

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Hugo Assmann

Prof. Dr. Júlio Romero Ferreira

Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Sokolowski Queiróz

AGRADECIMENTOS

Concluir uma dissertação de mestrado é fantástico, porém, exige dedicação, esforços e muita força de vontade. Sendo mais uma etapa da vida vencida, na expectativa de encontrar novas etapas a serem vencidas.

Dedico de coração a todas as pessoas que de um modo ou de outro me incentivaram, apoiando nos momentos difíceis ou alegres, estando sempre presentes em minha vida.

Agradeço ao Prof. Dr. Hugo Assmann pelo apoio, dedicação e seriedade na orientação.

A minha namorada Patrícia, pela compreensão que teve e o incentivo que me deu.

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio e gratidão, por mais distante que eles estejam, mas suas dedicações eram constantes.

Aos professores que me motivaram nesta luta acadêmica nas disciplinas cursadas e na elaboração desta dissertação, os meus sinceros agradecimentos.

Aos diretores, professores, funcionários das unidades escolares, em que estive presente como educador e pesquisador.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo desenvolver um estudo com adolescentes. Nesta perspectiva elaborei três questionários, sendo que cada um deles tem sua relevância na busca de significados à respeito do dia-a-dia do adolescente. O primeiro questionário é de maior significância, foi desenvolvido com 1050 alunos adolescente, em três escolas estaduais, no interior de São Paulo. No período de agosto de 2001 a agosto de 2002. Este questionário visa relatar o cotidiano do adolescente.

O segundo questionário tem como meta analisar o perfil dos alunos adolescentes referente à escolha profissional e o último questionário tem como objetivo específico observar como as pessoas que estão inseridas no contexto escolar, principalmente os alunos, percebem como está a escola atual? E por outro lado, busco fortalecer como seria a escola ideal, a escola de nossos sonhos? Há uma vontade enorme entre as pessoas que participaram deste estudo de desenvolver novos significados, visando construir uma educação de qualidade, que forme cidadãos críticos na luta por uma vida melhor e humana.

A análise dos resultados é de suma relevância, porque visa o cotidiano do adolescente e suas alternâncias. O adolescente vive em constante tensão, por ser um período de transição.

Nessa transição que leva o adolescente a viver em crise de identidade, destaco a Teoria Psicossocial de Erikson (1976), que enfatiza esta questão, dando sentido a ela. Crise na adolescência é natural, normal, são elas que o fortalecem a desenvolver sua própria identidade com maior consistência. Pois sem elas o adolescente teria sérios problemas e não conseguiria obter uma identidade sólida,

viveria o resto de sua vida sem dar sentido a própria vida. Para Erikson o caminho ideal é dar ao adolescente uma moratória psicossocial, sendo assim, ele pode almejar por uma identidade satisfatória.

ABSTRACT

The present work has as an objective to develop a study with adolescents. In this perspective I elaborated three surveys, each one has its relevance in the search of meanings about the adolescent's day by day. The first questionnaire is of bigger significance, it was developed with 1050 adolescent students, in three public schools, in Sao Paulo's country. In the period of August, 2001 to August 2002. This questionnaire targets to describe the adolescent diary life.

The second survey has as a goal to analyze the profile of the adolescent students concerning the professional choice and the last one has as an specific objective to observe how people who are inserted in the school context, mainly the students, realize how the current school is. And on the other hand, I search to emphasize how would the ideal school be, the school of our dreams. There is an enormous willing among people who had participated on this study of developing new meanings, aiming to build an education of good quality, that makes critical citizens in the fight for a better and more human life.

The analysis of the results is of special relevance, because it aims the adolescent diary life and its alternations. The adolescent lives in constant tension, because of being a period of transition.

In this transition that takes the adolescent to live an identity crisis, it's outstanding the Psycossocial Theory of Erikson (1976), that emphasizes this issue, giving it meaning. Crisis in the adolescence is natural, normal, they are what fortify him to develop its self identity with bigger consistency. Therefore without them the adolescent would have serious problems and would not obtain a solid identity, he would live the remaining portion of his life without giving meaning to his own life. To

Erikson the ideal way is giving to the adolescent a psychosocial moratorium, so that he can long for a satisfactory identity.

SUMÁRIO

Lista de gráficos.....	XI
Lista de tabela.....	XII
Lista de anexos.....	XIII

INTRODUÇÃO.....	01
-----------------	----

CAPÍTULO 1

O ADOLESCENTE VISTO POR ELE MESMO.....	05
1.1 – Na visão dos alunos: ser adolescente é.....	08
1.2 – Obstáculos na adolescência.....	15
1.3 – Adolescente, que “bicho é esse”.....	18
1.4 – Os valores entre os adolescentes.....	20
1.5 – Gíria usada entre os adolescentes.....	23
1.6 – Frases que podem ser patais.....	28
1.7 – O adolescente e seus comportamentos.....	30
1.8 – Adolescência: fase das decisões.....	32
1.9 – Adolescência: vivenciando seus lutos.....	33
1.9.1 – O luto pelo corpo infantil.....	34
1.9.2 – O luto pela identidade infantil.....	35
1.9.3 – Luto pelos pais da infância.....	36
1.10 – Lutos parentais.....	38

CAPÍTULO 2

O ADOLESCENTE E A FAMÍLIA.....	40
2.1 – A importância dos pais na formação da personalidade de seus filhos.....	48
2.2 – A pressão dos pais funciona ou não?.....	49
2.3 – O adolescente e seus amigos.....	51

CAPÍTULO 3

O ADOLESCENTE E A ESCOLHA PROFISSIONAL.....	55
3.1 - Escolha profissional segundo Super.....	59
3.2 - Escolha profissional segundo Bohoslavsky.....	61
3.3 - Escolha profissional segundo Grinder.....	63
3.4- Objetivando a escolha profissional.....	65

CAPÍTULO 4

UMA MORATÓRIA PSICOSSOCIAL PARA ADOLESCENTES.....	68
4.1 – O desenvolvimento psicossocial na adolescência.....	72
4.2 – Adolescência e idade escolar.....	75
4.3– Teoria Psicossocial de Erik Erikson.....	77
4.3.1 - Confiança básica versus desconfiança básica.....	77
4.3.2 - Autonomia versus vergonha e dúvida.....	78
4.3.3 - Iniciativa versus culpa.....	78
4.3.4 - Indústria versus inferioridade.....	79
4.3.5 - Identidade versus confusão de papel.....	80
4.3.6 - Intimidade versus isolamento.....	81
4.3.7 - Generatividade versus estagnação.....	82

4.3.8 - Integridade do ego versus desesperança.....	83
4.4 - Análise dos oito estágios do ciclo vital.....	84
4.5 - Crises na adolescência.....	87
4.6 - O adolescente e a crise de identidade.....	88
4.7 - Busca de si mesmo.....	90
4.8 - O adolescente em busca da identidade.....	94

CAPÍTULO 5

O ADOLESCENTE E A ESCOLA.....	99
5.1 - O adolescente e a escola a caminho da democratização.....	99
5.2 - O perfil do profissional na educação.....	101
5.3 - O aluno deve ser motivado.....	105
5.4 - O professor é o alicerce na sala de aula.....	106
5.5 - O olhar do adolescente sobre a escola.....	108
5.6 - A escola que queremos.....	110
5.7 - A escola que temos e a escola que queremos.....	113
5.8 - Análise referente à pesquisa.....	116
CONCLUSÃO.....	118
ANEXOS.....	120
BIBLIOGRAFIA.....	125
SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS.....	128

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: O que os adolescentes mais gostam de fazer?	10
Gráfico 02: Os adolescentes não gostam de fazer?.....	11
Gráfico 03: O que deixa o adolescente feliz?.....	12
Gráfico 04: O que deixa o adolescente infeliz?	13
Gráfico 05: O adolescente e suas perspectivas.....	14
Gráfico 06: Os maiores problemas para o adolescente.....	15
Gráfico 07: As vantagens de ser adolescente.....	18
Gráfico 08: O que os adolescentes mais gostam.....	22
Gráfico 09: Os adolescentes não valorizam.....	23
Gráfico 10: O perfil dos alunos.....	56
Gráfico 11: Relação dos alunos que trabalham.....	57
Gráfico 12: Relação dos sujeitos envolvidos na pesquisa.....	114

LISTA DE TABELA

Tabela 01: Crises Psicossociais de Erikson..... 86

LISTA DE ANEXOS

Anexo 01: a pesquisa relata o dia-a-dia dos adolescente.....	120
Anexo 02: a pesquisa relata o perfil do adolescente referente à escolha profissional.....	121
Anexo 03: a pesquisa relata o perfil da escola atual e da escola ideal.....	122

INTRODUÇÃO

O que despertou-me a escrever sobre a adolescência é o momento presente de minha vida profissional, pois já atuo no magistério há alguns anos e venho percebendo nos alunos adolescentes momentos de crise. Constato que há jovens rebeldes, carregados de emoções, sentimentos opostos e comportamentos incompreensíveis, tanto para os adultos quanto para eles próprios. Os educadores estão enfrentando dificuldades em estar trabalhando e educando-os, por questões de desrespeito, de desmotivação, etc., por parte de alguns alunos que não estão preocupados em adquirir novos conhecimentos. Sendo assim, a escola tornou-se um espaço de lazer e diversão para estes alunos, e não mais um espaço para a aprendizagem, para o conhecimento.

Nesta problemática destaca-se a questão valorativa. Há profundas divergências de valores na vida dos adolescentes e isso causa transtornos e insegurança para os mesmos, na sua participação ativa na escola e na sociedade.

Este trabalho centra-se em três levantamentos de dados¹, com objetivos de ampliar nossos conhecimentos sobre o que os adolescentes pensam sobre si mesmos, nas questões de convivência, relacionamento com os pais, amigos e professores. Enfim, entender o adolescente por ele mesmo.

Como fundamentação teórica a Teoria Psicossocial de Erikson (1976), juntamente com outros autores que utilizam se das idéias de Erikson ou enfatizam a mesma problemática: o adolescente vive constantemente em crise e necessita de uma moratória psicossocial.

¹ No desenvolvimento desta dissertação, houve três levantamentos de dados (três pesquisas) que encontram-se em anexos.

Analiso nesta Dissertação de Mestrado alguns temas relacionados à adolescência, que são:

- O adolescente visto por ele mesmo
- O adolescente e a família
- O adolescente e a escolha profissional
- Uma moratória psicossocial para adolescentes
- O adolescente e a escola

No primeiro capítulo, analiso assuntos tipicamente relacionados aos adolescentes. O modo de vida, seus comportamentos e atitudes. Enfim, o adolescente por ele mesmo. Tenho como referência um questionário aplicado a 1050 alunos adolescentes no período de agosto de 2001 a agosto de 2002, realizado em três escolas públicas no interior de São Paulo.

O questionário tem como meta desvendar os mistérios da adolescência, por adolescentes. Eles enfatizam pontos divergentes, antagônicos. Para alguns adolescentes é a melhor fase da vida, é o período das descobertas, dos prazeres. Enfim, tudo que eles querem é viver, aproveitar o máximo possível este momento. Já outros afirmam que é um período conturbado, pois são tantas as crises em suas vida que acabam ficando angustiados e até mesmo infelizes em algumas situações.

O adolescente vive uma fase de transição. Em momentos de sua vida, tem traços infantis e logo em seguida já almeja ser um adulto, livre e independente. Ele vive seu estilo de vida, enfrenta caminhos divergentes e até antagônicos em função de esclarecer sua trajetória, sua caminhada, em busca de sua realização pessoal e profissional. Por vez, o adolescente busca fortalecer seu ego, sua realização e sua personalidade, mas sente que isto não é fácil.

Para Erikson (1976), o adolescente necessita de uma moratória psicossocial, para que ele possa integrar-se ao meio social sem tantas divergências. Esse período de espera é fundamental e é nesse espaço de tempo que o adolescente vai orientando-se, naquilo que realmente o agrada, o satisfaz.

No segundo capítulo abordarei a vivência do adolescente com a família. É de suma importância a família na vida e na formação da identidade do adolescente. Os pais têm que ser um mediador, um orientador de seus filhos e nunca impôr seus valores, gostos. Dar a eles mais liberdade, autonomia, mas com moderações, limites. Foi enfatizada também a convivência dos adolescentes na roda de amigos. Eles se valorizam, confiam um no outro, envolvendo-os em suas atividades. Tendo o grupo de amigos como fator primordial, vivem a maior parte do dia com eles, conversando, paquerando, enfim, é do lado deles que são felizes.

No terceiro capítulo enfocarei as perspectivas do adolescente referentes à escolha profissional. Esse é um momento importante e confuso para o adolescente. É o período em que se deve escolher a carreira profissional. A maioria dos adolescentes não está apta, preparada para escolher seu caminho profissional, por diversas razões. Os motivos serão desenvolvidos adiante, com mais clareza e fundamentações lógicas de alguns autores.

Destaco neste capítulo uma pesquisa com 121 alunos adolescentes, da terceira série do Ensino Médio. Tendo como objetivo analisar se o adolescente está preparado para o mercado de trabalho. E o que ele pensa a esse respeito. Percebe-se que a maioria dos adolescentes tem dúvidas na hora de escolher a carreira profissional.

No quarto capítulo enfoco a Teoria Psicossocial de Erikson (1976), com o objetivo de desenvolver uma moratória psicossocial ao adolescente. Percebo nas conversas com os alunos que eles acham importante que os pais lhes dêem uma moratória. Não compensa os pais obrigarem seus filhos a fazer algo sem que eles estejam convencidos, de acordo. Por isso, é fundamental haver uma moratória para os adolescentes, porque eles não estão preparados para enfrentar os desafios que a vida lhes impõe. Assim, eles podem, aos

poucos, ir formulando sua própria identidade, superar com mais facilidade suas crises, seus conflitos, em prol de uma vida mais saudável e realizada.

Enfatizo também como acontece o desenvolvimento psicossocial no ser humano, segundo a teoria psicossocial de Erikson (1976). Percebe-se que o adolescente vive um período de transição, ora está satisfeito com a vida, feliz e em poucos instantes já é um ser carrancudo e mal humorado. Esse é um período próprio da adolescência, como já disse Knobel (1981), “o adolescente vive uma síndrome normal”.

Como último capítulo desenvolvi com os alunos adolescentes uma pesquisa envolvendo a direção, professores, alunos, funcionários e os pais de alunos. O objetivo desta pesquisa é analisar como as pessoas percebem e pensam a escola atual. Como ela está? Quais são os pontos positivos e negativos na escola? E ao mesmo tempo foi perguntado aos entrevistados: como seria a escola ideal, a escola de nossos sonhos?

Percebe-se que todos os sujeitos que participaram desta entrevista destacam a importância de haver uma reformulação na educação. Porque da maneira que está, fica difícil fazer um bom trabalho e os alunos saem perdendo. Os integrantes que se envolveram neste estudo almejam uma escola que vise o bem estar de todos da unidade escolar, principalmente o aluno. Que tenhamos uma educação de qualidade visando a integridade do ser humano, tornando-o um cidadão crítico e participativo.

CAPÍTULO 1

O ADOLESCENTE VISTO POR ELE MESMO

A adolescência é intrínseca ao desenvolvimento do ser humano. Todas as pessoas têm de encarar essa fase da vida, porém, são poucas as que conseguem usufruir uma vida tranqüila, com princípios que visem o bem estar de si mesmo, sem muitas divergências. É na adolescência que o ser humano começa a desvendar os segredos, a descobrir os prazeres da vida, a quebrar preconceitos sobre o amor, alegria, ódio, vícios, virtudes e enganos que a vida propicia.

Na linguagem popular, diz-se que os adolescentes são rebeldes. Na verdade, a rebeldia está ligada à situação vivida por cada pessoa em determinado momento da vida. Ela é em muitos casos, apenas um ato de protesto ou um ato de glorificação perante os amigos.

Na adolescência, o jovem vai adquirindo sua índole, sua característica própria, num período conturbado, em que ele deve se encaixar numa sociedade individualista, complexa, sendo que o adolescente é julgado pela aparência, por seu estilo de vida, tendo dificuldade em encontrar espaço para comunicar, opinar seus anseios.

O adolescente busca liberdade, independência. Sem saber ainda como, nem das premissas para tal alcance, acaba, muitas vezes, contrariando os ideais dos seus pais.

Querem usufruir seu espaço, seja formando um novo grupo de amigos, no qual vão moldando novos comportamentos e adaptando seu estilo de vida ou seja dentro de casa, buscando mais espaço nas discussões e tomada de decisão da família.

Enquanto alguns adolescentes buscam um espaço maior para serem respeitados, outros se tornam introspectivos, vivendo num mundo próprio, sem participar de grupos sociais, não se importando com a opinião de outras pessoas a seu respeito. Esses adolescentes preferem viver dessa forma e aproveitar a vida de acordo com seu próprio estilo. Essa decisão pode levar o adolescente a viver num mundo irreal, onde reinam, por exemplo, droga, sexo e rock n'roll.

O adolescente é, por natureza, audacioso. Busca compreender o mundo e a sociedade da sua maneira, tentando modificar os organismos de acordo com seus ideais. Percebendo que é difícil mudar e compreender o mundo, então, passa a viver seu próprio estilo. Nesta perspectiva, os jovens passam a ser notados pela sociedade, em muitos casos como pessoas anormais, irresponsáveis, que não levam a vida a sério. Mas é preciso analisar a condição dos adolescentes: será que eles não estão fazendo um mundo todo particular, utilizando-se de recursos não convencionais para sobreviver num mundo em que não são compreendidos e do qual não compreendem ainda muitas coisas?

A partir do momento em que o adolescente vai descobrindo o mundo, começando a entender-se como pessoa, como ser humano, instintivamente vai questionando o estado das coisas, o funcionamento dos sistemas sociais e tudo o que está à sua volta. É comum, em muitos adolescentes, existir um desequilíbrio entre a sua utopia e a realidade. A utopia do adolescente vai ao encontro de um mundo melhor, seja pela existência de um emprego decente para trabalhar, pela oportunidade da universidade ou por questões mais complexas como a fome, as doenças, o rumo da humanidade, a política, a existência de Deus, etc.

Ferreira (1995) conclui que

“o papel social dos jovens está ligado ao seu desejo de transformar o mundo. Eles têm consciência de que, individualmente, são impotentes para consegui-lo. Consideram-se responsáveis e desejariam mudar a situação, lembrando que todos devem cooperar. Mas consideram que não adianta cada um fazer a sua parte, se o governo não fizer a sua... Acreditam numa ação coletiva para melhorar o país” (1995:163).

Na verdade, o adolescente quer mudar o mundo de seu modo, mas ao se deparar com os obstáculos maiores que o cercam, constrói o seu próprio, um mundo onde tristeza e melancolia dão lugar à alegria, sorrisos, festas, e de uma forma ou de outra, é nesse contexto que ele vai viver, num mundo, aos seus olhos, sem injustiças, problemas sociais, desigualdades ou desamor.

Alguns adolescentes chegam a pensar que são revolucionários, carregam a bandeira da mudança radical e começam almejando, planejando a mudança de coisas que estão no dia a dia: a escola, a própria família e o grupo de amigos. O adolescente não aceita as coisas do jeito que estão e exige mudanças de forma que possam torná-las satisfatórias à sua estadia em determinado lugar. Grande parte dos alunos não aceita as regras da escola que freqüentam, não compreende a metodologia de ensino dos professores e, como forma de protesto, atrapalha a aula, os colegas, às vezes elevando sua insatisfação a proporções maiores. Por exemplo, com agressão física aos colegas e professores ou soltando bombas na escola, etc.

Quando os adolescentes sentem-se indignados com situações problemas de difícil solução, podem “cair em tentação” e experimentar drogas, por exemplo, que eles chamam de “remédio para seus males”².

1.1 – Na visão dos alunos: ser adolescente é

² Alguns alunos adolescentes destacaram esta questão “remédio para seus males” no questionário respondido por eles.

Ao trabalhar com adolescentes em sala de aula, percebem-se divergências em suas atitudes. Alguns vão à escola com entusiasmo para aprender, buscar novos conhecimentos, significados. Outros não estão preocupados em aprender, querem apenas sentir satisfação em: tirar a concentração dos professores, chamar atenção com suas brincadeiras, normalmente de mau gosto, com o cinismo estando presente na maioria dos casos.

Em relação à maneira, ao modo de ser de cada adolescente, foi elaborado um questionário referente à sua vida e costumes (ver anexo 01). Os alunos são de escolas públicas, nas cidades de Capivari – SP, Rafard –SP e Rio das Pedras – SP. Os dados foram colhidos no período de agosto de 2001 a agosto de 2002³. Num total de 1050 alunos⁴.

Na elaboração do questionário analisam-se algumas bibliografias, por exemplo, Zagury, 2000 e Buratto; Dantas; Souza, 1998, mas principalmente minha experiência profissional de estar trabalhando com os adolescentes desde 1997. As perguntas foram de nível dissertativo. Eles responderam às questões a partir de sua vivência, dando ênfase aos seus relatos pessoais.

A análise dos dados foi um período longo e cansativo, mas foi da maior importância e relevância para meu trabalho de educador e para a elaboração desta dissertação.

Destaco alguns conceitos que os sujeitos envolvidos na pesquisa têm à respeito do que é ser adolescente:

Ser adolescente é aproveitar a vida ao máximo. Ter conhecimento das coisas boas ou não (Maria, 17 anos)⁵.

Ser adolescente é buscar a satisfação na vida, sem responsabilidade, poder sair, viajar, fazer cursos, namorar e ser feliz (Cristiane, 17 anos).

³ Os alunos responderam ao questionário em sala de aula, sendo todos meus alunos. O tema estudado no momento era adolescência.

⁴ Os alunos são de ambos os sexos. Não houve distinção entre os sexos. São todos alunos do Ensino Médio, no período da manhã e noturno. Somente as classes em que estou trabalhando responderam ao questionário.

⁵ O nome dos alunos citados é fictício.

Adolescência é um período muito bom, é o momento de descobrir novas coisas, a vida e pensar em si mesmo (Marcelo, 18 anos).

Adolescência é um caminho de decisão. O adolescente escolhe qual quer seguir (Marcos, 16 anos).

Ser adolescente é saber viver a vida de uma maneira saudável e aproveitar todos os momentos que a vida nos oferece (Juliana, 19 anos).

Grande parte dos adolescentes vive em busca de suas realizações, pois acha a adolescência um período maravilhoso. É o momento que estão vivendo, aproveitando a vida. Já para outros, não está sendo tão fácil assim, acham complicada a vida, as crises são constantes. Destaco aqui a opinião de alguns adolescentes. Tendo em vista o que eles pensam sobre o que é ser adolescente:

Ser adolescente é uma fase chata, complicada, sensível e confusa (Anderson, 16, anos).

Ser adolescente é uma fase difícil, pois, você não é considerada adulta e nem criança (Simone, 18 anos).

Ser adolescente é ser confuso, estar sempre interrogando, querendo saber o porquê das coisas (Leticia, 17 anos).

O adolescente tem que saber compreender-se a si mesmo, suas dificuldades e refletir sobre o seu futuro (Amanda, 18 anos).

Adolescência é o começo das responsabilidades (Ricardo, 17 anos).

Em média, 80% dos adolescentes pensam que viver é o melhor caminho. Ser adolescente, sem compromissos, sem responsabilidades. Viver a vida em seu estilo próprio, caminhar com suas próprias pernas, estar com os amigos, conversando com eles, ouvindo

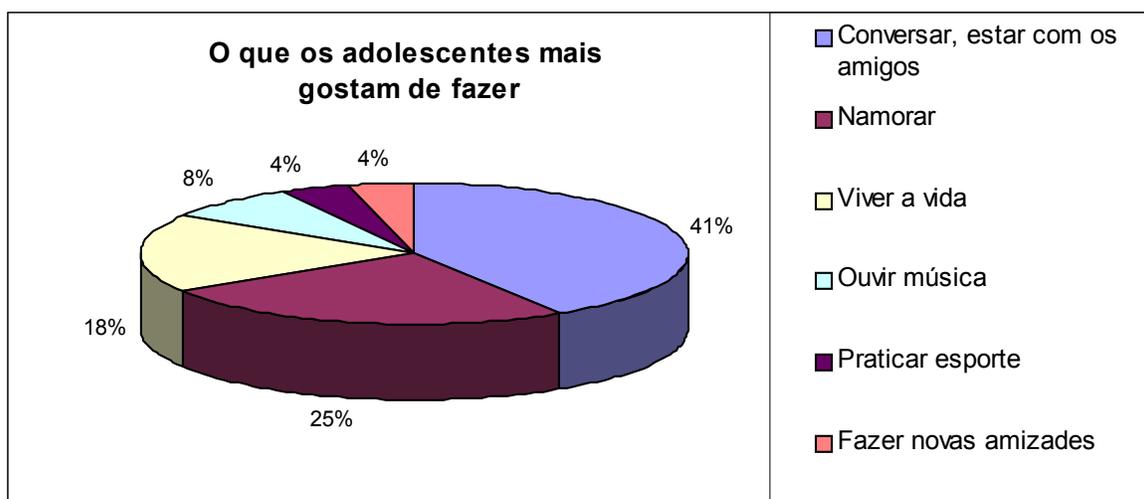
música, namorando. Essas são as características mais importantes na vida dos adolescentes. É o que eles gostam de fazer e sentem-se realizados, por estar ao lado de alguém.

O grande medo que os adolescentes têm é em relação aos amigos, o receio de ser rejeitados por eles, por isso vivem grande parte do dia com seus amigos, colegas, deixando de lado até mesmo seus pais. Preferem estar ao lado dos amigos porque são ouvidos, respeitados e compreendidos. E os pais normalmente os criticam, não conversam abertamente e não os entendem. Assim, a companhia dos amigos é mais agradável e interessante.

Segundo os dados obtidos na pesquisa com alunos adolescentes, constatou-se que eles gostam mais de estar com os amigos, namorar, sair sem compromisso, ouvir música e outras situações agradáveis que os façam felizes, tais como: praticar esportes, fazer novas amizades.

No gráfico abaixo relato os dados obtidos com os adolescentes sobre o que eles mais gostam de fazer:

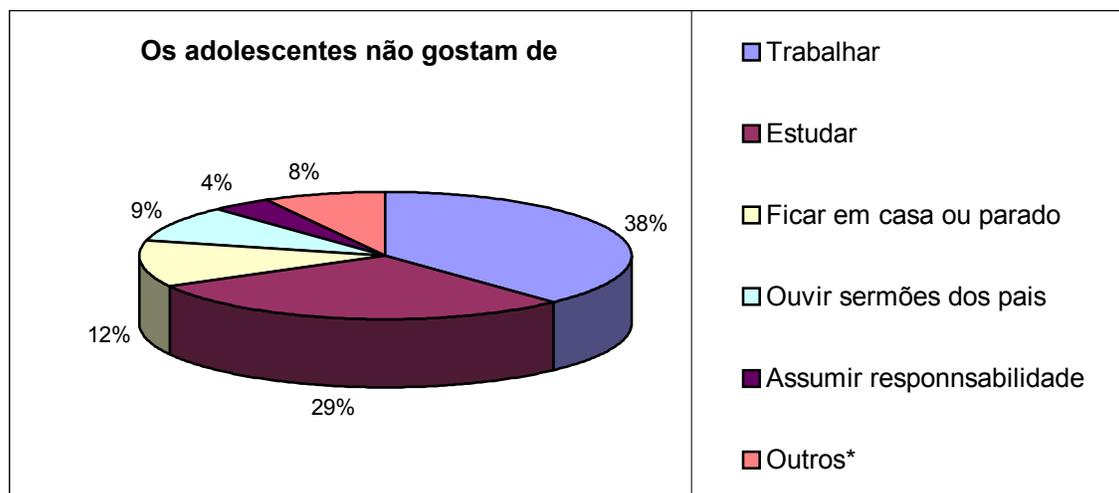
Gráfico 01



Por outro lado, os adolescentes não gostam, ou ficam chateados, angustiados com as situações presentes no seu contexto habitual. Eles abordaram alguns itens que detestam fazer, sendo trabalhar, estudar, ficar em casa, ouvir sermões dos pais, assumir responsabilidades os itens mais abordados. Outros itens menos citados foram: andar mal vestidos, acordar cedo, brigar, não gostam de fazer a vontade dos outros, conciliar escola e trabalho, tomar decisões difíceis, perder amizades e ser responsáveis.

Em forma de gráfico destaque os dados referentes à pesquisa, do que os adolescentes não gostam.

Gráfico 02

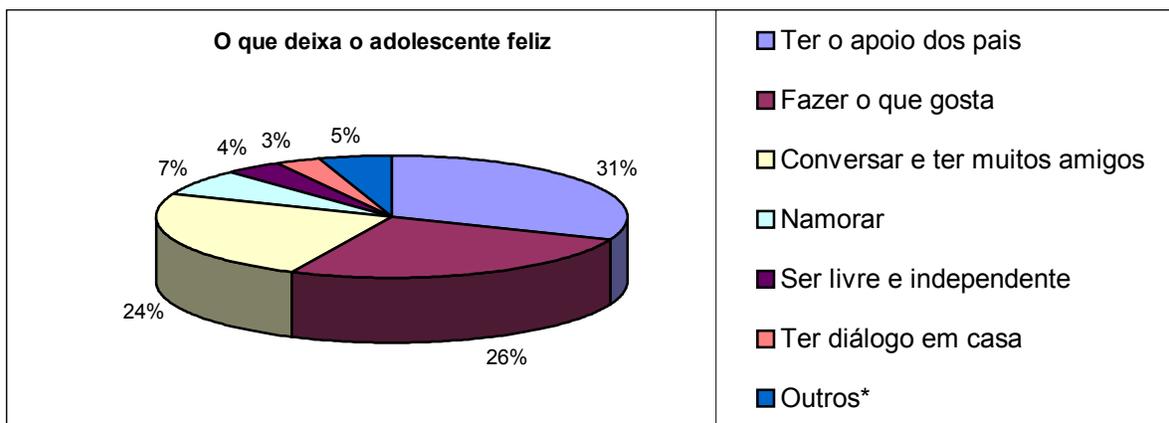


Outros - Andar mal vestidos, acordar cedo, não gostam de fazer a vontade dos outros, brigar, conciliar escola e trabalho, tomar decisões difíceis.*

Nesta mesma linha de pensamento foi perguntado aos adolescentes o que os deixa felizes ou infelizes. O que mais agrada ao adolescente e os deixa felizes é ter o apoio dos pais, fazer o que gostam, sair, conversar com os amigos, ter muitos amigos, namorar, serem livres, independentes, ter diálogo em casa. Outras coisas menos citadas, mas de grande importância são: estar de bem com a família, estar apaixonados (as). Percebe-se que os adolescentes desejam uma família compreensiva, que esteja ao seu lado,

apoiando, valorizando, não apenas criticando ou impedindo-os de fazer o que gostam. O que querem mesmo é ser felizes. Mas é preciso que os pais os entendam e compreendam.

Gráfico 03

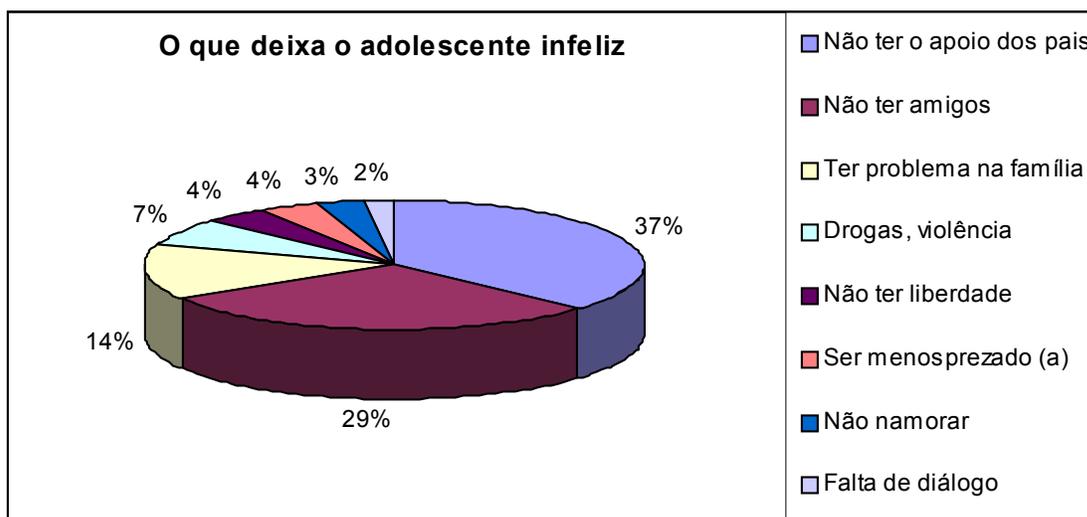


Outros - Estar de bem com a vida ao lado da família, estar apaixonados (as).*

O que os deixa infelizes e angustiados são: não ter o apoio dos pais, não ter amigos, problemas na família, drogas, violência, serem menosprezados, não ter liberdade, não amar, falta de diálogo. Esses são os maiores problemas que angustiam os adolescentes, pois estão vivendo em busca de suas realizações. Nessa ocasião, eles têm dificuldade de se descobrir, principalmente quando os pais os abandonam, não dando atenção aos anseios e desejos de seus filhos.

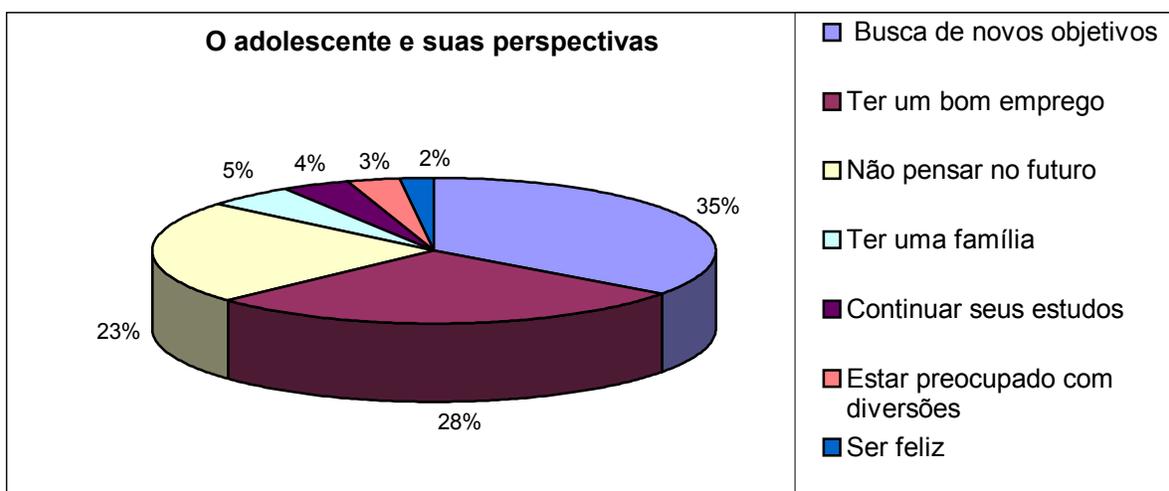
Elenco os maiores problemas enfrentados pelos adolescentes, neste gráfico. Estes são os fatores predominantes que os deixam infelizes.

Gráfico 04



Quando se fala das perspectivas dos adolescentes, notam-se divergências entre eles. Alguns almejam alcançar suas metas, objetivos, tendo o estudo como o melhor caminho para atingi-los. Estes vêm à escola com propósitos, querem aprender e conquistar um espaço na Universidade. Para esses alunos, só é possível ter um bom emprego futuramente se estudarem. Estar qualificadamente preparados para o mercado de trabalho não é tarefa fácil, mas é essencial nessa globalização.

Gráfico 05



Segundo os dados obtidos no primeiro questionário 23% dos adolescentes não estão preocupados com o futuro, vivem o momento. O presente é tudo para eles, o que importa é “curtir” o momento, fazer o que gostam, não esperar o amanhã. Pois, para eles o mundo é complexo, confuso, distante de sua realidade, então eles não pensam em nada significativamente, não querem “nada com nada”. Vivem por viver, não se importam com o amanhã. O futuro é algo incerto, indefinido, então, porque ficar preocupado com ele, se o melhor e prazeroso é viver o presente, o momento, “viver a vida” do jeito que achar melhor, sem pensar nas conseqüências?

O adolescente, por mais rebelde que seja, vive sua vida, criticando as coisas e os pais pelo modo de serem. Criticam sem fundamento, pois é propício a eles ter esses sintomas. Knobel (1981) enfatiza que *”os adolescentes vivem uma síndrome normal”*.

O adolescente vive o maior tempo de sua vida com os amigos, (ver gráfico 01) na escola, no lazer ou em casa. Sendo mais importante e primordial a família (ver gráfico 08). A maioria deles valoriza e acredita, em primeiro lugar, em seus pais.

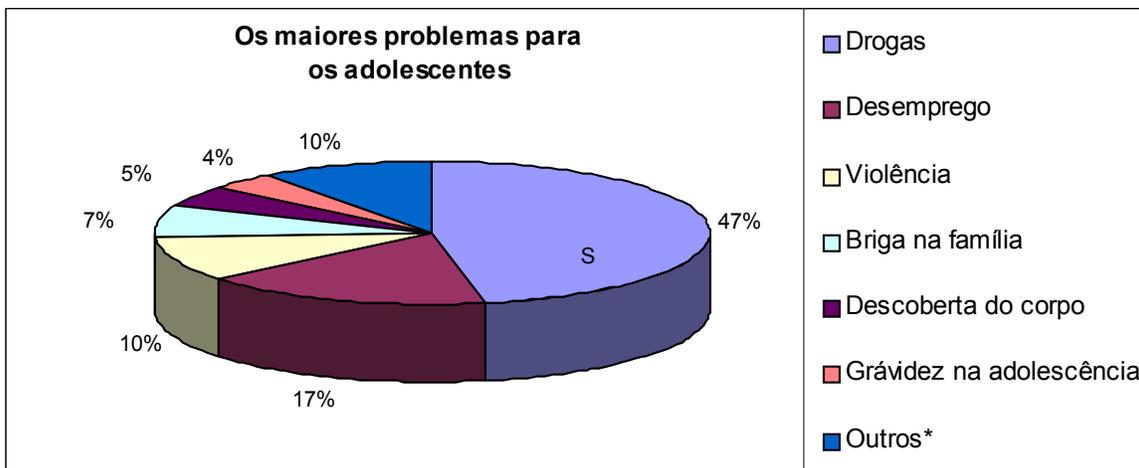
1.2 – Obstáculos na adolescência

A sociedade na qual o adolescente vive e também nós vivemos é marcada pela violência, pela corrupção, pelos constantes conflitos nas famílias e pela maciça presença e oferta de drogas, que geram nos indivíduos inquietação, questionamentos e confusão de pensamentos e identidades.

Na elaboração do questionário, foi abordada uma questão relativa aos maiores problemas que os adolescentes enfrentam. Eles destacaram os pontos mais relevantes: sendo as drogas o maior desafio. Em seguida vêm o desemprego, a violência, as brigas na família, a descoberta do corpo, a gravidez na adolescência e outros menos abordados como: o sexo, assumir os erros, a falta de diálogo, a timidez, a rebeldia, a incompreensão, ser responsável, amar, brigar com os (as) amigos (as), as espinhas são os fatores relatados pelos alunos adolescentes como os mais críticos a serem superados.

Este gráfico representa de forma mais detalhada, os grandes desafios e problemas que os jovens enfrentam.

Gráfico 06



Outros - Diversos fatores foram abordados pelos alunos sobre a questão dos problemas vivenciados pelos adolescentes. Esses foram os fatores menos abordados. O sexo, assumir os erros, falta de diálogo em casa, timidez, gravidez, rebeldia, ser responsável, amar, brigar, com os (as) amigos (as), espinhas.*

O adolescente preocupa-se com o vestibular, com a carreira profissional, fica confuso com que atitudes tomar, o que fazer, como fazer, quais recursos deslocar para alcançar seus objetivos. Qual a melhor opção? “O que eu quero para o meu futuro?” Por outro lado, eles querem e necessitam, “curtir a vida”, aproveitar a fase repleta de novos conhecimentos e novas descobertas. É nesse período que começam a aparecer constantemente em suas vidas cobranças e mais cobranças, sejam da sociedade exigindo uma postura para o mundo; sejam dos pais que orientam ou deixam de fazê-lo para o desenvolvimento nas atitudes adultas. Nesta situação, muitos adolescentes, sem o apoio ou acompanhamento dos pais que são necessários para o desenvolvimento e superação dos obstáculos, optam por caminhos obscuros que em muitos casos, podem levar às drogas, à violência ou à prostituição.

Depois de não atingir alguns dos objetivos tão almejados pela juventude, seja o primeiro emprego ou uma vaga numa universidade pública, vários adolescentes acreditam que fracassaram de alguma forma, e buscam na euforia das drogas a força que lhes permitirá superar as falhas.

Em alguns casos, o adolescente é julgado pela sociedade e por sua família como um jovem rebelde e revoltado, que é incapaz de levar a sério suas novas responsabilidades. Sendo assim, ele passa a ser discriminado, não valorizado como deveria ser por grande parte da população. Nesta situação um grupo de alunos adolescentes da terceira série do Ensino Médio de 2002 da Escola Padre Fabiano J. M. de Camargo, da cidade de Capivari, diz que “*Não se pode, contudo, confundir rebeldia com aventura*”. Porque o jovem adora viver suas aventuras, “a adrenalina no maior vapor”, e isso causa confusão, por que muitas pessoas não entendem e não admitem que os adolescentes sejam assim, vivendo intensamente na maior curtição e agito. Tudo isso é sinal de estar de bem com a vida.

Knobel (1981) enfatiza que os adolescentes necessitam de um maior apoio, de acompanhamento em prol de uma vida mais agradável e realizada. Por isso é fundamental que os adolescentes sejam ouvidos, respeitados em sua dimensão, mas também é essencial que tenham limites.

“A prevenção de uma adolescência difícil deve ser procurada com a ajuda de trabalhadores de todos os campos do estudo do homem, que investiguem para a nossa sociedade atual as necessidades e os limites úteis que permitam a um adolescente desenvolver-se até um nível adulto. Isto exige um clima de espera e compreensão, para que o processo não se demore nem se acelere. É um momento crucial na vida do homem e precisa de uma liberdade adequada, com a segurança de normas que lhe possam ir ajudando a adaptar-se às suas necessidades ou a modificá-las, sem entrar em conflitos graves consigo mesmo, com seu ambiente e com a sociedade” (1981:22).

Os adolescentes devem ser compreendidos pela sociedade e, principalmente pelos pais. É na figura dos pais, atentos de amor, carinho, diálogo intenso e franco, que os filhos vão desenvolvendo suas responsabilidades e a

consciência dos seus compromissos. Talvez adolescentes conscientes, que são compreendidos pelos pais, possam ter maior facilidade em superar as pressões que a sociedade lhes impõe.

Se estes adolescentes puderem ter maiores perspectivas de uma vida melhor, através da luta constante na busca de novas oportunidades nos estudos, no trabalho, realizar-se-ão pessoalmente e profissionalmente, garantindo a estabilidade física e psicológica necessárias ao seu próprio desenvolvimento e crescimento. Todo adolescente é capaz de superar seus obstáculos, alguns têm mais facilidade e para outros é difícil obter seus resultados positivos. Vivem grande parte de seu tempo preocupados em encontrar saídas para seus problemas.

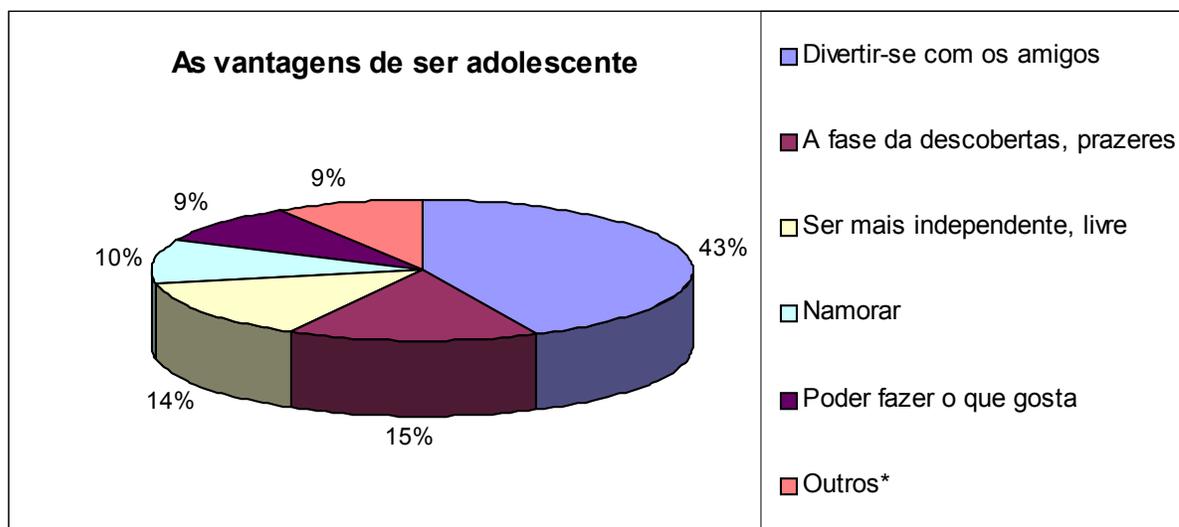
1.3 – Adolescente, que “bicho é esse”

Para alguns adolescentes essa é a melhor fase da vida. É nesse período que o adolescente começa a traçar seus objetivos, desenvolver suas habilidades, competências, encontrar um estilo de vida e estabelecer um relacionamento mais consistente com as pessoas.

Nesta perspectiva, relato as vantagens de ser adolescente, segundo eles. Os adolescentes que participaram desta amostragem destacaram alguns itens importantíssimos que fazem deste período a melhor fase da vida. Um dos pontos mais destacados é poder divertir-se com os (as) amigos (as), este é um dos fatores essenciais para seus relacionamentos, sendo destacado e valorizado por 43% dos adolescentes. Outros fatores destacados são: adolescência é a fase das descobertas, dos prazeres, ser mais independente e livre para namorar, poder fazer o que gosta.

Relato estes dados em forma de um gráfico para uma melhor resolução e clareza da importância de ser adolescente.

Gráfico 07



Outros - Estar despreocupado com os compromissos, “curtir a vida” sem ter medo de errar, estar do lado dos amigos, viver a vida da melhor forma possível.*

“Adolescência: a melhor fase da vida”. Está é a afirmação da maioria dos adolescentes. Eles vivem este período com grande entusiasmo, aproveitando todos os momentos de sua vida com máxima euforia, buscando sempre novas amizades, enfrentando desafios, mas sempre vivendo em seu estilo próprio, sem se preocupar, o que importa é viver.

Para outros adolescentes torna-se a fase mais difícil, na qual surgem divergências, preocupações, relacionamentos amorosos. Nesse momento os questionamentos são mais freqüentes na vida do adolescente. Por exemplo, “ficar”

ou namorar? Transar ou não? Estudar? Trabalhar? São perguntas que angustiam cada adolescente. Outros problemas envolvendo questões culturais, psicossociais e até políticas vão surgindo. Cabe aqui citar o comportamento e atitudes anti-sociais dos adolescentes, as discussões com os pais, que muitas vezes, acabam por ser o repertório cotidiano desses indivíduos.

Vivendo uma situação de angústia, o adolescente fica confuso, perdido e, muitas vezes, não encontrando saída ou solução para seus problemas, vai ao encontro das drogas como fonte de segurança e auxílio.

Por caminhos mais harmoniosos, sob orientação da família, o adolescente desenvolve a auto-responsabilidade para superar os desafios do seu verdadeiro mundo. Em depoimento, a aluna Maria da 3ª Série do Ensino Médio da Escola Padre Fabiano J.M. Camargo, 2002, relatou.

“O adolescente que é responsável, compreende as diversas situações, este provavelmente será mais feliz, mais autêntico. Por outro lado, aquele que age mais por impulso, sem pensar nas conseqüências, na repercussão da sua conduta, poderá viver um futuro incerto, pois há grande probabilidade de ser um adulto fracassado e infeliz” (Maria, 17 anos).

Portanto, é na adolescência que cada indivíduo define sua personalidade, seu estilo de vida, sua realização. É fundamental que o adolescente comece a organizar-se, estruturar-se, estar consciente de seus atos nos aspectos profissional, psicossocial e afetivo.

Ferreira (2001) enfatiza a importância do adolescente desenvolver suas aptidões porque

“... crescer consiste em aprender a ser independente dos pais e outros adultos significativos. Ao se compreender que o adolescente

precisa de liberdade para ser ele mesmo, escolher seus amigos e preservar a intimidade de seus pensamentos e sentimentos, entende-se que ele não luta contra os pais, mas a favor de seu crescimento” (2001:70).

Nesta fase da vida é comum encontrarmos adolescentes vivendo em grupos. Podemos perceber em nossa sociedade diversos grupos de jovens, por exemplo: os “nóias”, os “cdfs”, os “largados”, os “rappers”, os “pagodeiros”, “roqueiros”, “peões”, “patricinhas”, “mauricinhos” e outros. Todos eles são jovens que se identificam com um estilo. Esses grupos são fundamentais para cada um. Neles convivem pessoas que obtém comportamentos semelhantes. Isto vem fortalecer cada um, nos momentos de conflito de dúvidas ou até mesmo na alegria. Aqui é o espaço onde os jovens confiam uns nos outros, onde há diálogo aberto entre eles, talvez o diálogo que lhes falte em casa.

1.4 – Os valores entre os adolescentes

Os adolescentes são taxados pela sociedade de rebeldes, de preguiçosos, não querem “nada com nada”, enfim, uma série de pejorativos. Ser adolescente é viver a vida da melhor forma possível, sendo que em alguns casos, isso pode não ser o mais agradável a seus pais, à sociedade, mas para ele é o princípio de uma nova vida. Ele faz qualquer coisa para seguir seus objetivos. Em alguns casos a opinião dos pais não é levada em conta. O adolescente sempre dá seu “jeitinho” para conseguir seus desejos.

Os adolescentes brigam, discutem com seus pais, fazem a maior “bagunça”, fazem de conta que os pais não existem. Querem liberdade e

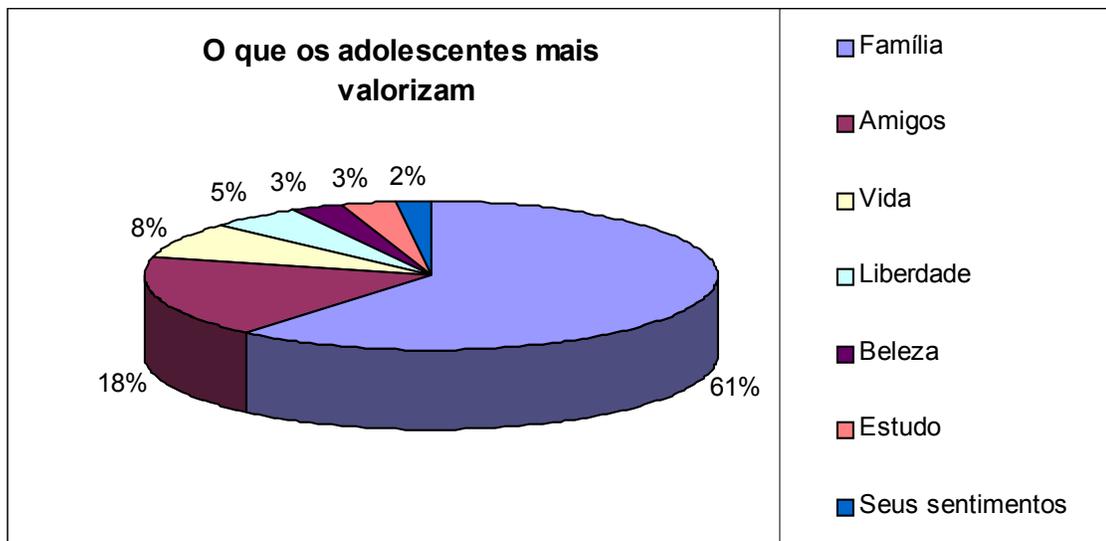
autonomia. Mas são os pais e a família que eles mais valorizam. 61%⁶ deles têm a família como maior princípio, é nela que os adolescentes confiam e respeitam.

A família é, para eles, o principal instrumento de amor, confiança e fidelidade e o segundo ponto de referência para 18% deles são: os amigos. Eles vivem a maior parte de suas vidas com os amigos mas, na hora "H" vão buscar auxílio na família. Os adolescentes também abordaram outros fatores valorizados por eles, sendo: a vida, a liberdade, a beleza, os seus sentimentos. Porém, um item me chamou a atenção, é a questão da valorização da vida, alguns deles enfatizaram a importância de respeitar e valorizar a vida, mas por outro lado um número ainda maior não respeita a vida. Eles dizem que, "eu vou morrer mesmo, tanto faz hoje ou amanhã". Então "vou viver a vida no meu estilo próprio", por exemplo, usando drogas.

Neste gráfico aparecem os grandes valores para os adolescentes. Eles citam alguns valores considerados de máxima valia.

Gráfico 08

⁶ Ver gráfico 08 com maiores detalhes.



Por outro lado, eles não valorizam a droga, sendo o principal eixo de desleixo, não dando a mínima, por ser algo que traz sérias conseqüências a sua própria vida e de seus familiares, um total de 52% afirma que as drogas são algo completamente prejudicial a saúde.

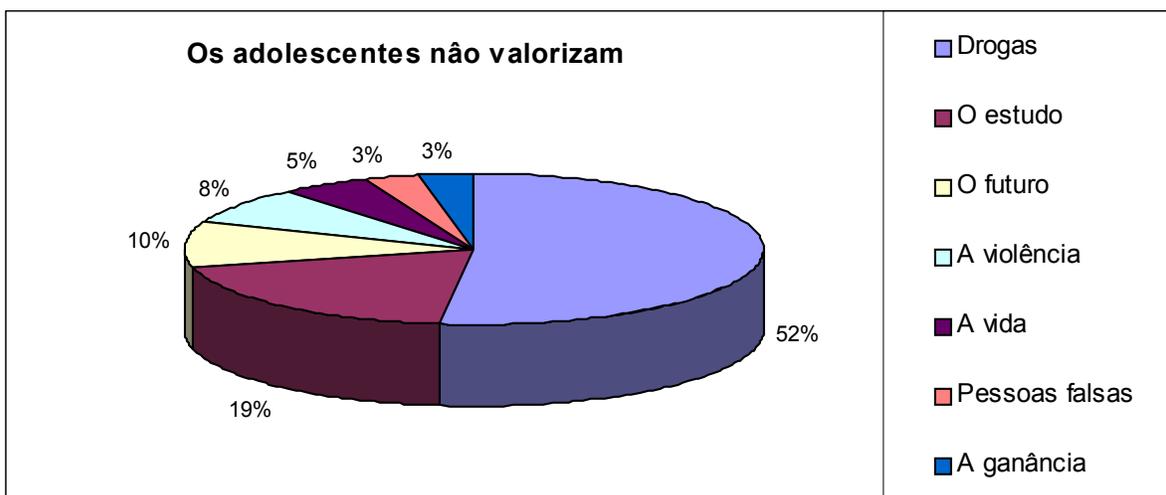
Destaco a opinião de dois adolescentes que dizem que droga é droga que faz mal a si mesmo e à família.

Quem usa droga é um bobo, porque está acabando com sua própria vida (Pedro, 17 anos).

Não use droga, use a inteligência (Sandra, 16 anos).

Outros fatores não valorizados pelos adolescentes são: o estudo, o futuro, a vida, a violência, a ganância e pessoas falsas.

Gráfico 09



O gráfico 09 relata o que os adolescentes não valorizam e quando valorizam é porque são obrigados, como o estudo, por exemplo. Eles não gostam de estudar, mas sabem que isso é fundamental, então eles estudam por esse motivo e os próprios pais obrigam o (a) filho (a) a estudar.

1.5 – Gíria usada entre os adolescentes

As gírias entre os adolescentes são um meio de se comunicar com outras pessoas usando palavras não tradicionais, mas que obtêm os mesmos significados. As gírias são códigos entre os adolescentes, caso estejam conversando com alguém e chegue um outro, este não entenderá o que eles estão falando, principalmente os pais. Esta é uma forma de se comunicarem sem receios.

Não tem jeito, por mais que se tente escapar da armadilha, vira e mexe surge uma palavrinha nova para classificar os assuntos de namoro, paquera. De tanto ouvir, acabamos repetindo-as. Veja alguns exemplos abaixo:

Gíria usada em relacionamentos⁷:

Amigo escroto: esquisito

Azarar: paquerar

B. o. : sujeira

Banca: lugar

Barato: conversar

Baseado: cigarro, maconha

Bater um fio: telefonar

Béck: cigarro de maconha

Beleza: modo de cumprimentar alguém

Bike: relacionamento do tipo passageiro

Berna: bermuda

Bóia: comida

Bolo de aniversário: homem gostoso

Bombando: estar no centro das atenções, estar no auge.

Bombeta: boné

Boy: pessoa que sempre tem dinheiro

Brotinho: menina nova

Canhão: revolver

Cara barbeiro: é um mau motorista

Cara mané: uma pessoa que se acha esperta, mas não é, é chata

Cara: amigo

Caraça: expressão de espanto, inesperado

Carica: fome

Carreta: cigarro

Catei aquela mina: fiquei com a garota

Chepa: comer

⁷ Os alunos responderam um questionário, sendo uma das questões. Quais são as gírias usadas e significados entre os adolescentes.

Chuchusca: um amor de pessoa

Chuleta: menina bonita

Churila: alguém sem graça

Cipa: quem sabe

Cola na fita: venha aqui!

Com cerveja: com certeza

Cornetá: falar mal

Corneteiro: aquele que fala mal

Cuecão de couro: homossexual

Dar o tombo: cantar a garota e se dar bem com ela

Destesionante: o tipo da pessoa que pode até ser bonito, mas que decepciona
“legal” no primeiro contato

Delícia rasgante: homem irresistível

Deu zica: algum problema

Deu: fez sexo

Dragão: isqueiro

E aí maluco: cumprimentar uma pessoa

E aí, mano, firmeza? Tudo bem com você amigo?

É nós na fita: estamos chegando

Embaçado: complicado, demorado

Emprestou o lagarto: entrou em encrenca

Eu furtei uma bombação: estou em ótimo estado

Eu tô às pampas: sossegado

Fala sério: falar a verdade

Fala, nêga: fala, menina

Fale aí: comente

Falou! tchau

Farinha: cocaína

Fica frio: não se preocupe

Ficante: é uma pessoa com quem a gente vai ficando, quando encontra nas festas e nos eventos, sem compromissos

Ficar, sair: dar uns beijos

Ficar: relacionamento de curtíssima duração, sem nenhum compromisso

Ficou mexido: mexeu com o sentimento da pessoa

Firmeza: está tudo bem

Flashback: relembrar momentos importante de amor, sentimentos

Fuck Friend: amigo mais íntimo com quem se pode transar

Gambé: policia

Goró: bebida

Jaca: pessoa gorda

Lebre: mulher ligeira, que pode sair com outro homem

Lixo: pessoa imprestável

Lupa: óculos de sol

Magra pra carraca: estar em forma, ter um belo corpo

Manja: entende, sabe

Mano: irmão, amigo

Marmota: uma pessoa que se deixa levar pelos outros, passando por boba

Mico: vergonha

Mina: garota

Mocréia: pessoa feia, horrível

Morô: você está certa deste fato?

Mulher celular: igual a mulher fastfood

Mulher fastfood: mulher fácil, pois sempre anda com microssaias

Na crista da onda: estar por cima, no auge

Negada: turma

Nóia: pessoa viciada

Ô feio: cumprimentar o outro

Os caras: identifica um grupo de pessoas

Os homens: policiais

Paga pau: pessoa invejosa

Pampa: não se intrometa

Pare com o show: pare com a graça

Pegar: dar uns beijos
Peita: camiseta
Pendência: relacionamento que já acabou, mas não definitivamente
Peruca: pessoa que foi traído
Pimbar: transar
Pô meu: que é isso!
Pode crê: uma idéia positiva
Ponta: pessoa com quem se fica eventualmente
Presença de Anita: mulher fácil
Queima campo: mentiroso
Relaxe e goze: fique tranqüila
Relaxo: uma pessoa feia
Renca: um grupo de pessoas
Resenha: conversar
Responsa: responsabilidade
Ripá: transar
Rocha: crack
Rolê: andar
Rolou: deu certo
Sacou: você entendeu
Sai fora: deixa disso
Sai na foto: namorar
Salve: abraço
Sangue bom: uma pessoa legal
Se enforcar: casar
Se liga: preste atenção, acorde para a vida
Só meu: está tudo bem
Sócio: a namorada dele sai com outro
Tá ligado: entendeu
Tá na brisa: está sob o efeito das drogas
Tchutchuca: garota bonita

Tecido fino: cocaína

Tedel: mulher gostosa

Tênis: arma

Tirar um barato: diversão

Tô-de boa: sossegada

Tosca: uma pessoa chata, sem graça

Trampo: trabalhar

Treta: briga, confusão

Trincar o côco: beber de mais

Trocar uma idéia: conversar

Truta: um colega mais próximo, uma pessoa de confiança

Vacilão: uma pessoa que erra muito

Vacilei: não tomar cuidado, “descuidei”

Vadia: prostituta

Vai dar ou tá difícil? Quer sair comigo ou não?

Vai na fé: caminhe tranquilo

Vai se fudê: desejar um mal à pessoa

Valeu: obrigado

Vamos curtir: aproveitar

Vamos dá uns maio: beijos, só aproveitar

Vamos dar um rolê: dar uma volta

Vareio: admiração

Várzea: vagabunda

Você é da hora: legal

Zoeira: bagunça

1.6 – Frases que podem ser fatais

Os pais ou professores ao se relacionarem com seus (suas) filhos (as) ou alunos (as) ou vice versa, é importante haver reciprocidade, por que não basta apenas ser pai ou professor é essencial haver um relacionamento onde todos os participantes sintam-se felizes e contentes. Quando isso acontece, tudo flui em prol de uma vida melhor. Quando há respeito na convivência, sendo em casa ou na escola, as coisas tendem a melhorar, os pais vivem em maior sintonia com os filhos e os professores conseguem obter resultados satisfatórios na aprendizagem. Por isso, que é fundamental pensar antes de agir, principalmente ao proferir palavras ou frases a alguém. Uma simples palavra pode trazer conseqüências desagradáveis a pessoa ou elevar sua auto-estima.

Neste patamar Aratangy (1998), define que:

“a imposição de limites, para ser realmente educativa, tem de passar por um processo de argumentação e conforto em que pais e filhos exercitem sua capacidade de tolerância e de sedução. Embora muitas vezes exasperante, é um excelente treino para o jovem e um desafio para os adultos. A validade de um argumento não é proporcional à intensidade da voz nem ao saldo da conta bancária, embora muitas vezes esse seja o argumento definitivo” (1998:58).

Ao proferir frases ou palavras que soam rancor a alguém, estas podem causar transtornos na vida das pessoas, podendo magoar profundamente quem está ao seu lado, nas proximidades ou de modo geral. Estas causarão rupturas no relacionamento. Por mais difícil que seja convivência, há sempre uma saída favorável a ambas as partes. Nesta ocasião, o diálogo pode ser o melhor caminho a ser percorrido.

Neste caso, abordo algumas frases, por exemplo, que pode nos trazer sintomas desagradáveis, tais como:

Aqui não é pensão!

Aqui quem manda sou eu

Eu não pedi para nascer
Filho de uma puta
Fique na sua
Isso é coisa de adolescente
Mentiroso
Não meta a colher onde não é chamado
O dinheiro não nasce em árvore
Quando eu tinha sua idade...
Se eu tivesse sua idade...
Vagabundo (a)
Vai se fudê!
Você está fazendo essas barbaridades só para chamar a atenção...
Você tem a vida toda pela frente
Você tem que me ouvir porque sou seu (sua) pai (mãe)

Geralmente as sentenças com tons negativos causam transtornos às pessoas e dificultam cada vez mais a convivência com os demais. Estas frases abordadas são um pequeno exemplo que podem ser deletadas nos relacionamentos, tanto amorosos, como sociais. Caso elas sejam banidas, é possível viver em um mundo mais humano e feliz.

1.7 – O adolescente e seus comportamentos

Um elevado número de adolescentes sente-se angustiado, infeliz, inseguro, acha se inferior, não vive como deveria. O adolescente vive com medo, inseguro quanto ao seu futuro, pensa que não vai conseguir atingir seus objetivos. Isto os angustia muito.

Salles (1998) salienta que

“o comportamento do adolescente é caracterizado pela existência de conflitos, tensões emocionais e pela alteração do estado de ânimo entre a depressão e a ansiedade” (1998:56).

A mudança de comportamentos nos adolescentes é natural, dadas as circunstâncias de modificação que vão experimentando no decorrer desta fase. Há a proliferação dos hormônios responsáveis pelo aparecimento de diversas novas características. Seja no homem ou na mulher, ocorrem manifestações diferentes para as quais, em grande parte deles, os adolescentes não estão preparados para suportar e conviver.

Se as novas sensações e características físicas ajudam a modificar o comportamento dos adolescentes, imaginemos as alterações psicossociais causadas pelo que podemos chamar de amadurecimento da criança. Os conflitos começam a aparecer e são ainda mais ardentes: aquela criança começa a se desenvolver fisicamente, emocionalmente e psicologicamente. A mudança de comportamentos do adolescente é intrínseca ao seu desenvolvimento.

Os adolescentes vão alternando momentos de imaturidade, no qual ainda se misturam as sensações das peraltices de crianças com a vontade de participar, aparecer. O adolescente, em muitos casos é, ainda uma criança querendo cuidados especiais, e busca atenção em atitudes não mais compreendidas e aceitas pela ordem do novo mundo em que está ingressando. Isso geralmente acontece nas rodas de amigos. Quando alguém da turma aparece com o cigarro, um copo de bebida, quase sempre os demais seguem o caminho do colega. O álcool e o cigarro funcionam por dois motivos: para mostrar a falsa maturidade para poder fazer algo que os adultos fazem e diga-se, mal feito; e para serem aceitos na própria turma. Nesse caso, essas drogas funcionam como cartão de entrada para o grupo e para a nova fase da vida.

Dois autores Salles (1998) e Knobel (1971) relatam essa ânsia que o adolescente tem em ter um novo espaço, ser aceito no grupo familiar. Há momentos em que quer participar, logo em seguida, prefere distanciar-se. Ele vive esse momento de transição confuso, não sabe realmente o que quer e o que fazer.

“Na sociedade, há várias formas de ser adolescente, desde aquele que reproduz a vida familiar e social, ao que contesta, rejeita e quer mudar a sociedade. Os dois tipos de adolescentes convivem na sociedade. Há os que passam por crises e conflitos e chegam à maturidade revendo seus valores e questionando a sociedade; e os outros, nos quais o conflito é gradual e contínuo, não questionam os valores sociais” (Salles,1998:74).

“O adolescente normal é contraditório, pois, se de um lado, questiona os valores sociais e mostra uma atitude social reivindicatória, sentindo a sociedade como repressiva, por outro lado, quer limites. Mas hoje a sociedade não sabe o que cobrar e quando cobrar” (Knobel,1971:113).

Os pais andam angustiados, não estão sabendo mais como educar seus filhos. Em momentos dão liberdade, em outro querem limites, disciplinas e nesse impasse quem mais sofre são os filhos, porque ficam confusos, inseguros, e ao mesmo tempo querem liberdade, autonomia, independência. E assim continua o adolescente vivendo sua vida até encontrar um caminho que o realiza realmente, até que tenha sua própria identidade.

1.8 – Adolescência: fase das decisões

Adolescência é a fase do descobrimento de novas situações, de novos conceitos. A vida é analisada, observada e vivida. É o momento em que deixam de ser criança e passam a amadurecer suas idéias e ter maiores responsabilidades. A adolescência é um momento decisivo em que devem dar rumo à sua vida e pensar no seu próprio futuro.

É na adolescência que o indivíduo usufrui conhecimentos adicionais, novas situações e as experiências de ter aprendido um pouco mais da vida. Por exemplo, novos prazeres como: amar, dar o primeiro beijo, o sexo, novos amigos, o primeiro

emprego... Em alguns casos, o adolescente pode achar que sabe tudo e que pode mais que todos, mas na verdade isto é pura ilusão. Com o tempo ele irá perceber que foi apenas uma fase, pela qual ninguém pode passar sem ter, ao menos uma vez, esses sintomas manifestados.

O adolescente é muito impulsivo, sonhador e isso faz com que ele coloque em prática suas decisões, seus pensamentos, sem muito analisar. Alguns deles fazem o que querem e pensam; e dizem que é próprio desta fase. Estes adolescentes não estão preocupados com as conseqüências, que podem ser positivas ou negativas. O que importa é serem felizes e viverem o momentâneo, adrenalina em alta, havendo liberdade nas mais diversas situações. Os adolescentes podem, por exemplo, participar de corridas ilegais com o carro do pai, sem pensar nas conseqüências, apenas para se destacar entre o grupo de amigos e conquistar o status de ousado, forte, inovador. De fato, ele se sente imune as conseqüências de uma atitude tão enlouquecida.

Portanto, adolescência é uma fase crucial na vida de cada um, é quando cada pessoa deverá dar ênfase às suas perspectivas, orientando-se, indo em busca de seus objetivos e metas. Assim, a compreensão e o apoio dos pais são fundamentais na elaboração de suas escolhas, em prol de ter filhos competentes e, acima de tudo, felizes e realizados.

1.9 – Adolescência: vivenciando seu luto

O adolescente vive um período em constante tensão. Às vezes sente-se estar de bem com a vida e consigo mesmo. Mas na maioria das vezes está angustiado, deprimido, não sabe realmente como enfrentar seus obstáculos, suas crises, seus lutos. Os lutos são grandes barreiras na vida do adolescente que precisam ser superadas por outros valores, nem sempre fáceis de admitir.

Segundo Aberastury e Knobel (1980)

“O adolescente vive um período de transição para o estado adulto. Essa transição caracteriza-se de maneira natural e lógica, porém, o adolescente deve lentamente eliminar alguns traços infantis, como as atitudes infantis, não pensadas, refletidas. É fundamental que o adolescente aos poucos elabore novos valores, conceitos de vida, deixando de lado suas características infantis por algo mais sensato, realizável a seu modo de viver” (1980:64).

Aberastury e Knobel (1980) afirmam que o adolescente precisa vencer três perdas fundamentais, realizando os respectivos lutos: *o luto pelo corpo infantil, pela identidade infantil e pelos pais da infância.*

Essas perdas constituem elementos que deverão ser trabalhados pelo ego do adolescente, sendo um processo longo e instável na constituição de novos valores, para a superação de seus lutos.

1.9.1 – O Luto Pelo Corpo Infantil

Explicando melhor cada situação de luto do adolescente, deve-se considerar que ele deve aos poucos abandonar o corpo infantil e encarar de vez seu novo corpo adulto que ainda não domina, e que vai delinear sua jornada de vida. Em alguns casos, esse abandono pode ser angustiante, pois o adolescente não conhece, não identifica seu novo corpo. Por causa disso busca ajuda externa em academias e, em situações extremas até em cirurgias plásticas. Tudo isso, por querer estar em forma e poder desfilas com seu magnífico corpo diante dos seus amigos e das pessoas em geral. Já alguns adolescentes encaram seu próprio corpo de forma natural, enfatizando a sua importância e usufruindo de sua beleza mesmo que ele não esteja dentro dos padrões da sociedade.

Estas angústias podem acarretar alguns problemas para o adolescente. A aceitação de si mesmo e pelo grupo é algo formidável para o adolescente. Este fator auxilia o jovem numa realização consigo mesmo e com o outro, achando-se atraente e belo pois, ser bonito é a essência máxima para o adolescente, principalmente quando se tem um corpo com traços perfeitos. O auge para o adolescente é ser aceito pelo grupo como o (a) mais bonito (a).

Knobel (1981) enfatiza que

“o adolescente normal, o manejo das idéias e pensamentos ajuda a recolocar a perda do corpo infantil e a falta de uma personalidade adulta mediante a intelectualização onipotente. Esta se expressa através de símbolos, idéias, desejos de reformas políticas, sociais e religiosas que o adolescente propõe e nos quais está diretamente comprometido como pessoa física. Isto ocorre porque, nesta última condição, sente-se inteiramente impotente e inseguro, o que o leva a atuar como um puro ser pensante, como um integrante de massa ou grupo onde anonimamente pode participar de grandes movimentos. Dessa maneira, o adolescente nega, temporariamente, a perda de seu corpo infantil e, através de flutuações incessantes com realidade na qual se relaciona com os pais, a família, o mundo real que o rodeia e do qual depende, elabora esta perda e começa a aceitar sua nova personalidade” (1981:114).

Levisky (1998:114), também dá seu aval referente às perdas que o adolescente tem ao decorrer desta passagem da infância à idade adulta.

“O jovem perde pouco a pouco sua condição infantil de relativa dependência e submissão aos desejos parentais. A estabilidade egóica da latência é substituída pela instabilidade, oriunda das próprias transformações emocionais pelas quais está passando. Se até então era visto como criança, agora a expectativa social é vê-lo (a) adulto (a), assumindo um outro nível de compromisso e responsabilidades. Ao mesmo tempo, esse jovem espera de si um desempenho mais avançado, e depara com pensamentos e ações

discrepantes entre o que idealiza de si, por meio de racionalizações, e o resultado final dessas ações” (1998:114).

1.9.2 – O Luto Pela Identidade Infantil

Durante a adolescência, revela-se um momento de confusão de papéis, pois o adolescente não pode mais viver sua dependência infantil e nem sua independência adulta, levando-o, em alguns casos, a conflitos de identidades. Esta passagem da infância para a idade adulta leva o adolescente a abandonar aos poucos, sua dependência dos pais e ir ao encontro de uma identidade adulta, que significa assumir seus compromissos, suas decisões e isto, para o adolescente pode ser algo desconhecido e difícil de enfrentar. Mas, assim mesmo, ele tem que ir em frente, em busca de suas realizações, estabelecendo a sua nova identidade.

1.9.3 – Luto Pelos Pais da Infância

O último aspecto é relacionado ao luto dos pais da infância. É nessa fase que o adolescente tem que abandonar gradualmente e com bastante dificuldade alguns valores básicos que tinha de seus pais, tais como: o amor, a sabedoria, o poder e até mesmo sua dependência. Encarar tudo isso de uma forma realista, levando em conta os prós e contras de uma relação de pais e filhos.

A vivência de perdas infantis na vida do adolescente é de grande valia, pois orienta o sujeito rumo à evolução no processo de identificação consigo mesmo, na sua

individualização, na emancipação e na autonomia. Porém, essas perdas infantis causam conflitos e insegurança no dia-a-dia, mas, são as perdas que fortalecem e orientam a sua identidade adulta.

Novamente o pensamento de Knobel (1981) relata com mais consistência este período que o adolescente vive, perdendo aos poucos os pais da infância.

“O adolescente tem impotência em lidar com as mudanças físicas. O sofrimento da identidade e o papel infantil, em luta com a nova identidade e as expectativas sociais que despertam, levam o adolescente a um processo de negação destas mesmas mudanças que estão ocorrendo simultaneamente com a figura e com a imagem dos pais e no vínculo com os mesmos. Os pais, evidentemente, não permanecem passivos ante todas estas circunstâncias, dado que eles têm também que elaborar a perda da relação de submissão infantil de seus próprios filhos. Isto dá lugar a uma interação de um duplo conflito que, logicamente, incrementa as dificuldades deste aspecto da adolescência. O adolescente espera não apenas seguir tendo pais protetores e controladores, senão que também, periodicamente, idealiza a relação com seus pais, buscando um fornecimento contínuo que deveria satisfazê-lo em forma urgente e total, em todas as necessidades imediatas que surgiram na busca do alcance da independência” (Knobel, 1981:117).

O conflito pelo corpo infantil ao corpo adulto, o papel da identidade infantil e os pais da infância, são conflitos que causam transtornos na elaboração de um pensamento lógico na vida do adolescente, dificultando a realização de sua personalidade.

Dentro desse mesmo prisma, segundo Levisky, (1998), os adolescentes estão passando por um princípio em que

“... os ideais de ego infantil são paulatinamente substituídos por novos ideais, que se organizam como fruto de idealizações e do resultado de experiências vivenciais. Estas são adquiridas por meio das novas descobertas, conquistas e fracassos na vida real e mental, conduzindo-os a

reelaborações internas na relação com as figuras parentais. Normalmente buscam novos modelos, objetos afetivos que serão investidos e introjetados nessa reorganização dos ideais de ego, estabelecendo novo nível de conflito em relação às descobertas das capacidades de seu ego ideal. O encontro de ideologias e líderes filosóficos, religiosos, políticos, artísticos, bem como o desenvolvimento de atividades grupais, possibilita o encaminhamento e a busca de resolução do conflito instalado entre as partes primitivas e atuais da personalidade” (1998:118).

O adolescente, na busca de sua realização pessoal, vive um momento angustiante, inevitável, em relação à sua trajetória, seus problemas internos, que devem ser despossuídos, abandonados, pois esses podem não mais fazer parte de suas vidas, são categorias infantis. Deve sim, almejar novos valores, condutas condizentes à sua vida, que possam ser reelaborados e reincorporados ao novo self que está se organizando.

1.10 – Lutos Parentais

O luto parental dá-se no momento em que os pais percebem que estão perdendo, que está desaparecendo aquele corpo de menino, de menina, se transformando em um corpo adulto. As brincadeiras, as carícias, a idealização infantil vão aos poucos sumindo, tendo um novo significado. Para os pais esta passagem é dolorosa, é difícil a aceitação e principalmente a superação de tudo isso.

Carvajal (1998) elaborou alguns dados que demonstram possíveis problemas ou conflitos que os pais podem enfrentar, referentes à vida de seus filhos adolescentes. Porém,

os pais têm que ter um certo domínio para delinear seus lutos de uma forma mais tranqüila e segura, levando a um equilíbrio para seus filhos e a si mesmo.

Os possíveis problemas que os pais devem enfrentar segundo Carvajal (1998:175), são:

“Luto pelo corpo da criança”

“Luto pela psique da criança:”

- *“Brincadeira”*
- *“Onipotência, idealização de sujeito”*
- *“Não intimidade”*
- *“Dependência”*
- *“Controle onipotente do objeto”*

“Luto pelo próprio corpo”

“Confronto com a velhice e a morte”

“Inveja do corpo do adolescente”.

“Inveja da psique adolescente:”

- *“Criatividade”*
- *“Originalidade”*
- *“Confronto com a autoridade”*
- *“Intensa liberdade”*
- *“Promiscuidade sexual”*
- *“Narcisismo”*

“Negação da inveja”:

- *“Identificações perversas”*

“Medos em relação ao adolescente”:

- *“Agressão”*
- *“Sexualidade”*
- *“Denegrimento”*
- *“Perda de controle sobre ele”*

Essa passagem da criança ao adolescente é um marco tremendo para os pais, principalmente quando seu (sua) filho (a) está com o corpo adulto. Com aquele “corpo em forma” em perfeita sintonia, no auge da vida, com total disposição para a prática de esportes, lazer ou até mesmo a sexualidade. Então, os pais percebem que seus filhos estão muito bem, sentem inveja de seus filhos. Por que os pais já não têm total disposição, estão normalmente cansados, preocupados, são tantos compromissos que causam agonia em algumas situações.

CAPÍTULO 2

O ADOLESCENTE E A FAMÍLIA

A adolescência é caracterizada como um período de desafios e, por vezes de dificuldades, tanto para os adolescentes como para os pais. São tantas as mudanças na vida do adolescente e de seus pais que alguns momentos de transtorno e de angústia são inevitáveis. O adolescente vive a fase das descobertas e dos conflitos enquanto os pais estão chegando à meia idade.

Grande parte dos adolescentes não está conversando com seus pais. Da mesma forma, uma boa parcela dos pais não observa seus filhos e não compartilha com eles informações necessárias ao seu desenvolvimento e amadurecimento pessoal. É bem verdade que muitos adolescentes não aceitam a aproximação dos pais e a rejeitam por acreditar que podem ser donos da verdade. A orientação dos pais torna-se coisa do passado. A forma como os pais se expressam não se encaixa no perfil requerido pelo adolescente e, nesse sentido, acabam sendo taxados de ultrapassados e antigos.

Um número elevado de pais de adolescentes tem dificuldade em educá-los, em conversar com seus filhos (as). Os adolescentes querem liberdade, independência, e não entendem o que os pais querem dizer, ensinar. Querem apenas divertir-se com os amigos e se esquecem em muitos casos, do que os pais dizem. Quando os pais impõem uma proibição, há muita confusão e desentendimento, e a relação entre eles fica complicadíssima, um não conversa com o outro por um bom tempo. Vivem sob o mesmo teto, mas sem comunicação.

A aluna Vanessa, da terceira série do Ensino Médio, da Escola Pe. Fabiano J. M. de Camargo, 2002, comentou que ela não conversa com seu pai há três meses, por que seu pai não a deixa namorar. Ela fica inconformada com a proibição, mas é obrigada a obedecer por enquanto, segundo ela mesma. Quando não há um bom entrosamento entre pais e filhos a situação só tende a piorar. A distância entre eles vai aumentando cada vez mais, dificultando o envolvimento. Esse distanciamento pode causar grandes transtornos, como o

caso da adolescente Suzane de 19 anos em São Paulo (novembro de 2002), que matou os pais para ficar com o namorado e a casa. E diz: “matei por amor”.

Os pais, em muitos casos, não estão acompanhando os passos de seus filhos, deixando-os viverem suas vidas em seus estilos próprios, e este pode ser um grande erro por não ficarem perto de seus filhos, orientando-os, incentivando-os a buscar novos significados, novos conhecimentos, conversando com eles, mostrando a importância de ser um cidadão que cumpre com seus deveres e direitos. É essencial que os pais emitam limites e responsabilidades. Isso ajuda a manter um relacionamento amigável, maduro e tranquilo. É fundamental que os pais sejam realmente pais, principalmente amigos, que estejam sempre dispostos a conversar, ouvir o que eles têm a dizer. Por que o diálogo é um grande aliado, que facilita a convivência e o entusiasmo entre as pessoas que fazem parte do processo.

A esse respeito Aberastury e Knobel (1980) nos dizem que o adolescente vive um período conturbado e depende do apoio dos pais.

“A hostilidade do adolescente aos pais e ao mundo em geral expressa-se em sua desconfiança, na idéia de não ser compreendido, em seu rechaço da realidade, situações que podem ser ratificadas ou não pela realidade mesma. Todo este processo exige um lento desenvolvimento, onde são negados e afirmados seus princípios, onde luta entre sua necessidade de independência e sua nostalgia e necessidade de apoio e dependência” (1980:28).

Uma das principais características de um relacionamento deve ser a clareza, a transparência entre as partes envolvidas, com diálogos abertos e francos a todos os integrantes. Esta perspectiva leva a um envolvimento significativo na vida dos pais e dos adolescentes, aumentando o grau de confiança entre eles. É na união que nasce uma grande amizade, um relacionamento maduro e confiável.

Para a adolescente Daiane, 16 anos,

O diálogo entre pais e filhos é fundamental, nem que seja em alguns casos constrangedor, mas vale a pena.

Simone de 17 anos, concorda com Daiane.

É fundamental ter diálogo aberto entre pais e filhos.

Carlos de 18 anos, enfoca a relevância dos pais

... na formação da personalidade do adolescente. Sendo pais amigos, compreensíveis e que entendam seus filhos.

Os pais são a base de um relacionamento sério e amável, por isso devem sempre observar e caminhar lado a lado com seus filhos, demonstrando companheirismo, confiança. Nesta perspectiva dos pais estarem sempre por perto dos filhos dando atenção, carinho, compreensão, ouvindo os anseios que eles têm, destacam-se vários autores que defendem este ponto de vista, entre eles Aberastury e Knobel (1980), Conger (1980), Ferreira (1995), Knobel (1971), Salles (1998), Zagury (2000).

Segundo Ferreira (1995)

“Ter boas imagens internalizadas dos pais facilita aos adolescentes o exercício da genitalidade adulta e a passagem à maturidade. Por outro lado, quando as figuras dos pais não têm papéis bem definidos, nem são muito estáveis, os jovens se sentem obrigados a buscar identificação com personalidades mais firmes e mais consistentes. Eis por que se identificam com astros do cinema, televisão e esportes. A identificação se faz com figuras substitutivas dos pais nos seus aspectos idealizados. Surge, então, a identificação com professores, companheiros mais velhos, heróis imaginários, possibilitando reações satisfatórias para os jovens” (Ferreira, 1995:52).

Cabe aos pais começar a penetrar no mundo dos adolescentes. Buscar novas informações de como trabalhar, educar, conversar com seu (sua) filho (a) adolescente, como entender suas angústias e alegrias. Os pais têm que conhecer os amigos de seus filhos, estar ao lado deles, apoiando, incentivando. Os filhos não devem ser segredos para os pais, eles devem ser entendidos, compreendidos. Quando os pais diminuírem a distância entre eles e seus (suas) filhos ou filhas, o relacionamento terá menos barreiras a serem quebradas e menores obstáculos a serem superados.

Outro ponto interessante no relacionamento entre a família e os filhos adolescentes deve ser a maneira como os assuntos são abordados. As drogas e o sexo, por exemplo, que são os assuntos que mais enfrentam preconceitos e devem ser encarados com naturalidade todavia, com o devido respeito, dada a complexidade do assunto. São assuntos muito sérios, porém, normalmente banalizados pelos veículos de comunicação de massa.

Acompanhar o desenvolvimento dos filhos, estando atentos às mudanças de comportamento, compartilhando informações importantes, dialogando abertamente com os filhos, é nesta perspectiva que os pais terão maiores chances de serem retribuídos com as dúvidas comuns que os filhos poderiam buscar em outras fontes esclarecedoras. Os pais devem funcionar como a porta de passagem do filho do mundo anterior em que viviam para o novo mundo, repleto de novas perspectivas e conhecimentos.

Knobel (1971) Constata que o adolescente tem uma grande

“... dependência familiar, uma vez que o adolescente busca e valoriza os pais, aceitando sua orientação, e o conselho dos mais velhos. Contudo, a relação entre pais e filhos se caracteriza pela ambivalência, pois os pais, ao mesmo tempo em que devem proteger os filhos, devem também encorajar sua autonomia” (1971:113).

Vivendo numa sociedade capitalista e individualista, temos uma crise de valores morais, que perturbam os pais, causando insegurança sobre como educar seus filhos, que limites dar. Essa insegurança angustia pais e filhos, pois os dois estão confusos, principalmente o adolescente, que quer independência, liberdade e, ao mesmo tempo, necessita de compreensão, de amor, de vigilância.

Conger (1980), e Zagury (2000) também dão sua opinião a esse respeito em função de demonstrar o poder que há em uma reciprocidade entre os membros da família.

“Não importa o quanto crianças e adolescentes possam, às vezes, protestar, o fato é que eles realmente não querem pais que sejam iguais. Eles querem e precisam que eles sejam pais; amistosos, compreensivos – mas pais, modelos de comportamento adulto” (Conger,1980:51).

Segundo Zagury (2000).

“É na adolescência que os pais estão colhendo um pouco dos frutos que plantaram. O conjunto principal de valores do jovem, o arcabouço da personalidade, já está definido. O que fizemos durante a infância (ou as infâncias) agora terá muita influência. Mesmo que os nossos temores fundados, nessa idade, em geral, eles já sabem o que é certo e errado, o que devem e o que não devem fazer, em grande parte dos assuntos. Muito embora agora o grupo tenha grande influência, os ensinamentos, as sementes que os pais plantaram, com bastante probabilidade, irão frutificar. O que temos a fazer é confiar no que já fizemos. E conversar. Conversar, buscar espaços para discutir com eles suas amizades, os programas que fazem, o que pensam sobre as coisas em geral. Não adianta impor o diálogo, porque aí eles fazem “ouvidos de mercador”, e não funciona. Nessa fase, muitas vezes eles acham extremamente cansativo ouvir os pais. Mas, se desde pequenos estão acostumados ao papo com os pais, fica mais fácil. No mais, é retirar o time de campo quando percebe-se que a conversa não é bem-vinda. O melhor caminho é esperar o que foi plantado no passado, dando a eles uma moratória, na espera de que eles consigam superar as derrapadas da idade.

Alguns deslizes, algumas experiências poderão acontecer por curiosidade, espírito de aventura e de oposição, mas, na maioria dos casos, sem maiores conseqüências” (2000:81).

O mundo, as pessoas, a sociedade em geral evoluem, mas há ainda pais que, mesmo passando pelos mesmos problemas na adolescência enfrentados agora pelos filhos, insistem em descrever a adolescência como “uma fase”. Há ainda os que insistem em dizer que vão ensinar aos filhos o que não aprenderam dos pais, no entanto, quando o momento chega e é exigida deles a presença constante no crescimento e amadurecimento dos filhos, esquivam-se alimentando a idéia de que o menino tem que aprender sozinho.

Salles (1998), parte do princípio que

“... os pais não estão preparados para cuidar dos filhos dessa faixa etária. A falta de preparo dos pais impede que limites sejam impostos em casa, isto é, nas relações que estabelecem com seus filhos: não há mais disciplina porque hoje os jovens tomam banho, almoçam e jantam na hora que querem. Eles querem sair, mas se a mãe ou pai dizem não, eles perturbam tanto, manipulam tanto, que no fim os pais acabam cedendo” (1998:110).

Os adolescentes passam por um processo de independentização, e os pais também devem passar pelo mesmo processo, por exemplo, cortando o cordão umbilical, porque têm que reaprender a conviver com seus filhos. Tudo é novo, tanto para os adolescentes como para os pais. Os pais têm que ser exemplos de vida, de amor, tendo muita compreensão, paciência. Nem que seja apenas unilateral, nunca importar se seu filho ou sua filha está mal humorados, desatentos e não dão confiança e atenção ao pai e a mãe. É necessário a conscientização dos pais sobre a importância de estar ao lado de seus filhos, dando lhes confiança, esperança. Nunca fazer algo para o filho pensando em receber algo em troca, é de extrema validade.

Os pais têm que aprender a conviver com os filhos adolescentes, este é um dos melhores caminhos para o entendimento, a compreensão, embasados numa reciprocidade de carinho, de diálogo. Nesta perspectiva Zagury (2000:82), define alguns conceitos base que podem ser reaprendidos pelos pais:

- *“É preciso saber se dar sem esperar receber nada em troca”*
- *“É preciso aprender a sair rapidinho de cena quando chega a namoradinha ou os amigos”*
- *“É preciso aprender a conviver com a porta do quarto sempre trancada”*
- *“É preciso ser agradável e simpático com quem muitas vezes não é”*
- *“É preciso aprender a ignorar as risadinhas, os olhares de cumplicidade que eles e os amigos trocam – às vezes contra você”.*

Isso tudo dói e é muito difícil. Mesmo sabendo que é natural, que é uma fase, a maioria das vezes os pais partem para a guerra pura e simplesmente. Isso porém, não leva a nada e o clima fica insustentável.

Os pais poderiam partir do princípio de que não convém entrar em guerra ou conflitos nas pequenas coisas, só em última instância. Eles têm que ser dinâmicos, saber a hora exata para conversar ou mesmo para dar uma bronca. Isso é importante para ampliar o relacionamento entre as partes. Dar bronca apenas por dar, não vale a pena, apenas rompe cada vez mais o envolvimento um com o outro. Evitar ao máximo contrariar os filhos, pois não vai ajudar em nada, e eles ficarão cada vez mais irritados e angustiados. Por mais difícil que seja, é essencial para o adolescente viver em um ambiente não muito conturbado e sim amigável, onde há companheirismo. Nesta relação é fundamental não esquecer os limites de uma boa conduta, como o respeito que são bases essenciais na convivência social e pessoal.

Em princípio é bom adotar metas bem definidas e transparentes no planejamento familiar, priorizando a orientação dos filhos com amor, carinho,

muita atenção, compreensão e, acima de tudo, diálogo. É preciso estar sempre atentos aos seus comportamentos e atitudes. Os pais têm que ter uma postura crítica, lúcida e consciente a respeito de seu modo de educar e compreender.

Zagury (2000) comenta a essencialidade de haver uma sintonia entre pais e filhos a caminho de uma diretriz.

“A pior forma de se educar um filho é não ter uma diretriz, uma linha educacional que lhes dê clareza e segurança. Se você for mais tradicional, mais liberal, ou um misto destas duas tendências, tudo bem: desde que as coisas fiquem claras para os filhos, desde que haja coerência, constância e justiça nas atitudes dos pais” (2000:122).

A presença ativa dos pais é um guia definitivo, pois os filhos tendem a seguir seus exemplos. Por mais difícil que seja a situação, os pais têm que estar ao lado de seus filhos, representando seus valores vitais e sociais. A postura firme dos pais permite ao adolescente uma caminhada mais consistente em suas realizações pessoais, sociais, profissionais, etc., alicerçada por um relacionamento de carinho, confiança, respeito e sendo o diálogo, um guia para as realizações.

2.1 – A importância dos pais na formação da personalidade de seus filhos

Os pais são imprescindíveis na construção da personalidade dos filhos. No sentido de estar convivendo constantemente com eles e vice versa. É que o (a) filho (a) se espelha em seus pais, na tentativa de fortalecer sua auto-estima, sua

autoconfiança, por isso é fundamental que os pais participem e estejam presentes na vida dos filhos, observando-os, orientando-os numa forma harmônica, carinhosa, em que o diálogo reine de forma brilhante em prol de uma vivência sadia, respeitada. A maneira como os pais comunicam-se com seus filhos é muito significativa, por que eles observam a atitude dos pais. O modo de ser, de falar, o tom da voz, as palavras de afeto, de amor ou rigidez, a agressividade, ficam marcadas em suas vidas, contribuindo para a formação da personalidade, da confiança em si mesmo. Se a família por exemplo, não lhes der um suporte, eles poderão passar por momentos difíceis, angustiados, de mal-estar, por não terem experimentado momentos prazerosos com sua família. Normalmente isso acontece em famílias infelizes ou desestruturadas.

Considerando que a família é a base para um relacionamento maduro, consistente, que leva a um alto grau de integração entre os pares participantes, Rappaport, (1996), enfatiza que a família é o alicerce que sustenta a criança, o adolescente e comenta que

“... as palavras de afeto na família, de amor ou de rispidez marcarão a criança e influenciarão o desenvolvimento de sua auto-estima e de confiança em si própria” (1996:34).

Em uma família estruturada, mais harmônica, os filhos terão maior facilidade para enfrentar a vida, seus conflitos, seus anseios na busca cada vez maior da realização pessoal, profissional e social, ela mesma opta por seus amigos, namorada (o), pela escolha profissional, tudo isso ajuda-os na realização entre ambos.

Por outro lado, quando a convivência na família não é harmoniosa, com pais desestruturados, infelizes, onde reina o desamor, o desentendimento, o distanciamento entre o casal e os filhos causa angústia, sofrimento contínuo na vida de cada um que convive neste ambiente. Como esse adolescente poderá encontrar auto-estima. Estes adolescentes num ambiente desagradável terão grande dificuldade para enfrentar o mundo e a si mesmo? Os problemas serão constantes para esse adolescente? Ele terá dificuldade de escolher seus amigos? Sua (seu) namorada (o)? Sua profissão? E, principalmente, encontrar sua

realização? Sua determinação? Fica bem mais fácil para estes indivíduos buscarem outros caminhos, normalmente conflitantes, auxiliado às vezes pelas drogas, álcool, prostituição e assim por diante.

O que se quer demonstrar é que a família é essencial na elaboração, na obtenção da personalidade, da identidade dos filhos. Mas sabe-se também, que cada um tem seu jeito próprio de adquirir sua personalidade, isso é algo estritamente individual, mas o jovem que passou por um ambiente mais harmônico terá maior dinamismo para buscar sua realização pessoal e profissional.

2.2 – A pressão dos pais funciona ou não?

Os pais têm que formular alguns princípios, limites, valores para seus filhos. Segundo Lângaro, (2002)⁸ “*é de extrema importância estabelecer metas a seus filhos ou filhas*”. Lângaro salienta algumas:

- “*Estabelecendo regras em casa*”
- “*Falando sobre cigarro, álcool e outras drogas*”
- “*Escutando claramente o ponto de vista do adolescente*”
- “*Enfatizando as conseqüências negativas sobre o uso de droga*”
- “*Ajudando o adolescente a construir uma boa auto-estima através de seus sucessos*”
- “*Sendo um bom exemplo*”
- “*Envolvendo-se em atividades durante o ano escolar*”
- “*Cultivando as tradições familiares e celebrando os momentos importantes*”.

⁸ LÂNGARO, Andréa Gatto. Adolescência. Disponível em: <http://www.colegiomaua.com.br/Adolex.htm> // acesso em maio de 2002.

Por outro lado, Lângaro (2002) também salienta 10 conselhos para que os filhos, principalmente adolescentes assumam sua característica adulta em prol de uma vida saudável e justa. Os dez princípios segundo Lângaro:

1. *“Fazendo com que tenham direitos e deveres”*
2. *“Mostrando que são capazes de assumir responsabilidades, como pagar conta em banco, fazer compras no supermercado ou levar o irmão mais novo ao dentista”*
3. *“Estabelecendo guerras democráticas de convivência”*
4. *“Fixando limites sempre que necessário”*
5. *“Deixando que assumam, à medida que crescem, cada vez mais tarefas que lhes são próprias, como escolher roupas, responsabilizar-se pela limpeza do quarto etc”*
6. *“Tornando-os co-participantes das decisões e medidas do dia-a-dia da família”*
7. *“Ouvindo sua opinião e consultando-o sobre problemas que estejam afetando a família”*
8. *“Estimulando-o a colaborar toda vez que a família se envolver em causas sociais, como doações e contribuições com alimentos e roupas para orfanatos”*
9. *“Estimulando-o a ser financeiramente independente, estabelecendo primeiro uma mesada que deverá ser gerida por ele”*
10. *“Incentivando-o a exercer atividades e trabalhos, mesmo que temporários, que lhe rendam algum dinheiro”*

Esses princípios têm a finalidade de expor o adolescente a um caminho menos árduo, possibilitando rever alguns sintomas que tragam mal estar à família, em benefícios de todos. Cabe aos pais darem sentido a estes conceitos, conversando com seus filhos e orientando os nos mais diversos sentidos e salientar a importância de haver limites.

2.3 – O adolescente e seus amigos

O estar com os amigos é essencial para os adolescentes estabelecerem relações entre si e com o outro, formulando assim sua própria personalidade. Atividades de lazer são para os adolescentes em grande parte a participação nos grupinhos de amigos, que fazem o seu dia ficar melhor, mais agradável para poder curtir com eles suas emoções, alegrias ou até mesmo suas tristezas. O importante entre eles é estar juntos, conversar livremente, curtir um bom som, paquerar, enfim, tudo o que dá prazer e alegria ao jovem.

O adolescente, por estar em crise de identidade, fica perdido, confuso, no que refere a sua vida, já que em crise, não encontra normalmente em seus pais auxílio para enfrentar obstáculos decorrentes da situação vivencial de cada um. Assim, ele busca informações com seus amigos porque eles falam a mesma língua e um compreende o outro.

Os amigos são o alvo que nasce para fortificar cada um que está entrelaçado nesta maravilhosa jornada para o aconchego de uma vida mais feliz e realizada. Neste sentido, destaca-se o pensamento dos autores: Ferreira (1995), Lacerda (1998), Levisky, (1998), Salles (1998). Que defendem e alertam sobre a benevolência que há entre os amigos nos seus relacionamentos.

Para Ferreira (1995)

“O adolescente desloca o sentimento de dependência dos pais para o grupo de companheiros, onde todos se identificam com cada um. De fato, neste momento, o jovem pertence mais ao grupo de companheiros do que à família. E revelam esta aceitação das regras do grupo em relação à vestimenta, moda, costumes e preferências de todos os tipos” (1995:43).

Segundo Lacerda (1998), o adolescente,

“na tentativa de libertar-se do poder dos pais, ou seja, de defender a própria independência, vai atrás de novos líderes que não sejam seus genitores. Viver uma cultura provisória, simulação forçada de qualquer coisa que se oponha à cultura dos adultos. Ou então, tentam eles mesmos ser os líderes rebeldes que enfrentam a liderança parental. Os costumes aprendidos no grupo, o tipo de roupa, de lazer ou de esporte ali assumidos, podem parecer totalmente sem sentido para pais e mestres, mas para os adolescentes significam o passaporte que lhes dá direito a sentir-se integrados e seguros. Ou ainda, o distintivo que os torna uma individualidade diante do mundo, especificamente diante da família” (1998:50).

Para Levisky (1998), dentro do grupo,

“cada um está em busca de si mesmo, e o grupo como unidade existe nesse sentido. O encontro visa, antes de mais nada, internalizar os próprios pensamentos e confrontá-los com os demais. O adolescente sente-se muito só, sem os pais externos, que ele ataca, e sem os pais da infância, que ele está destruindo. É nessa solidão que o jovem se vê diante de si mesmo. O grupo, nessas circunstâncias, funciona como protetor e reassegurador ante as suas angústias e temores. Torna-se, em última instância, um substitutivo parental no sentido de exercer as funções de continente ante os anseios, temores e as novas experiências” (1998:55).

O adolescente, na expectativa de encontrar soluções para seus problemas, orienta-se, por exemplo, por ídolos: um cantor, um jogador de futebol, etc., e ao mesmo tempo tem a necessidade de encontrar-se com alguém, de estar entre outras pessoas, com um grupo de amigos, porque é nesse grupo que ele vai se identificar, se relacionar em prol de sua realização. É nesse contexto social, grupal que o adolescente vai identificando-se consigo mesmo e com o outro, vai formulando sua personalidade num contexto social e pessoal.

É no grupo de amigos e na convivência com os demais que ele vai formando sua identidade, sua personalidade. É o relacionamento desenvolvido entre eles que vai formulando suas perspectivas de vida, tanto pelo lado profissional, social como emocional.

Dependendo do grupo de que participa, seu modo de relacionar-se normalmente segue os padrões e costumes do grupo em que está inserido. Se o grupo tiver boa índole, provavelmente a pessoa siga este princípio. Mas se o grupo for de baderneiros, brigões, dos que gostam de usar drogas, a possibilidade do indivíduo seguir este caminho é grande.

Como o adolescente prefere estabelecer maiores vínculos com os amigos do que a própria família, é com o grupo de amigos que ele se identifica, que formula suas próprias expectativas, pois são os amigos, geralmente, que estão sempre ao seu lado, orientando-o, estimulando-o nos momentos alegres ou difíceis. É dessa forma que o adolescente vai formulando sua própria personalidade, suas obrigações de um ser adulto. Grande parte dos adolescentes almeja independência, liberdade e não mais, apenas obedecer a ordens estabelecidas por seus pais. Há adolescentes que chegam ao extremo de sair da casa dos pais, por não conseguir conviver com eles. Querem viver a vida, sem ter os pais por perto ou dando opiniões a seu respeito.

Em Salles (1998), destaca-se a importância de haver um relacionamento entre os jovens para o fortalecimento do ego e da identidade.

“A adolescência é exatamente a época em que o adolescente se liberta da família, dessa socialização primária que ocorre no grupo familiar, para atingir a independência pessoal. Em meio à ambigüidade, os adolescentes buscam estabelecer relações com outros da mesma idade e esses relacionamentos são marcados por forte afetividade, nas quais, pela similaridade de condição, processam juntos a busca de definição de novos referenciais de comportamentos e de identidade” (1998:65).

O grupo de amigos é de extrema importância para os adolescentes, é nele que eles encontram forças e carismas para enfrentar obstáculos que irão surgindo em suas vidas. O grupo fortalece o sentimento de individualidade e de segurança. É no grupo que ele é compreendido e compreende.

CAPÍTULO 3

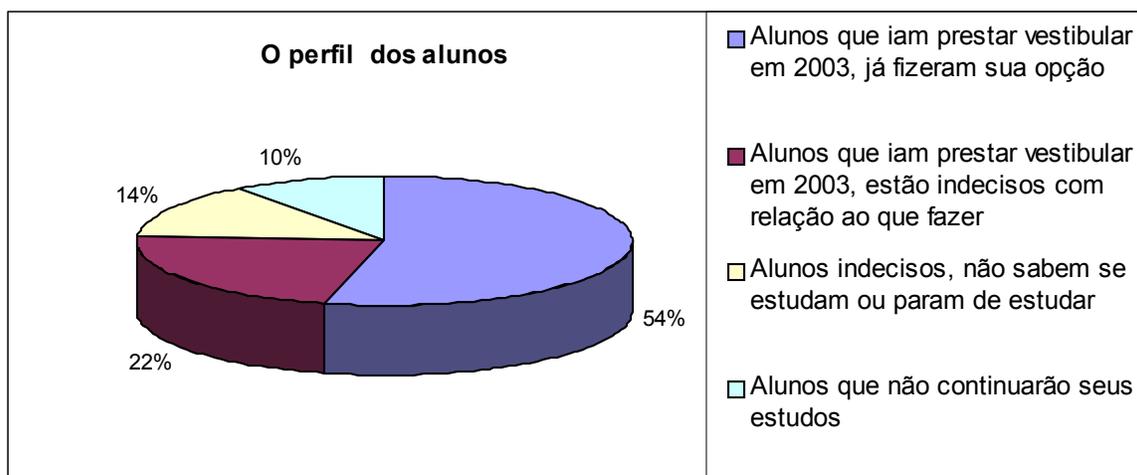
O ADOLESCENTE E A ESCOLHA PROFISSIONAL

A adolescência é uma fase de constante mudança. É nesse período que o adolescente vai em busca de seus objetivos, enfrentando caminhos que podem ou não ser árduos mas que devem ser escolhidos por ele. Uma das tarefas difíceis é a escolha profissional. Um elevado número de adolescentes não está apto a decidir que caminho seguir, que profissão escolher.

Na pesquisa realizada com alunos adolescentes da terceira série do Ensino Médio em uma Escola Pública⁹, constatou-se que 22% dos alunos estão indecisos sobre qual curso universitário escolher. Eles apenas sabem que querem continuar estudando, mas não sabem o que fazer. Esse é um grande dilema na vida dos adolescentes.

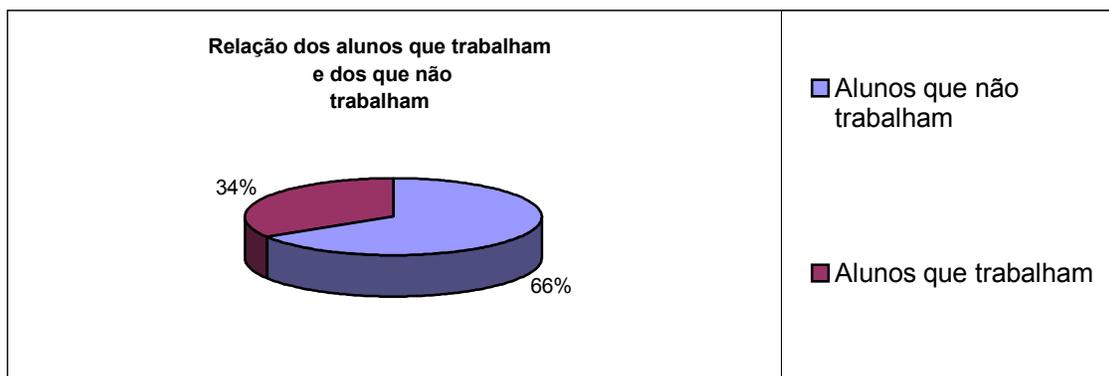
Gráfico 10

⁹ A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2002. Na Escola Padre Fabiano José Moreira de Camargo, na cidade de Capivari – SP. Foram entrevistados pelo Professor de Sociologia (Edson A. Flor). Sendo cinco turmas, num total de 121 alunos, no período da manhã (ver anexo 02).



A sociedade exige do adolescente a escolha de seu futuro ocupacional imediato (o trabalho). Essa escolha implica na busca de uma identidade profissional. O adolescente vai em busca dos seus objetivos com uma bagagem intencional herdada do ambiente familiar, escolar, comunitário e ainda, o que é recebido através dos meios de comunicação; além das reflexões e sínteses pessoais.

É fundamental que o adolescente busque novas informações a respeito da escolha profissional, talvez através de uma orientação profissional. É uma proposta de trabalho que auxilia o adolescente na elaboração da identidade profissional, levando-se em conta uma escolha gratificante e compatível com a realidade.



Sabemos que a adolescência é um período de transição, de idas e vindas, uma passagem de um mundo infantil para o mundo das responsabilidades e da identidade adulta. É um momento crucial. É nesse espaço de tempo que ele deve dar um rumo a sua vida, principalmente na vida profissional. Escolher uma profissão não é tarefa fácil, pois há vários fatores que interferem na situação de cada um.

Obstáculos como remuneração familiar, desemprego, disponibilidade de cursos nem sempre compatíveis com a opção de cada um, angustiam o adolescente em sua realização pessoal e profissional, principalmente quando o adolescente está concluindo o Ensino Médio porque há sempre perguntas que o incomodam. “O que você vai fazer?” “Você vai prestar o quê?” Essas questões são típicas nesse período, porém nem sempre são fáceis de serem respondidas.

A indecisão dos adolescentes também pode ser desencadeada pela escola, que não dá suporte às decisões do aluno. Pela família, que não o ajuda a fortalecer seu ego e não o apóia em suas decisões; pela TV e pela mídia em geral, ou por falsos amigos, que o incentivam a tomar atitudes pouco convincentes, pouco produtivas e contrárias aos seus princípios em alguns casos, mas que atendem às expectativas do grupo ao qual ele quer pertencer. Essas influências geram conflitos que não contribuem e até dificultam na hora de fazer uma escolha que, por si só, já é bastante complicada.

Parece evidente que a escolha da profissão deve ser encarada com muito rigor, não no sentido de que é preciso realizar escolhas que sacrifiquem as propensões físicas e os apetites intelectuais do indivíduo em função de realização financeira ou de poder no futuro, mas rigor no sentido de precisão, de cuidado, de carinho na busca de elementos a partir dos quais possa ser tomada a decisão final.

Com muita freqüência, a escolha da profissão se faz a partir de um consenso embasado em equívocos ou na observação do passado e do presente, quando o que precisa ser considerado prioritariamente é a projeção dos campos profissionais no futuro. Não importa apenas o mercado, mas também as realidades mais amplas, as transformações previsíveis na sociedade, a articulação dos novos âmbitos profissionais sugeridos por novas tecnologias que estão surgindo a cada instante.

Os pais têm um papel importante na elaboração da escolha profissional de seus filhos, que consiste em orientar, esclarecer, indicar opções, conversar com eles em âmbito bem aberto, possibilitando ao adolescente uma ampla possibilidade de escolhas. A escolha tem que ser elaborada pelo adolescente, nunca forçada por ninguém, principalmente os pais. A escolha profissional auxilia o adolescente a inserir-se no mundo adulto, como um participante ativo na sociedade, assumindo suas responsabilidades.

Tem-se por base que nenhuma escolha é final ou definitiva em um campo profissional específico. Temos consciência de que novos campos estão surgindo constantemente, exigindo um posicionamento de cada um referente à sua escolha e ação.

Nesta situação conflitante e angustiante que os adolescentes vivem destaca-se a teoria de três pensadores importantes que defendem a importância de haver um estágio na vida dos adolescentes em se tratando da escolha profissional. Eles: Super, Donald (1972); Bohoslavsky, Rodolfo (1987); Grinder, Robert (1976).

3.1 – Escolha profissional segundo Super

A escolha profissional é um processo contínuo não é no mero acaso, e sim no decorrer do ciclo vital que o ser humano vai saneando, moldando suas opções em prol de uma determinação mais consistente e realizável. Assim, Super (1972) destaca quatro tarefas que devem ser vivenciadas pelo indivíduo: tarefa de exploração; tarefa de cristalização; tarefa de especificação e por último a tarefa de realização.

3.1.1 – Tarefa de exploração

Normalmente os adolescentes apresentam comportamentos contraditórios, confusos. Num momento eles querem algo, lutam por aquilo que desejam e em outro instante não querem mais, almejam outra situação. É, assim que o adolescente vive, um momento feliz e, em outra situação, infeliz.

Ferreira (1995) salienta na teoria de Super (1972), que os

“adolescentes estão experimentando novos comportamentos e vivem experiências muito intensas de crescimento. Experimentam novos sentimentos. São instáveis e abertos a experiências. Saindo do mundo infantil, penetram e exploram o mundo novo, em que tentam desempenhar papéis de adultos. São apaixonados por certas matérias e imaginam-se artistas ou poetas. Em suma, questionam, inventam e imaginam” (Ferreira, 1995:143).

Essa fase revela na adolescência a existência de conflitos a serem resolvidos e tarefas a serem cumpridas. Os jovens têm a necessidade de experimentar, buscar algo de novo em prol de sua realização profissional.

3.1.2 – Tarefa de cristalização

As experiências da fase de exploração nos indivíduos são marcadas por momentos de angústia, de crises. A segunda fase, é o momento de reorganização das informações obtidas, realizadas referentes à escolha profissional.

Ferreira (1995:143), fundamenta que é na adolescência que as

“... preferências por uma profissão se acentuam. Consideram-se os fatores favoráveis e contrários ao seu desempenho, eliminando as possibilidades e salientando as atividades em que a pessoa se sentirá mais feliz em atuar, que correspondem mais às suas aptidões. Isto significa que se devem examinar as diversas profissões em confronto com as suas aptidões e selecionar aquela mais compatível consigo mesmo” (1995:143).

Essa fase é de suma importância para o adolescente, já que é o momento que ele deve optar por uma profissão. O adolescente tem que levar em conta, por exemplo: o rendimento escolar, a disciplina a que mais se adapta, suas competências e habilidades. Esses fatores darão ao jovem alguns subsídios que o orientam numa escolha profissional realizável e satisfatória.

3.1.3 – Tarefa de especificação

Nesta fase o adolescente compara os fatos, ordena-os, hierarquiza e escolhe aquele com que mais se identifica. Enfatiza os valores positivos da situação vigente e vai em frente, em busca de sua realização.

Ferreira (1995) consolida que é nesta fase que o adolescente vai fortalecendo sua opção profissional.

“Uma vez que a pessoa selecionou uma preferência geral deve, a seguir, convertê-la em preferência específica. Este processo se realiza, sobretudo, cognitivamente. É através de reflexão que o indivíduo estabelece os valores que interferirão no seu papel profissional. E, para isto, será necessário hierarquizar estes valores, destacando os que são realmente importantes para ele” (1995:144).

3.1.4 – Tarefa de realização

A última tarefa define o engajamento profissional. Depois de ter examinado todas as profissões, explorado as possibilidades, especificando as mais importantes em face à sua hierarquização de valores, o indivíduo deve decidir e preparar-se para o exercício da profissão. Esta tarefa denota a consciência das preferências pessoais e planejamentos dos meios para realizá-la.

Esse é o momento decisivo para cada indivíduo, é quando ele vai realizar sua decisão, sua meta, tendo em vista todos os pontos favoráveis ou desfavoráveis da situação que irá enfrentar.

3.2 – Escolha profissional segundo Bohoslavsky

Bohoslavsky (1987), salienta que o jovem vive um período conturbado, repleto de dúvidas, desafios.

“Na adolescência há confusão a respeito da escolha profissional. O jovem não escolhe somente uma carreira, mas com que e para quem trabalhar. Está pensando num sentido para a vida. Está escolhendo

como, delimitando quando e onde, inserindo-se numa área específica da realidade ocupacional” (1987:79).

Nesta fase o adolescente vai assumindo seu papel de cidadão, de um ser adulto. São momentos de diversas situações, em que deve escolher qual direção tomar. Cada situação escolhida significa ruptura com outras questões, que podem ser chamadas de luto. O adolescente deixa de vivenciar algo, de fazer, por uma questão de escolha, e a escolha nem sempre é fácil.

Bohoslavsky (1987) mostra três períodos que o adolescente tem que enfrentar até sua definição da escolha profissional: a seleção; a eleição e a decisão. Todo o período vivenciado pelo adolescente é marcado por crises, transtornos, alegrias.

3.2.1– Na seleção

O adolescente adapta, interpreta e sente a realidade. Ele almeja fazer a distinção entre a discriminação e a hierarquização dos objetos. Só que nesse momento é difícil para o adolescente optar por algo, visto que ele ainda está confuso, indefinido.

3.2.2 – Na eleição

É estabelecida uma relação com o objeto a ser observado e vivenciado. Considerando-se os diversos fatores que interferem na escolha de suas metas, objetivos. E em alguns casos, as dificuldades afetivas podem interferir no momento das opções profissionais.

3.2.3 – Na decisão

A escolha profissional, segundo Bohoslavsky (1987),

“dá-se a partir de duas correntes: de um lado, as expectativas dos outros a respeito da pessoa e, de outro, como ela responde a estas expectativas, quais os seus ideais, aspirações e possibilidades. Portanto, a identidade profissional se desenvolve como uma interação de fatores internos e externos a pessoas e, sobretudo, das relações com os outros” (1987:66).

3.3 – Escolha profissional segundo Grinder

Grinder ((1976) também enfatiza que os adolescentes vivem um período conturbado, conflitante em relação à escolha profissional e destacou os principais fatores que dificultam a concretização da escolha profissional. São elas: *O lugar de residência é fator decisivo; a posição sócio-econômica é preponderante; o sexo influi nos padrões ocupacionais; a ocupação dos pais é fator importante e por último os atrativos exercidos por determinadas profissões determinam a escolha da carreira.*

3.3.1– O lugar de residência é fator decisivo

Os adolescentes que vivem em zonas urbanas (metrópoles) pensam, diferente dos adolescentes que moram na zona rural ou cidades menores. Por que

os adolescentes que vivem em cidades maiores, normalmente tem maiores possibilidades de arrumar um bom emprego, há várias indústrias e universidades que possibilita o jovem a optar o que mais lhe convém. Já quem vive em cidades menores ou na zona rural tem mais dificuldade em arrumar um bom emprego, quando tem normalmente o salário é menor. E se quer continuar seus estudos tem grande dificuldade, por que nem sempre há universidade em sua cidade ou região e quando há não tem o curso que deseja fazer, na maioria dos casos. Isso pode causar agonia ao adolescente que não consegue realizar seus desejos.

3.3.2 – *A posição sócio-econômica é preponderante*

A posição sócio-econômica tem grande influência na escolha profissional. Segundo Grinder (1976),

“As classes sócio-econômicas baixas oferecem menos possibilidades, resultando em ambições ocupacionais mais limitados. Já nas classes sócio-econômicas mais elevadas, os adolescentes almejam algo mais satisfatório” (1976).

3.3.3 – *O sexo influi nos padrões ocupacionais*

As mulheres ainda enfrentam dificuldades para ingressar em algumas carreiras consideradas anteriormente masculinas, mas as mulheres estão lutando cada vez mais por seus direitos e conquistando espaços maiores.

3.3.4 – *A ocupação dos pais é fator importante*

Alguns adolescentes aspiram à carreira profissional dos pais ao mesmo tempo que existem pais que influenciam na carreira profissional de seus filhos, tirando deles liberdade de escolha.

3.3.5 – *Os atrativos exercidos por determinadas profissões determinam a escolha da carreira*

Os atrativos que influenciam a escolha profissional têm como base o status, posição social, a remuneração e outros prestígios.

Os adolescentes que aspiram a exercer carreira profissional, segundo Grinder (1976),

“buscam a competência como físico nuclear, químico ou catedrático; os que se preocupam em dominar a carreira ou temem fracassar se sentem atraídos por trabalho de prestígios social, como gerente de grande corporação, banqueiro ou ministro. E sempre haverá fatores econômicos, sociais e psicológicos interferindo na satisfação do indivíduo no exercício da profissão” (1976:540).

O adolescente tem que ser orientado nas mais diversas situações, a respeito de sua escolha profissional, enfatizando as mais variáveis oportunidades de emprego. Este deve abordar algumas que mais lhe convém, buscar esclarecimento sob suas opções e optar por aquela que lhe faça mais feliz e realizado. Levando em conta suas aptidões, desejos.

3.4 – Objetivando uma escolha profissional

Ao desenvolver um breve comentário sobre a teoria dos pensadores Super (1972); Bohoslavsky (1987) e Grinder (1976), a respeito da escolha profissional, nota-se que todos eles defendem que o adolescente vive um período de transição, tendo dificuldade em optar por uma carreira profissional. Principalmente em nossa atualidade em que as coisas estão mais difíceis, já que há um grande número de pessoas desempregadas, o que dificulta ainda mais ao se optar por uma carreira que os realize realmente. Em muitos casos, é preciso encarar o primeiro emprego que aparecer, dar graças a Deus por arrumar um novo emprego ou, se for o primeiro emprego, é ainda pior. Nesta perspectiva, poucos adolescentes têm a possibilidade de escolher uma carreira consistente que os realize.

A família, os educadores e a comunidade em geral, devem por princípio, ajudar os adolescentes a desenvolver uma consciência crítica referente à carreira profissional. Dar-lhes total liberdade, para que possam refletir sobre o seu futuro profissional, que é de grande importância para todos os indivíduos, principalmente para os adolescentes, já que eles necessitam optar entre tantas oportunidades de profissões, e decidir qual delas é a mais ajustável a cada um, levando-se em conta as preferências pessoais e sociais.

Os adolescentes estão preocupados com o mercado de trabalho e a remuneração. Não sabem realmente como escolher sua profissão, porque dependem de algumas situações impostas pela sociedade. Eles querem fazer aquilo que gostam, mas logo percebem que não podem, por que não têm dinheiro, por exemplo, para pagar uma universidade ou não têm trabalho na área escolhida por ele. Isto é, se o indivíduo gosta de música, então, estuda música. Mas o que fazer após ter concluído os estudos? Haverá campo de trabalho para todos os habilitados? Esse é um momento difícil para a maioria dos adolescentes, encarar a realidade cruel e injusta que não dá oportunidades a grande parte dos adolescentes para se ter um trabalho digno e honesto.

Para Erikson (1971), o adolescente necessita passar por um período de moratória psicossocial. É nesse período de espera que o adolescente vai se encontrando consigo mesmo, definindo suas opções pessoais, sociais, profissionais, etc. É fundamental para o adolescente viver um período sem muitas obrigações e cobranças por parte de seus familiares. Sim, muita conversa, orientação, mostrando as diversas opções, sobre a carreira a seguir; apontando sempre as variáveis positivas e negativas de cada área profissional; dando-lhe autonomia para seguir seu próprio caminho sem imposições.

A maioria dos adolescentes, na hora de escolher em que área irá exercer sua atividade profissional, analisa o campo de trabalho, referindo-se à remuneração e suas aptidões pessoais, porque trabalhar realizado, feliz, gostando do que faz, é uma forma de viver melhor e produzir mais. Essa é a meta de grande parte dos adolescentes. Infelizmente, o país em que vivemos não permite que todos os adolescentes encontrem-se realizados no que fazem. Alguns trabalham por que necessitam do dinheiro para sobreviver e poder ajudar os pais.

CAPÍTULO 4

UMA MORATÓRIA PSICOSSOCIAL PARA ADOLESCENTES

O adolescente vive uma fase de transição. Em momentos de sua vida, tem traços infantis e logo em seguida já almeja ser um adulto livre e independente. Ele vive seu estilo de vida, enfrenta caminhos divergentes e até antagônicos em função de esclarecer sua trajetória, sua caminhada, em busca de sua realização pessoal e profissional. Busca fortalecer seu ego, sua realização e sua personalidade, mas sente que isto não é fácil.

A passagem pela adolescência é um momento crucial e cheio de indefinições. Às vezes, eles querem ser eles mesmos, com seu próprio estilo de vida e sua maneira de ser, por outro lado, ficam angustiados e preocupados com o que a sociedade pensa sobre eles. Há momentos tensos e angustiantes na vida do adolescente, quando não sabe realmente como se relacionar com os outros, como se adaptar nesse mundo em constante tensão e mutação.

Para o Psicanalista Erik Erikson (1976)

“O adolescente precisa, sobretudo, de uma moratória psicossocial para a integração dos elementos iniciais de identidade acumulados nos estágios precedentes da infância. Portanto, somente aos poucos uma unidade mais vasta, ou seja, a sociedade, ainda indefinida em seus contornos e, no entanto, imediata em suas exigências, substitui o meio infantil” (1976:129).

Esse período de moratória psicossocial pode ajudá-lo a encontrar seu verdadeiro caminho, sua realização, sua auto-estima, sua autoconfiança. Segundo Erikson¹⁰ (1976)

“O adolescente necessita de um período no qual possa refletir, pensar melhor em quais situações se adapta mais, podendo diversificar inúmeras situações, até encontrar a mais satisfatória” (1976:130).

Por isso, os pais e amigos não podem forçar o adolescente a integrar-se na sociedade da maneira como querem, pois podem causar-lhe problemas graves, fazendo com que ele siga um caminho incerto. Por exemplo, tornando-se um profissional não condizente com

¹⁰ Erik Erikson nasceu em Frankfurt, Alemanha, em 15 de junho de 1902. Em sua origem existe em pouco de mistério: seu pai biológico era um homem dinamarquês anônimo que abandonou sua mãe antes de Erik nascer. Sua mãe, Karla Abranhamser, era uma mulher jovem e judia, que viveu sozinha os três primeiros anos de Erik, após esse período, a mãe de Erik casa-se com o Dr. Theodor Homberger. Logo em seguida muda-se para Karlsruhe na Alemanha do Sul. No instante em que Erik nacionaliza-se americano, muda seu nome oficialmente para Erik Erikson que significa “el hijo de Erik”, filho de Erik. Erikson não enfatizou somente sua teoria psicossocial e de sua vida, mas busca o caminho de sua identidade e, de certa forma, criou sua própria identidade. Morreu em 1994 (BOEREE, George. 2001).

seus anseios e seu potencial, causando uma angústia, prejudicará seriamente sua realização profissional e pessoal.

Os pais devem dar total liberdade aos filhos em se tratando de escolha profissional, já que esta assume para o adolescente um significado importantíssimo em sua vida. Deveriam levá-lo a pensar livremente a respeito de sua realização profissional, encaminhando vários fatores para a obtenção de uma escolha consciente e realizadora. Como alguns princípios básicos para a realização profissional, o salário, o status. Sobretudo, deve-se ter em conta que o momento da escolha é difícil para o adolescente. Isto acontece porque a maioria dos adolescentes não está suficientemente consciente para tantas escolhas que o desafiam. Eles precisam viver um período de moratória psicossocial, ou seja, uma pausa, e não entrar imediatamente numa carreira profissional.

Oliveira (2002)¹¹ enfatiza que

“...grande parte dos adolescentes busca um exacerbado reconhecimento entre eles. Isto é, o adolescente, por se sentir mais confuso e desamparado neste mundo que muda com uma velocidade muito grande, sente a necessidade de alguns suportes. E ele nem sempre os encontra no olhar das outras pessoas que estão ao seu redor. Sendo assim, ele se pergunta: o que o outro quer de mim? E desta forma ele vai mobilizar recursos ou se vê até mesmo sem recursos para dar conta desta expectativa. Então esse jovem, às vezes, vai buscar formas de auto-afirmação que nem sempre são produtivas. Pode acontecer que busque uma auto-afirmação do tipo narcísica. Por exemplo: “eu sou grande”, “eu posso”, “comigo nada vai acontecer”. E quanto mais narcisista for essa estratégia, menos consideração ele vai ter em relação ao outro. Isto é, uma auto-afirmação indiferente ao outro” (2002:12).

¹¹ OLIVEIRA, Carmem Silveira de. Medo e Insegurança. Oliveira é psicóloga e professora da UNISINOS de São Leopoldo – RS. Texto extraído da Revista Mundo Jovem (anoXL Nº324, março 2002:12).

O adolescente vive um momento de transição em sua vida, a princípio por causa de uma crise de identidade, pela maneira de incluir em um grupo, na escola e na sociedade de modo geral. Mas não se pode esquecer que também é neste momento que seu corpo está se transformando, sua estrutura física e seus hormônios passam por mudanças significativas. Tais transformações inquietam o adolescente. Como: “Será que meu corpo ficará bonito?” “Será que meus amigos (as) vão gostar de mim?” “Posso arrumar uma (um) namorada (o) com um corpo deste jeito?”. São questões vivenciais que afetam o cotidiano do adolescente, levando-o a momentos cruciantes. Mas por outro lado estes momentos difíceis são importantes pois, embora conflitantes podem vir a fortalecer sua trajetória, levando-o, após um período de moratória psicossocial, a uma identificação consigo mesmo e com os outros.

Erikson enfatiza que os adolescentes vivem em grupos, um ajudando o outro no decorrer do tempo e, de alguma forma, todos compartilham o que têm como principal objetivo, ou seja, uma vida mais favorável e com maior realização pessoal.

A sociedade precisa oferecer ao adolescente um período intermediário entre a infância e a idade adulta que não esteja sobrecarregado de sanções. Este espaço de tempo oferecido ao adolescente surge em função de sua insegurança e imaturidade, já que ele não sabe realmente o que pretende da vida. Por exemplo: na vida profissional, ele tem dúvidas em qual área deverá seguir e aperfeiçoar-se. Esse período de espera foi caracterizado por Erikson como uma moratória psicossocial, podendo o adolescente viver diversas experimentações de papéis, nos quais poderá encontrar um nicho em suas andanças. Nicho este que pode fortalecer sua identidade e sua personalidade.

Erikson (1976) define.

“Moratória psicossocial sendo um período de espera concedido a alguém que não está apto para satisfazer uma obrigação ou até mesmo imposto a alguém que deveria conceder-se (mas também fixar-se) um prazo de tempo. Assim, por moratória psicossocial entendemos um compasso de espera nos compromissos adultos e,

no entanto, não se trata apenas de uma espera. É um período que se caracteriza por uma tolerância seletiva por parte da sociedade e uma atividade lúdica por parte dos adolescentes. Entretanto, freqüentemente, há um empenho profundo, ainda que amiúde transitório do adolescente terminando com uma confirmação cerimonial desse compromisso pela sociedade” (1976:130).

Toda sociedade sanciona uma moratória para a maioria dos adolescentes, principalmente em relação às suas aventuras, seus estudos, que mais tarde serão aceitas como seus valores próprios. Sobretudo ao adolescente marginalizado deve-se dar esse período de moratória psicossocial, na expectativa de que seja orientado por pessoas envolvidas nessa situação e possa encontrar subsídios para abandonar o que houver de insensato e, muitas vezes também, de injusto em sua vida.

Erikson, em sua teoria psicossocial da importância fundamental a integração do adolescente na sociedade e ao desenvolvimento de sua própria personalidade. Esses são os aspectos essenciais na teoria de Erikson. Quando o adolescente alcança esse patamar, tem tudo para viver uma vida mais harmônica e feliz. Bastando a ele seguir seus anseios em busca de realização pessoal e profissional.

4.1 – O desenvolvimento psicossocial na adolescência

A teoria psicossocial em Erikson (1976), diz que a personalidade tem como variável a sociedade em confronto com aquilo que nós somos e que os outros pensam de nós. Assim sendo, partimos para uma base pulsional, mas é a interação entre o eu e o outro que constitui valores fundamentais para o desenvolvimento da personalidade.

Erikson defende que a identidade não está totalmente formada até o final da adolescência. Ele enfatiza as demandas culturais comuns aos indivíduos em desenvolvimento ao longo do ciclo vital.

O ser humano vai constituindo sua identidade no decorrer dos estágios. Segundo Dell'Aglio e Kristense (2002)¹², elas enfatizam a teoria psicossocial de Erikson em seus trabalhos. Afirmam que em cada

“... estágio do desenvolvimento psicossocial ocorrem pressões do ambiente social que vão ser geradoras de conflito, crise. A crise oferece à pessoa em desenvolvimento a possibilidade de uma saída, uma forma de lidar mais ou menos adaptativa. É possível influenciar e dirigir conscientemente o desenvolvimento em cada estágio. Eventos em estágios posteriores podem levar à superação de experiências infantis negativas, contribuindo para o estabelecimento da identidade” (Dell'Aglio, e Kristense, 2002).

Ferreira (2001), Também usou a teoria psicossocial em Erikson em seus estudos, abordando a importância dos estágios na vida de cada ser humano, e isto vai depender de cada ser.

“O grau de sucesso de um indivíduo em satisfazer as exigências desses vários estágios dependerá muito das suas interações com as outras pessoas e objetos do seu entorno e uma resolução dos conflitos anteriores” (2001:20).

Há diversos autores que introduziram em seus estudos a teoria psicossocial de Erikson. Como forma de demonstrar a importância desse processo na vida de cada um de nós. A construção da identidade, da personalidade de cada cidadão vem de um processo contínuo no decorrer de cada ciclo vital. Mas o período de maior relevância segundo os autores citados neste texto como: Erikson (1976), Dell'Aglio (2002), Ferreira (2001),

¹² DELL'AGLIO, Débora Dalbosco e KRISTENSE, C. Haag. Erikson e o desenvolvimento na adolescência. Elas são professoras da UNISINOS RS. Este texto encontra-se na Internet 2002.

Braghirolli e Rizzon (2000), Milner (2002) e tantos outros não citados, mas que trabalham esta teoria psicossocial, é a adolescência.

O estágio da adolescência é o marco decisivo para a formação da identidade, em que o ser humano vive em constante tensão, em crises, não sabe realmente o que fazer mas, aos poucos, vai formulando sua índole.

Trabalhando neste contexto Braghirolli; Pereira; Rizzon, (2000), destacam a relevância de haver este período na vida do ser humano. É essa passagem que vai delinear a jornada de cada indivíduo, podendo este ser de grande valia, se o indivíduo desenvolve-se de forma correta e sadia.

“A forma como são solucionados os conflitos ou as crises típicas de cada estágio vai influir decisivamente sobre como vão ser vivenciadas as etapas posteriores, fazendo que cada estágio se torne presente, e se atualize naquele que o sucede. E a personalidade vai se estruturando, se reformulando, se adaptando, tendo sempre como fundamento às experiências vividas: as soluções adaptativas que se mostraram eficazes, satisfatórias bem como os fracassos dos estágios anteriores” (Braghirolli; Pereira; Rizzon, 2000:106).

Na transição da adolescência a sociedade deve estabelecer uma moratória psicossocial ao adolescente, em relação a suas responsabilidades, porque se este for um período mais “light”, o adolescente pode, aos poucos, ir ao encontro de sua nova personalidade e pode explorar diversas opções relativas ao seu futuro para optar por aquela que lhe convém e se esta não for satisfatória, pode escolher outra.

Para Erikson o desenvolvimento psicossocial é fundamentado em um sistema básico, em que todos os aspectos da personalidade dependem do desenvolvimento na seqüência apropriada e cada um existe de alguma forma, que pode ser positiva, isto é, o ego alcançou suas perspectivas. Ou por um ego deteriorado, fragilizado, que não obteve satisfações.

A professora Milner (2002)¹³, enfatiza que a passagem entre os estágios se dá de forma que

“o plano social é ressaltado como um fator determinante na passagem pelos estágios, estando presente na genética do indivíduo. Este plano seria responsável por inúmeras experiências pré-determinadas pelas quais o indivíduo passará ao longo de sua vida, garantindo-lhe aquisições para a formação de sua identidade” (2002).

4.2 – Adolescência e idade escolar

A adolescência é uma fase de transição, em que o indivíduo tem fortes compromissos com a infância, mas aspira a ser um adulto, ora está de bem com a vida, ora de mau humor, porque convive num mundo injusto e complexo. Essa complexidade aumenta a dimensão das dúvidas e crises pelas quais o adolescente passa sua preocupação com a sua aparência; ou com as causas e conseqüências de suas decisões podem provocar mudanças de humor, timidez, retraimento, ou até constrangimento em determinadas situações, já que nesse período, o adolescente não tem exatamente o que se pode chamar de “controle” sobre seus sentimentos, sensações e, porque não, hormônios.

Erikson, (1998),

¹³ MILNER, Jenny. Desenvolvimento Emocional – Erikson. É professora da PUCRS. Disponível em: <http://www.pucrs.br/uni/poa/psico/pos/jorge/teses.htm> // acesso em: julho de 2002.

“A adolescência abriga um certo senso de existência, ainda que fugaz, e também um interesse, às vezes, apaixonado por todos os tipos de valores ideológicos, religiosos, políticos, intelectuais, incluindo, às vezes, uma ideologia de ajustamento aos padrões, em busca de sucesso, de realização. Aqui, os tumultos que caracterizam a adolescência em épocas anteriores podem permanecer estranhamente dormentes, passando despercebidos por eles, e estes poderão mais tarde vir à tona” (1998:64).

Sobre esse mesmo assunto Rappaport (1996), relata:

“O adolescente é instável. Seu humor varia muito. Ele rejeita os pais e quer independência num momento, chegando a agredi-los; em outro momento, solicita proteção, aconchego. Quer guardar privacidade em relação às atividades sexuais, mas também faz questão de que os pais conheçam e aprovem suas paqueras” (1996:15).

Contextualizar a problemática que o adolescente vive no seu cotidiano é um dos pontos essenciais para a elaboração e concretização da sua pluri identidade. Só assim é possível para ele assumir realmente sua personalidade, seu estilo de vida. O adolescente que não passar por essa fase angustiante, de crises, nunca obterá realmente sua própria personalidade. Erikson (1976), defende.

“A importância de haver certo repúdio de papéis no processo societário. Pois, a contínua readaptação às mudanças nas circunstâncias, muitas vezes, só pode ser mantida com a ajuda de jovens rebeldes, leais que se recusam a “ajustar-se” a “condições” e que cultivam uma indignação, sem a qual a evolução psicossocial estaria condenada” (1976:65).

O adolescente normalmente vive angustiado no período escolar, principalmente na fase final no Ensino Médio, pois está concluindo mais uma etapa de seus estudos, e normalmente não está preparado ou decidido em sua vida, por exemplo: “O que vou fazer agora? Continuo estudando ou não? Se estudo? O que fazer?” Essas questões acabam

angustiando o adolescente. Por isso é importante oferecer-lhe um processo de espera, de preparação, considerada uma moratória psicossocial fundamental para o adolescente, já que o ajuda a encontrar-se consigo mesmo, por exemplo, no aspecto de uma maturação sexual e cognitiva, e um adiamento sancionado do comportamento definitivo, levando-o a ter uma postura mais bem definida e realizada no seu contexto social e pessoal.

Se o adolescente não passar por esse período moratório psicossocial poderá mais tarde sofrer alguns problemas. Se começar a trabalhar mais cedo, ingressando no mercado de trabalho muito novo, assumindo responsabilidades adultas sem se sentir devidamente preparado, poderá ter traumas futuramente, uma vez que eles, em muitos casos, não gozaram realmente sua juventude, viveram para o trabalho, para os compromissos e não desfrutaram as maravilhas que a vida oferece.

É muito importante que cada ser humano obtenha uma confiança básica, pois é ela que nos fortalece e guia nossos caminhos. Um ser sem auto-estima é um ser desiludido, então é fundamental que o jovem construa sua personalidade, sua auto-realização.

4.3 – Teoria Psicossocial de Erik Erikson

Erikson dividiu em 8 estágios ou “idades evolutivas”, as fases do ser humano de acordo com o desenvolvimento psicossocial. Cada um desses estágios simboliza uma etapa na vida do indivíduo que, ao atravessá-la, vivenciando e superando a crise que lhe é característica, chegará a seus últimos dias realizado e feliz por ter cumprido sua jornada.

4.3.1 – Confiança básica versus desconfiança básica

Para Erikson, no primeiro estágio as interações que a criança estabelece com o meio são da maior importância para a personalidade em desenvolvimento.

Esse estágio é caracterizado por uma atitude positiva de esperança, refletida pela confiança no meio em que a criança vive e no futuro. A mãe é a base essencial na vida do bebê. Ela oferece satisfação em relação às necessidades físicas e emocionais básicas, e o bebê desenvolve um senso de confiança nos outros e em si mesmo. O bebê, quando não obtém esta confiança significativa, poderá tornar-se desconfiado de si mesmo e dos outros.

Embora o aparecimento da confiança seja essencial para o bebê, o sentimento de desconfiança também se faz necessário, mantendo um equilíbrio para que a criança comece a discernir estas características em suas experiências futuras.

4.3.2 – Autonomia versus vergonha e dúvida

O segundo estágio fundamenta-se na afirmação do querer, da escolha. A criança tem a capacidade de exercer uma escolha assim como a possibilidade de autodomínio; sentimento de autonomia e de amor próprio que levam ao desenvolvimento da boa vontade e orgulho. Por outro lado, pode acontecer que se desenvolvam sentimentos de perda do autocontrole e do supercontrole exterior, levando a um excessivo grau de insatisfação, onde a vergonha e a dúvida poderão ser constantes na vida das crianças.

4.3.3 – Iniciativa versus culpa

Nesta fase a criança é especialmente dotada de vivacidade. Ela não só tem a capacidade de iniciar atividades, de continuá-las, de apreciar suas realizações e a si mesma, como também parece ter uma fonte de energia inesgotável que lhe possibilite superar os fracassos com certa facilidade e vencer obstáculos para satisfação de seus desejos. A

iniciativa é a mola propulsora da atividade pela qual a criança excede suas energias nas lutas que empreende para a conquista de seus objetivos.

Erikson, (1971) destaca a importância de haver nos indivíduos um espírito de iniciativa.

“A iniciativa como um componente necessário de todo ato e o homem precisa de espírito de iniciativa para tudo o que aprende e faz, desde colher frutas até organizar uma empresa” (1971:235).

A criança tem o hábito de ir à busca do desconhecido, de criar, de fantasiar, porém como nem sempre acontece o que a ele imaginou e aparecem as sanções, regras, manipulações e obrigações, por parte do meio social, surge um sentimento de culpabilidade na vida da criança.

4.3.4 – Indústria versus inferioridade

Esse estágio é caracterizado por Erikson (1971), como um

“...período importante e decisivo socialmente. Visto que a indústria implica fazer coisas ao lado de outros e com eles, nesta época se desenvolve um primeiro juízo a respeito da divisão do trabalho e da oportunidade diferencial, isto é, do “ethos” tecnológico de uma cultura” (1971:240).

Esta etapa caracteriza-se pelas mudanças nas habilidades e experiências de vida da criança e no impacto que essas mudanças têm sobre o desenvolvimento de sua personalidade.

A escola é uma experiência marcante para a criança, é onde ela busca sua valorização e a responsabilidade perante os demais, através de seu desempenho e de sua

produção. A que destacam-se o pensamento de Braghirolli; Pereira; Rizzon, (2000), que enfatizam sua teoria embasados em Erikson, dizendo que uma

“...criança que vier a sofrer muitos fracassos frente às tarefas que se propõe ou que lhe são atribuídas pelos ensinantes, e que, portanto chegar a experimentar freqüentes insucessos na aquisição de habilidades pertinentes ao uso das ferramentas, tenderá a desenvolver um sentimento de inadequação e inferioridade. A decorrência natural é que venha a desistir de identificar-se com as figuras e papéis adultos” (2000:113).

A felicidade da criança dar-se-á a partir do momento em que ela esteja satisfeita com os progressos que obteve em sua caminhada para o desconhecido conseguindo obter novos valores, novos significados. Caso contrário, se a criança não conseguiu realizar seus desejos, as frustrações ficam presentes em sua vida, tendo que, aos poucos, achar novos elementos que a ajudem a superar esses desvios, que tanto a incomodam.

4.3.5 – Identidade versus confusão de papel

Erikson considera o quinto estágio como o mais importante de todos os demais, é o mais sofrido e o mais perigoso, pois de sua solução vai depender o futuro do indivíduo, por todo o restante do seu ciclo vital.

Para Braghirolli; Pereira; Rizzon, (2000), é neste estágio que

“...a infância chega agora ao seu término, a puberdade já é uma realidade e a maturidade genital chega com toda a sua exuberância. As mudanças corporais afetam sensivelmente a identidade, pois a aparência vai se modificando incontrolavelmente. O adolescente e a continuidade alcançada nas etapas anteriores ficam abalados. E o adolescente se lança em busca de um novo sentido, de uma nova continuidade, que possa lhe desenvolver a segurança. Para tanto

reedita muitas das batalhas que já havia empreendido nos primeiros estágios, frente ao mundo e às pessoas reais significativas. E essas pessoas ou representantes passam a constituir-se em adversários potenciais, contra os quais o jovem precisa lutar, a quem precisa contestar ou mesmo negar” (2000:115).

Nesse estágio o adolescente busca uma ideologia que possa refortalecer seu ego, dar sustentação à sua própria vida, podendo identificar os valores fundamentais que guiam sua jornada no decorrer do ciclo vital. Erikson (1971) enfatiza que

“...a mente do adolescente é essencialmente uma mente do moratorium, que é uma etapa psicossocial entre a infância e a idade adulta, entre a moral apreendida pela criança e a ética a ser desenvolvida no adulto. É uma mente ideológica e, de fato, é a visão ideológica de uma sociedade a que afeta mais claramente o adolescente ansioso por se afirmar perante seus iguais e que está preparado para se ver confirmado pelos rituais, credos e programas que definem ao mesmo tempo em que é mau, fantástico e hostil. Portanto, ao examinar os valores sociais que orientam a identidade, ele se defronta com os problemas da ideologia e da aristocracia, ambos em seu sentido mais amplo possível, indicativo de como, dentro de uma imagem definida do mundo e um curso predestinado da história, os melhores indivíduos chegam ao poder e o poder melhor se desenvolve no povo” (1971:242).

4.3.6 – Intimidade versus isolamento

Nesse estágio ocorre a busca de intimidade e, ao mesmo tempo, a necessidade de privacidade. Quando esta necessidade se torna muito forte e a identidade do indivíduo não ficou bem cristalizada, a pessoa tende a isolar-se, como se a intimidade com alguém consistisse em uma ameaça para a sua própria identidade.

Braghirolli; Pereira; Rizzon, (2000), dão ênfase constantemente aos relatos de Erikson e de sua abrangência neste contexto da construção da identidade e sua influência.

“A consolidação de uma identidade própria, herança da solução positiva da crise típica do estágio anterior, é decisiva para a entrada nessa nova etapa. O jovem adulto agora tem estrutura para se aproximar de outras identidades e com elas desenvolver laços afetivos mais profundos e duradouros. Identidade sólida afasta o perigo, que antes era iminente, de desagregar a personalidade pela difusão de papéis. Torna-se então possível firmar compromissos sérios e persistentes, e arcar com as responsabilidades e conseqüências que deles advêm: ser fiel na relação, ter filhos e responsabilizar-se por eles” (2000:116).

O adolescente também tem a necessidade de desenvolver a sua dimensão profissional, ou a busca da realização profissional para que se realize e busque o fortalecimento de seu projeto de vida.

No jovem adulto, quando não obtém resultados satisfatórios, compensatórios, a sua tendência é viver em um mundo de ilusão, em um isolamento da própria identidade.

4.3.7 – Generatividade versus estagnação

A característica deste estágio é a capacidade de produzir e garantir o que foi criado com amor. O foco está nas conquistas profissionais, tendo criatividade e o aumento da atenção com os filhos.

Osório (1981), complementa que neste estágio o indivíduo analisa seu ciclo vital, sua jornada, observando o que houve de positivo e negativo em sua vida. Ele destaca a

importância de haver, nesse período, um equilíbrio por parte do indivíduo em prol de sua realização. Caso contrário, se o

“...adulto não conseguir almejar seus objetivos, se houver falhas na sua produtividade profissional e principalmente na família, isto pode levar o adulto a uma estagnação psicológica. Criar filhos, centrar-se na realização profissional e preparar a próxima geração faz parte das principais atividades desta fase” (Osório, 1981).

4.3.8 – Integridade do ego versus desesperança

O último estágio descrito por Erikson vem satisfazer a integridade de cada indivíduo que conseguiu vencer seus obstáculos. Neste período a pessoa já adulta e consciente de seus atos, sente-se feliz e realizada, com um sentimento de integridade por ter conquistado sua meta de vida. O indivíduo que atinge esse patamar é uma pessoa realizada consigo mesma e com os outros, não tem medo da própria morte, pois, sabe que sua missão foi realizada.

Nesse estágio destacam-se dois autores. O primeiro deles é o próprio Erikson (1971) e novamente Braghirolli; Pereira; Rizzon, (2000), por sua clareza em dar fundamento ao trabalho de Erikson.

“A integridade de cada indivíduo é desenvolvida por sua cultura ou civilização, se torna assim o patrimônio de sua alma, o selo de sua

paternidade de si mesmo. Nessa consolidação final, a morte perde seu caráter pungente” (Erikson, 1971:247).

“A integridade é a marca individual daqueles que conseguem aceitar e conviver com a sua própria trajetória de vida e defender o seu estilo peculiar, que representa o seu patrimônio maior, frente às ameaças e adversidades que a vida possa lhes reservar. Trata-se daquelas pessoas que conseguem vislumbrar a sua posição histórica e cultural, inserida num contexto e numa ordem maior” (Braghirolli; Pereira; Rizzon, 2000:119).

Quando o indivíduo não obteve total integridade em seu ego, passa por momentos angustiantes, pois não conseguiu realizar suas tarefas ao longo de sua vida, e isto causa desgosto, desesperança, por isso ele não aceita conviver com a idéia da morte, por que não conseguiu concretizar todas suas perspectivas.

4.4 – Análise dos oito estágios do ciclo vital

Erikson elaborou oito estágios do desenvolvimento do ciclo da vida com uma vertente positiva e uma negativa em cada um deles. As duas vertentes são fundamentais para o desenvolvimento e o equilíbrio de cada pessoa, sem elas é impossível estabelecer uma identidade própria.

Erikson (1971), define.

“A personalidade humana se desenvolve, em princípio, de acordo com etapas predeterminadas na disposição do indivíduo em crescimento para se deixar dirigir no sentido de um raio social cada vez mais amplo, para se tornar ciente dele e para interagir com ele. A sociedade tende a se constituir de tal

modo que satisfaça e provoque esta sucessão de potencialidade para a integração e de tentativas para salvaguardar e ativar a produção adequada e a seqüência apropriada de sua abrangência. Nisso consiste a manutenção do mundo humano” (1971:249).

Nesse desenvolvimento, cada estágio é atravessado por uma crise a ser superada. Se não o for no momento próprio, geram-se mecanismos de compensação em idades posteriores.

A nossa própria identidade começa a constituir-se desde a infância, mas é a partir do quinto estágio que desempenha sua função primordial: consolidar-se e acentuar-se em si mesma.

Na tabela a seguir destaca-se os oito estágios do ciclo vital, segundo Erikson, para maior clareza, ajudando-os a entender melhor cada período. Que é representado por uma palavra central, tendo, por exemplo, a palavra que está em maiúsculo em cada um. No oitavo estágio, por exemplo, a palavra sabedoria significa que a pessoa alcançou o esplendor Máximo, podendo usufruir sua inteligência em prol de sua realização. E, assim consecutivamente cada estágio o ser humano vive seu esplendor.

Tabela 01

Crises Psicossociais - Erikson¹⁴

Velhice VIII								Integridade X Desespero SABEDORIA
Idade Adulta VII							Generativida- de X Estagnação CUIDADO	
Idade Adulta Jovem VI						Intimidade X Isolamento AMOR		

¹⁴ Este gráfico foi extraído do livro: O Ciclo da Vida Completa. Erikson, 1998:52.

Adolescência V					Identidade X Confusão de Papel FIDELIDADE			
Idade Escolar IV				Indústria X Inferioridade COMPETÊNCIA				
Idade de Brincar III			Iniciativa X Culpa PROPÓSITO					
Infância Inicial II		Autonomia X Vergonha VONTADE						
Período de Bebê I	Confiança Básica X Des. Básica ESPERANÇA							
	1	2	3	4	5	6	7	8

4.5 – Crises na adolescência

O adolescente vive uma mudança em ebulição que está constantemente presente no seu cotidiano. São tantas mudanças, rupturas, caos, insegurança, conflitos e transformações que acabam dificultando a sua vida. Carvajal (1998:70), concorda com Erikson, quando afirma que o adolescente vive constantemente em crise e os classifica em: *crise de identidade*; *crise de autoridade* e por último a *crise sexual*.

Crise de identidade: o adolescente tem que ser ele mesmo. Procurando sempre definir seu self¹⁵ e seus objetivos. Ir ao encontro de sua realização, deixando de lado a infância e passando a estabelecer novos princípios, que venham a salientar sua personalidade, sua auto-afirmação.

Crise de autoridade: A maioria dos adolescentes contesta os pais e a sociedade de modo geral ou qualquer situação em que existam regras, normas estabelecidas. Eles vivem seus princípios, não admitem imposições. As regras são para eles algo constrangedor. Preferem contestar, lutar por seus direitos, a ficarem submissos a elas. Por isso, são chamados de rebeldes.

Crise sexual: O adolescente começa a deixar de viver suas atitudes infantis por atitudes adultas. A maneira de ver o mundo passa a ser diferente, observa mais, principalmente nas questões amorosas. Vive intensos sentimentos de prazer, seus impulsos libidinais estão em alta.

Em alguns casos, o adolescente tem dificuldade de manejar, de organizar seus impulsos libidinais, causando angústias, sofrimento. Mas ao mesmo tempo essas angústias o ajudam a encontrar sua realização.

Essas crises marcam profundamente o desenvolvimento do adolescente em busca de sua identidade, de sua personalidade, mas são as crises que reformulam e dão sentido à sua vida para encontrarem algo mais consistente, maduro, pois, sem elas as coisas ficariam sem sentido. O “muito fácil” não é valorizado e não tem um alto grau de resistência.

4.6 – O adolescente e a crise de identidade

¹⁵ Si-mesmo. No modelo objetal é o centro da mente. É tudo aquilo que consideramos próprio e que nos identifica dentro de nós mesmos.

A adolescência tem uma posição de destaque na teoria de Erikson, principalmente porque ele considera este um período decisivo na formação da identidade. É na adolescência que o indivíduo desenvolve os pré-requisitos de crescimento fisiológico, maturidade mental e responsabilidade social que o preparam para experimentar e ultrapassar a crise da identidade.

Sobre a crise de identidade destacam-se alguns conceitos relacionados a ela. Segundo os autores e tendo como base central a teoria de Erikson (1976) e outros como: Carvajal (1998), Knobel (1981), Aberastury e Knobel (1980) e por último Bohoslavsky (1971). Que fundamentam esta problemática.

“A crise de identidade incorpora elementos de todas as outras crises. Ela é prenunciada em cada um dos conflitos nucleares que a precederam e recapitula todos eles, além de antecipar os três conflitos que se desenrolarão na idade adulta. A adolescência é vista como uma ‘crise normativa’, diferenciando de crise psicótica ou neurótica, sendo uma fase normal, com aumento de conflitos, caracterizada por uma aparente flutuação da força do Eu e um aumento considerável de seu potencial” (Erikson, 1976:134).

Para Carvajal (1998)

“A crise de identidade é a crise central da adolescência, pilar da mudança, essência da metamorfose. É uma situação intrapsíquica complexa, em sua maior parte inconsciente e, portanto, deve ser concebida de maneira teórica e metapsicológica” (1998:103).

Knobel (1981) enfatiza que por crise de identidade

“...se conota uma ruptura de uma forma estabelecida de relação. Muitas vezes essa imagem esconde a sua complementação: a idéia de passagem, reajuste e nova forma de adaptação. Crises estão relacionadas com algo que

morre e com algo que nasce, é dizer que está relacionada com a idéia de desestruturação e reestruturação da personalidade” (1981:30).

Aberastury e Knobel (1980) desenvolveram este tema, afirmando que

“...a crise resolve uma situação ao mesmo tempo em que designa o ingresso em uma situação nova, que situa seus próprios problemas. Por este motivo, costuma-se entender por crise uma etapa perigosa, transitória e instável da qual pode resultar algo benéfico ou não para a entidade que a experimenta” (1980).

Bohoslavsky (1987) salienta que todo

“... adolescente é uma pessoa em crise, na medida em que está desestruturando e reestruturando tanto o seu mundo interno, como suas relações com o mundo exterior. Do resultado da tolerância a esta crise e dos mecanismos empregados para superá-la, surgirão formas de reação com seu mundo interno e seu mundo externo, diferente das relações mantidas anteriormente” (1987).

Dessa maneira, as tarefas da adolescência conduzem o adolescente a um refúgio em seu mundo interno para poder relacionar-se com o que já vivenciou com o seu passado e, a partir daí, enfrentar o futuro. Estas modificações o levam a realizar um verdadeiro processo de luto infantil pelo qual, no início, nega a perda de suas condições de criança e tem dificuldades para aceitar as realidades mais adultas que vão lhe impondo, entre as quais, logicamente, se encontram as modificações biológicas e morfológicas do seu próprio corpo, acarretando na busca de uma nova identidade, que vai se constituindo num plano consciente e inconsciente.

Quando se atinge o final deste árduo processo de definição da personalidade, o que seria uma das funções essenciais desta etapa da vida, consegue-se chegar a uma verdadeira cristalização de nossa individualização, a

formação de uma identidade pessoal. A conquista desse autoconceito é o que Erikson (1976) definiu como uma “*entidade egóica, uma identidade pessoal*”.

O adolescente precisa dar continuidade a tudo isto dentro da personalidade, pelo que se estabelece uma busca de um novo sentimento de continuidade e semelhança consigo mesmo.

Crise de identidade é esse processo em que o adolescente vive em seu cotidiano, vivenciando diversos valores, em muitos casos antagônicos. Se num momento, seu pensamento é lógico, racional, correto, no instante seguinte sua opinião muda completamente e flui a emoção, surgem as dúvidas e a irracionalidade. Todas essas alternâncias repentinas e inesperadas geram tensão e crise que dificultam o relacionamento com familiares e amigos. O adolescente quer e precisa ouvir a opinião ou conselho das outras pessoas, porque na verdade, ele está tentando estabelecer parâmetros que o ajudem a compreender o que lhe está acontecendo. Esse questionamento, essa busca constante em querer sanar suas dúvidas, então, ele necessita encontrar respostas coerentes que o ajudem a fortalecer sua auto-estima e a entender o mundo e a sua vida de forma harmoniosa e feliz.

4.7 – Busca de Si Mesmo

O processo adolescente traz em si uma situação que obriga o indivíduo a se refugiar, com a finalidade de reformular os conceitos que tem a respeito de si e que o levam a abandonar a sua auto-imagem infantil e a projetar-se no futuro de sua vida adulta, ou seja, nesta etapa, o indivíduo está atrás de uma identidade fundamentalmente especial e com valores e características próprias.

O período da adolescência é marcado por diversos fatores que geram angústia. O marco crucial é representado pela crise de identidade, o adolescente vive um mundo complexo e angustiante. Ele busca compreender os fatores de sua vida, os seus objetivos, e

como se adaptar ao mundo social e adulto. Como se dá a transição, a passagem do mundo infantil para o adulto? Essa é a grande questão. São os conflitos de identidades presentes no adolescente, que salientam uma mudança de personalidade.

As angústias, as incertezas nos adolescentes estão presentes no sentido de como relacionar-se consigo mesmo e com o mundo social, o que o outro poderá pensar a respeito de sua conduta, de sua aparência física, a acne, as modificações das formas do corpo e a circunstância de ser ou não fisicamente atraente. Estes são alguns dos problemas enfrentados na maioria dos adolescentes.

Outra questão problemática é a sua família. Como ele tenta formar sua própria identidade, sua autonomia, sua independência, aparecem os conflitos, pois os pais querem participar na vida dos filhos, dando opiniões, sugestões. Os adolescentes não concordam com certas condutas de seus pais, e, assim, vão aparecendo as divergências de atitudes, os conflitos, entre os pais e os filhos.

O adolescente quer ter sua própria identidade, diferenciando-se dos seus pais e, em muitas vezes, até da sociedade. Ele está a caminho de outras realizações, de satisfazer o seu próprio “eu”, de estar de bem consigo mesmo, e com sua turma de amigos. Vivem e participam de tribos, que são grupos de adolescentes que seguem os mesmos objetivos, normalmente esses objetivos são identificados e copiados de seus ídolos, que podem ser cantores populares, atletas, atores. É no grupo que o adolescente encontra o reforço necessário para as modificações do ego que se produzem nesta fase.

Partindo do princípio de que a vivência nos grupos é essencial para o desenvolvimento da autonomia, da identidade, Knobel (1992) enfatiza que

“... o fenômeno grupal adquire uma importância transcendental, uma vez que se transfere ao grande grupo parte da dependência que anteriormente se mantinha com a estrutura familiar, principalmente com os pais. Depois de passar por esta experiência grupal, o

indivíduo poderá começar a separar-se da turma e assumir a sua identidade adulta” (1992).

O adolescente busca sua identidade na realização de estar de bem consigo mesmo e com seu grupo, não importando, às vezes os ideais de seus pais. É neste contexto que vai adquirindo sua autonomia, sua independência e, principalmente, a responsabilidade para enfrentar e viver numa sociedade como um ser adulto e confiante em seus atos e perspectivas.

Crise de identidade é um período próprio da adolescência, Knobel (1992) diz que a

“crise é uma característica própria da adolescência adotar identidades diferentes durante este processo crítico que atende suas definições. Estas múltiplas identidades constituiriam para o adulto um processo patológico, mas fazem parte de um quadro normal da adolescência” (1992).

Percebe-se que Knobel (1992), subdividiu as diferentes identidades vividas pelos adolescentes, em três grupos. Que estão organizadas da seguinte maneira: *identidade transitória; identidade ocupacional e identidades circunstanciais.*

- **Identidade transitória** – São modelos de condutas próprias dos adolescentes que vivem de acordo com a estrutura do grupo. Não é uma definição concreta que eles têm sobre um determinado assunto. Suas atitudes variam constantemente, vivem esse período de transição sem preocupações, sem compromissos, levando tudo na esportiva, na brincadeira.
- **Identidade ocasional** – É quando o adolescente adota uma postura em um determinado momento, numa ocasião especial ou simplesmente pelo fato de gostar, de fazer coisas diferentes, isto é, algo imediato, sem constrangimento, vivem em uma postura não delimitada. É o momento que faz o adolescente adotar tal postura. A felicidade de ter passado no

vestibular, de ter conquistado aquela menina de seus sonhos, são situações que o adolescente adota em cada ocasião.

- **Identities circunstanciais** – O adolescente vive momentos circunstanciais em sua vida, não tendo uma postura que varia de acordo com o momento. Por exemplo: na família, ele é rebelde, na escola ele pode ser agressivo, na igreja ser piedoso, no grupo de amigos ser submisso e assim por diante. Essas alternâncias no adolescente são consideradas normais, já para o adulto não são aceitáveis. Knobel (1981) considera normal essa atitude que ele chama de “síndrome da adolescência normal”.

Essas três concepções de crise de identidades adotadas por Knobel vêm salientar que o adolescente vive esse período de sua vida, normalmente e é propício a ele viver com os sintomas de crises. Tudo isso é algo normal e natural Erikson (1976), salienta que o adolescente vive esse período de crise e deve se dar-lhe uma moratória psicossocial, para que ele encontre soluções para seus anseios e possa encontrar-se consigo mesmo e com os outros, definindo assim sua identidade.

4.8 – O adolescente em busca da identidade

Joseph Márcia (1970)¹⁶, dá continuidade aos trabalhos de Erik Erikson, principalmente ao estudo com adolescentes em função da aquisição da identidade. Márcia parte do

“... princípio de que para se obter uma nova identidade deve-se haver uma subdivisão básica das idéias de Erikson. A aquisição da identidade deve ser baseada em três categorias: a área profissional, sexual e ideológica, sendo a ideológica dividida em outras duas partes: a política e a religiosa” (1970).

Ao desenvolver este trabalho com adolescentes, principalmente neste capítulo enfoca-se mais detalhadamente a crise de identidades vividas pelos adolescentes em busca de uma realização pessoal e social e poder gozar de todos os seus direitos e deveres.

Ferreira (2001) que trabalhou os conceitos de Márcia (1970), enfatiza que o adolescente para

“... aquisição da identidade passa por duas etapas. Sendo a primeira, um momento de crise, ou seja, um momento de várias possibilidades presentes no seu dia-a-dia. A atração por mais de uma opção acaba dificultando a escolha da mais consistente, da melhor a mais adequada a si mesmo. Por exemplo, em princípio quer algo, em instante já opta por outra. E assim, suas angústias, seus conflitos permanecem até uma nova escolha” (2001:23).

A segunda etapa é mais consistente, é a fase em que o adolescente tem que optar por algo, e seguir em frente, tendo sempre objetivos a serem almejados. Mais uma vez para Erikson (1976), a crise é essencial para o adolescente, pois, é

¹⁶ MÁRCIA, Joseph. Ego Identity Status in College Women. *Personality* (1970:38), Ferreira (APUD). A Formação da Identidade em Adolescentes - Dissertação de Mestrado Universidade Federal de São Paulo - 2001.

nesse período que ele vai aos poucos assumindo uma postura em busca da realização.

No plano profissional: o adolescente passa a observar as diversas opções referentes à escolha profissional, desde a profissão de seus pais até as mais abstratas possíveis. Nesses aglomerados de opções aparecem as crises, os conflitos, as dificuldades de escolher. Os pais querem que o filho siga uma determinada carreira. Mas os filhos nem sempre seguem o que os pais almejam, eles querem liberdade de escolha, poder fazer o que gostam, e em alguns casos os pais não concordam e isso acaba gerando conflitos e dilemas que o adolescente tem que enfrentar. Com base na observação dos alunos da terceira série do Ensino Médio da EE Pe. Fabiano J. Moreira de Camargo, nota-se que a maioria dos alunos adolescentes que está nesse nível de angústia e crise tem dificuldade em optar por uma carreira profissional. 22% dos alunos adolescentes estão indecisos¹⁷, em relação à escolha profissional e 14% não sabem se continuam estudando ou não.

No plano sexual: o adolescente vive na flor da pele uma ansiedade feroz que vai desde o anseio dos pais até os seus desejos sexuais. Por um lado, os pais preferem que as filhas se casem virgens, porém, elas não concordam com tal atitude. Há uma discordância entre as partes, de um lado os pais preferem que os filhos sigam seus princípios e por outro os filhos querem seguir seu próprio caminho, ser livres, independentes.

Há um fator intermediário que causa grandes transtornos no relacionamento com os pais. É a falta de diálogo. Os pais são os maiores culpados desta relação quando não dão espaço para o adolescente expor suas idéias.

¹⁷ Esses dados são resultado de uma pesquisa realizada na Escola Pe. Fabiano, no primeiro semestre de 2002. Pode-se analisar detalhadamente esta pesquisa no gráfico 10.

Assim mesmo, o adolescente vai em busca de sua realização e assume uma postura, com ou sem a concordância dos pais. Eles vão em frente, com ou sem o apoio dos pais.

No plano ideológico: Márcia especifica que o adolescente tem que enfrentar duas batalhas. A primeira é a questão política de escolher, de definir o melhor modelo para seguir sua jornada, em prol de uma vida mais saudável e realizada.

O segundo obstáculo é a vida transcendental, a religião. A globalização acaba prejudicando a vida espiritual dos adolescentes. Eles têm momentos abalados. Por um lado eles crêem em Deus, vão à igreja e seguem seus princípios religiosos. Em outra ocasião não sabem mais se acreditam em Deus ou não. Quando crêem em Deus, vivem suas vidas, seu estilo próprio, só que, apesar de acreditar, não vão à igreja. Alguns não concordam com que o padre ou o pastor diz, outros comentam que é chato, cansativo, etc.

Continuando a análise de Márcia (1970) citado por Ferreira (2001), foi enfatizado que o adolescente passa por um processo de crise de identidade e só pode superá-lo se passar por quatro posicionamentos básicos diante da aquisição da identidade: o estado de execução; o difuso; a moratória, e por último a construção da identidade.

O estado de execução – é o adolescente que teve tudo pronto em suas mãos, nunca fez esforços para alcançar algo. Normalmente segue a carreira profissional dos pais. Porque já está tudo definido, o pai já tem, por exemplo, um escritório ou um consultório. Enfim, seguir o que está determinado é mais fácil e menos burocrático, pois já está tudo organizado. Esse indivíduo vive perambulando, aos poucos vai identificando-se com os outros, principalmente com os pais.

O difuso – é um indivíduo que não passou por crises e nem conseguiu ainda sua organização, sua personalidade. Vive seu estilo, seguindo os passos dos demais, sem se dar conta de suas atitudes, normalmente é anti-social, o adolescente que não tem sua própria personalidade. Como diz o ditado é “Maria vai com a outra”. Nesses casos o adolescente não tem autonomia, é dependente e irresponsável.

O adolescente que está vivendo essa fase fica à mercê sem saber o que fazer, não tem muitas alternativas para enfrentar novos caminhos, por isso há probabilidade de entrar no mundo das drogas, no crime, porque lhe falta ainda autonomia, força de vontade para enfrentar suas barreiras.

Moratória – é um período de espera, uma pausa que se dá ao adolescente. Geralmente os adolescentes vivem em crise, angustiados, pois estes são fatores próprios deles.

É a partir desse período de moratória que ele vai moldando sua jornada, em busca de sua realização, de sua identidade.

A construção da identidade – fundamenta-se em sua estrutura de nível sadio e coerente. Visa sempre um estabelecimento maduro por parte do adolescente para estar consciente de seus atos, opções. A construção da identidade se dá após o processo de moratória de cada indivíduo. Nesse período, o adolescente já escolheu seu perfil, sua identidade, em prol de uma vida melhor, sendo independente, livre e buscando suas realizações. Nesta perspectiva, o adolescente segue seu próprio caminho, aceitando algumas idéias e discordando de outras sem maiores transtornos, porque já sabe o que quer e como fazer.

Ferreira (2001), cita novamente Márcia (1970) quando considera que

“...os estados de moratória e construção de identidade são os mais elevados no processo de desenvolvimento da identidade pessoal, pois estes podem realmente ser considerados auto-construídos. Estão associados com características positivas, por exemplo, a auto-estima ou maior autonomia, e, principalmente, abertura para as mudanças na sociedade e as mudanças nas relações” (Ferreira, 2001:25, Apud Márcia, 1970).

Tanto Erikson (1971), como Márcia (1970), Knobel (1980), Carvajal (1998) e Ferreira (2001) deixam claro que a identidade é construída pelo indivíduo durante sua história. A formação da identidade pode ser considerada uma das principais tarefas da adolescência.

O processo de formação da identidade nunca termina, ele está sempre reconstruindo, adaptando-se a realidade circunstancial a cada momento, cada situação vivida pelo indivíduo é um novo desafio a ser enfrentado e esta possibilita uma revisão de nossas identidades.

CAPÍTULO 5

O ADOLESCENTE E A ESCOLA

5.1 – O adolescente e a escola a caminho da democratização

A escola rumo à democratização tem como princípio a participação ativa de professores, direção, alunos e comunidade em geral, visando uma educação de qualidade, desenvolvendo um espírito crítico nos alunos. No processo pedagógico democrático, visa-se autenticidade, transparência nas situações vigentes. A base é o diálogo aberto e livre a todos os participantes do processo de democratização do sistema escolar.

Para se ter uma educação de qualidade para todos é preciso reelaborar novas políticas educacionais em todas as unidades escolares, envolvendo a participação de todos

os cidadãos nos mais diversos setores da sociedade de modo que todos se sintam ativos e participantes.

A escola é o principal meio para a formação da cidadania, é onde o indivíduo participante vai formulando novos significados, conhecimentos, valores, num âmbito cultural, social e político.

É essa integração com o meio social que vai facilitando uma maior compreensão dos valores e conhecimentos de cada cidadão, elevando a construção de uma nova ordem social, numa organização democrática.

Sobre a escola a caminho da democratização, Setúbal (1994), aponta que

“Escola democrática é aquela que forma cidadãos e não apenas bons estudantes. Um cidadão é uma pessoa capaz de cooperar com os outros, de respeitar e preservar o patrimônio social e também de construir ou transformar as leis e normas da sociedade em que vive. A democracia é, portanto, construída, ou seja, não é natural, devemos ser ensinados a viver cotidianamente, considerando o contexto real das contradições presente na sociedade. Esta discussão é de todos nós, que atuamos nas diversas instâncias do sistema educacional”l (1994).

Um aspecto importante diz respeito à formação de determinados valores, atitudes e compromissos indispensáveis à vivência numa sociedade democrática, tais como: solidariedade, cooperação, responsabilidade, respeito às diferenças culturais, étnicas e de sexo, repúdio a qualquer forma de discriminação e preconceito, entre outros. É função social da escola propiciar a formação destes valores. Entretanto, valores não podem ser ensinados, mas devem ser vivenciados. É preciso que a escola e os professores dêem testemunhos daqueles valores que direcionam sua ação, fazendo da escola um ambiente de vivência de valores democráticos.

No lugar de uma escola que se limita a ensinar o aluno a fazer provas, outra que estimule a sua vontade de aprender, o seu espírito crítico, a sua capacidade de resolver problemas – enfim, que lhe indique o caminho para se tornar uma pessoa apta a exercer sua cidadania e a participar do mundo do trabalho.

O conhecimento deve ser experimentado pelo aluno, e não apenas recebido por ele.

5.2 – O perfil do profissional na educação

No decorrer dos anos o papel do professor vem se reestruturando, buscando maiores compreensões da atuação de educador. Hoje o professor é visto como um facilitador, um motivador, um mediador para os alunos, levando-o a interagir na busca do saber. Professores e alunos estão aptos para o aprender, numa reciprocidade constante entre o educador e o aluno.

O professor está sendo desafiado a atuar criticamente na elaboração e execução dos projetos sociais, na indicação do material pedagógico que é proposto ao aluno, e decidir sobre metodologia na busca da construção do conhecimento em sala de aula, bem como no uso de outras tecnologias. Há indicadores de mudanças também nas questões dos vestibulares, relatos de experiências em congressos ou exposições didático-pedagógicas. Isso tudo é uma fonte de tensão e avaliação constantes para o professor que precisa buscar urgente atualização e prosseguimento de estudos para poder fazer frente aos novos conhecimentos e interpretações.

De acordo com os Parâmetros Curriculares (1999), que foram elaborados a partir da LDB 9394/96, os professores, precisam desenvolver-se como profissionais e como sujeitos críticos na realidade em que estão, isto é, precisam poder situar-se como educadores e como cidadãos, e, como tais, participantes do processo de construção da cidadania, de reconhecimento de seus direitos e deveres, de valorização profissional. Ele tem compromisso com a vida e os valores como a ética, a sensibilidade, a estética, a solidariedade, a verdade, o respeito e o bom senso. Esses valores norteiam-se por três princípios, previstos na explanação dos parâmetros curriculares: Princípios Estéticos: que desenvolvem a estética da sensibilidade, estimulam a criatividade e o espírito inventivo. Princípios Políticos: que propõem a política da igualdade, do direito e da democracia, cuja arte se expressa no aprender a conviver. Princípios Éticos: que visam à ética da identidade. Sendo que o aprender a ser é o objetivo máximo.

Segundo os princípios norteadores da UNESCO, para a educação do século XXI, devem-se analisar os principais pilares da educação: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser*, Delors, Jaques, 1999. Cada um dos pilares é fundamentado em seus princípios.

Aprender a conhecer: é uma educação que estimula o ser humano a desvendar novos desafios, novos valores, numa sociedade em constante mudança. O objetivo final é almejar uma maior compreensão, podendo conhecer e descobrir novos conhecimentos.

Aprender a fazer: o educador tem que fortificar e incentivar os alunos para a importância de aprender a pensar melhor, a raciocinar e tomar decisões, pois o futuro é incerto.

Aprender a viver juntos: a criança deve ser ensinada a conviver com outros seres humanos, tendo sempre princípios de cidadania e reconhecendo que o outro é um semelhante seu, que tem os mesmos direitos e deveres.

Aprender a ser: em princípio devemos orientar os alunos a uma vivência social, compartilhando as experiências de cada um. A base essencial da aprendizagem é fortalecer princípios de cidadania, tornando-os cidadãos dignos de seus direitos e deveres.

O professor tem que assumir um papel diferenciado, procurando estar sempre atualizado e consciente de que o melhor mestre é aquele que debate e questiona, não apenas introduzindo o aluno na matéria, mas também fazendo-o questionar, duvidar, pesquisar. O aprendizado em equipe e os trabalhos em grupo devem ser pontos fortes de sua metodologia de ensino. Seu papel educativo é entendido como o de preparar os alunos para o exercício da cidadania, para o trabalho em geral e para o desenvolvimento de habilidades e de competências, visando a intervenção ética positiva na sociedade, com argumentações conscientes, resultantes da aplicação de conceitos na resolução de problemas contextualizados e relevantes.

Ser educador é estar sempre comprometido com a vida.

Johnson e Johnson (1997) enfatizam a importância do educador estar motivado a dar uma boa aula, esse é o princípio para a construção de um mundo melhor, formentando uma escola de qualidade.

“O professor deve estar sempre em busca de motivações, pois, quanto mais forte for a nossa auto-estima, mais facilmente aprendemos e ensinamos. É essencial a auto-estima, autoconfiança do professor e de sua clareza com os objetivos próprios de um educador, capaz de ensinar e transmitir conhecimentos, valores e um alto grau de motivação, de auto-estima a seus alunos. Hoje a desmotivação dos professores e alunos são constantes por diversos motivos, sendo estes, pessoais, sociais, políticos e a própria organização educacional que não está proporcionando condições mínimas ao professor e ao aluno. Esta desmotivação leva a educação ao caos” (1997).

Por isso o professor tem que encontrar novos objetivos e valores que venham ao encontro de uma democratização do ensino e que o façam sentir-se feliz como educador, como mestre, e capaz de repassar esta convicção aos alunos. Estando motivados, professores e alunos, a educação segue em direção à aprendizagem, à auto-estima e à compreensão aos outros. Uma escola democrática e realizada caminha em direção da cidadania e de alunos e professores competentes, responsáveis e inteligentes.

Aqui estão apresentadas opiniões de alguns alunos adolescentes no que diz respeito a uma maior integração entre professores e alunos em prol de uma educação de qualidade e humana. Dados obtidos do anexo 01.

“O bom professor é aquele que tem um diálogo aberto com os alunos e procura entendê-los” (Felipe, 16 anos).

“O professor, antes de tudo, deve ser amigo de seus alunos. Sendo amigo, o relacionamento fica melhor e o rendimento escolar fica dez” (Bruno, 16 anos).

“O professor tem que ser amigo, que converse com os alunos que dê uma boa explicação dos conteúdos e que imponha respeito” (Merlim, 18 anos).

Johnson e Johnson, (1997) referenciam o enfoque do papel do educador como um mediador, facilitador dos conteúdos.

“O professor tem um papel importante como guia para ajudar os alunos a definirem os seus objetivos e a conseguir alcançá-los. Isto aplica-se mesmo em relação ao conteúdo da matéria que os alunos precisam aprender. A cooperação e o diálogo entre professor e alunos tornam-se, portanto, pontos chaves para o sucesso de ambos” (1997:10).

Castro e Carvalho (2002) também salientam a importância do educador estar motivado e despertar seus alunos na busca de novos significados, que se tornem alunos com senso de criticidade.

“O professor precisa saber que aprender é também apoderar-se de um novo gênero discursivo, o gênero científico escolar, para isso, ele precisa saber fazer com que seus alunos aprendam a argumentar, isto é, que eles sejam capazes de reconhecer as afirmações contraditórias, as evidências que dão ou não suporte às as afirmações, além da capacidade de integração dos méritos de uma afirmação. Este ambiente é propício para o que os alunos passem a refletir sobre seus pensamentos, aprendendo a reformulá-los através da contribuição dos colegas, mediando conflitos através do diálogo e tornando decisões coletivas” (2002:114).

É essencial encarar nossos obstáculos com naturalidade, algo normal de nossas vidas, podendo eliminá-los com tranquilidade, sem constrangimento. Assim, o ser humano pode desenvolver sua auto-estima, sua realização com maior consistência.

5.3 – O aluno tem que ser motivado

Vivemos numa sociedade cada vez mais exigente e competitiva onde a escola adquire um papel relevante no sucesso pessoal e profissional do indivíduo. Assim, é imperativo motivar os alunos para a escola.

A motivação tem sido definida como uma tensão interna que leva o indivíduo a agir com dinamismo e empenho em determinada direção, simplesmente pelo desejo de conquistar algo, de aprender. A motivação também é compreendida como fator externo, que se dá pelos incentivos à aprendizagem, na busca de um determinado objeto. Incluem-se nesta categoria os elogios, as recompensas, os castigos evitados, etc.

Estar motivado é algo essencial na vida do ser humano, principalmente quando busca compreender, assimilar algo. Assim, professores e alunos devem estar sempre motivados. O professor tem que ser um grande mediador, incentivando os alunos sobre a

importância de ter conhecimentos e vontade de assimilar cada vez mais. Um aluno motivado é um aluno empenhado e ativo nas suas aprendizagens.

Por outro lado, o aluno que não está motivado ou está frustrado por algo que não conseguiu obter, conquistar ou assimilar, pode ficar desorientado e fazer qualquer coisa para chamar atenção. Pode por exemplo, ser agressivo, apático ou simplesmente triste. Um ser frustrado terá grandes dificuldades em assimilar, obter resultados significativos. Cabe a cada ser humano superar suas frustrações e desenvolver um espírito crítico e motivacional.

5.4 – O professor é o alicerce na sala de aula

Os alunos são os principais precursores do conhecimento, através das aprendizagens que são efetuadas, e cabe aos professores difundir os conteúdos a serem estudados e estimular os alunos à descoberta de novos saberes e de suas potencialidades cognitivas.

O professor tem que estar sempre atento em suas metodologias, pois cada aluno tem suas variações e suas individualidades, daí a importante de educadores estarem sempre inovando sua metodologia, utilizando-se de novos materiais, tais como: gravuras, recursos audiovisuais, gráficos, etc.

Desta forma a abordagem dos conteúdos fica mais agradável, os alunos ficam mais atentos e interessados em compreender o assunto estudado.

Alguns educadores que vão dar uma ênfase na importância de ser professor e como desenvolver um trabalho significativo, como Bruner (2001) e Johnson e Johnson (1997), elaboraram alguns conceitos de como o professor poderá desenvolver suas atividades, envolvendo o aluno, levando-o a descobrir, a construir novos horizontes. Já Santos (2002) comenta a importância de transformar as variáveis políticas educacionais em um sistema

que vise o aprofundamento de um novo trabalhador, com visões de criticidade e um aparato social. Castro e Carvalho (2002), enfatizam que o professor tem que despertar no aluno um senso de criticidade, de autonomia, curiosidade, de responsabilidade.

“O professor deve ser um orientador, mediador, levando o aluno a buscar, a descobrir e a efetuar a aprendizagem. Os alunos organizam a aprendizagem segundo o ritmo pessoal, a motivação e o estilo cognitivo pessoal. A aprendizagem está relacionada, deste modo, com fatores emocionais e motivacionais” (Bruner,2001).

Segundo Johnson e Johnson (1997) *uma aprendizagem baseada na descoberta tem inúmeras vantagens:*

- *“Fomenta um aumento do potencial intelectual, já que induz a uma criatividade na resolução de problemas e constitui um desafio cognitivo;”*
- *“Induz a uma mudança de uma motivação extrínseca para intrínseca; o aluno sente necessidade de resolver os problemas e encara-os como um desafio a vencer;”*
- *“O aluno é o construtor do saber e das suas descobertas; é através da prática que o aluno vai ganhando a capacidade de solucionar e ultrapassar obstáculos;”*
- *“Melhora a conservação e a retenção dos conhecimentos e a sua posterior aplicação em futuras aprendizagens e na resolução de novos desafios (1997:07).”*

O professor tem que apresentar os conteúdos a serem aprendidos, como problemas e objetivos a serem alcançados. O professor tem que orientar o aluno na busca de novos conhecimentos, significados, tendo sempre estímulo, curiosidade, observação e fluir hipóteses para obtenção de resultados satisfatórios.

Santos (2002)¹⁸, enfatiza que

“...o desafio que se impõe aos educadores na luta hegemônica é reafirmar os princípios da racionalidade emancipatória, onde, para além da dimensão de preparação para o trabalho, entretanto, possamos construir um projeto de apreensão crítica e transformadora das variáveis políticas em questão, fomentando não apenas as qualidades esperadas do “novo trabalhador”, mas também a compreensão profunda das relações sociais nos quais se constitui essa identidade” (2002).

É de grande importância que a sala de aula seja um ambiente harmonioso, dinâmico e desafiante, onde professor e alunos sintam-se motivados em buscar novos conhecimentos.

Segundo Castro e Carvalho (2002) o professor tem que

“... ajudar o aluno a se responsabilizar pelo seu próprio progresso, a estudar pela satisfação de aprender e depender cada vez menos de critérios externos para se conhecer é o resultado que se aspira como a melhor evidência de sucesso do processo educativo” (2002:175).

A motivação é essencial para o sucesso do aluno e do professor. Ambos devem caminhar juntos, com os mesmos objetivos e metas a serem alcançadas, que deve ser a conquista de novos saberes. É possível chegar a esses resultados satisfatórios, através do respeito, da cooperação um com o outro e do diálogo como forma primordial, para obter e conquistar sucesso escolar, individual, social e profissional.

5.5 – O olhar do adolescente sobre a escola

¹⁸ SANTOS, Aparecida de Fátima Tiradentes. O novo ensino médio gora é para a vida. Disponível em: http://www.educacao.rs.gov.br/PortalSE/html/PF_Principal.html. >acesso em: março de 2002.

Os alunos almejam uma educação de qualidade, dinâmica, onde direção, professores e alunos convivam de uma forma democrática em busca de uma aprendizagem satisfatória para ambas as partes. Infelizmente, a escola não ouve o que os alunos têm a dizer sobre a escola e o seu funcionamento. Os alunos querem participar da elaboração das normas e regras escolares querem ajudar a definir prioridades em relação às melhorias físicas de que as escolas precisa, enfim, querem ser ouvidas pela direção, professores e colegas e, quando não o conseguem, demonstram sua insatisfação com desinteresse pelos estudos, com brincadeiras de mau gosto, hipocrisia, apatia e até vandalismo.

As Professoras Buratto; Dantas; Souza (1998) elaboraram algumas idéias, a respeito para a superação do fracasso escolar.

“Partindo do princípio que o adolescente é a chave para obter um ensino de qualidade, criticidade, onde o diálogo entre os professores e alunos reina como fator primordial. A voz do adolescente tem que ser ouvida, analisada, criticada, esta é a base para a elaboração de novas propostas para a educação” (1998).

Segundo esse princípio a voz do adolescente faz florescer novos horizontes na sociedade, na escola, juntamente com seus professores, pais e amigos, num referencial dialógico e democratizante.

A opinião de alguns alunos adolescentes sobre a escola mostra a sua preocupação com a qualidade. Dados do anexo 01.

“Uma escola de qualidade é aquela onde existe respeito e diálogo” (Marcelo, 17 anos).

“A escola é minha segunda casa” (Maria, 16 anos).

“Uma boa escola é aquela que faz o aluno pensar melhor, refletir sobre as coisas do mundo e principalmente sobre si mesmo” (Amada, 18 anos).

“É fundamental que os professores incentivem os alunos a buscar novos significados. Só assim, os alunos podem pegar o gosto em querer aprender” (Eliane, 18 anos).

A maioria dos alunos almeja uma nova educação que vise o interesse também do aluno e não somente dos professores. Os alunos querem uma escola que seja mais democrática que sua a opinião seja respeitada. Não adianta o professor chegar em sala de aula, dar sua matéria e pronto. É essencial haver maior interação entre direção, os professores, os funcionários e os próprios alunos. Só assim, é possível construir uma escola cidadã e democrática visando o interesse de todos.

5.6 – A escola que queremos

Segundo Buratto. Dantas. Souza (1998) o adolescente observa a escola em três ângulos ou três áreas: *a gerencial, a pedagógica e a relacional.*

Um dos pontos base para o progresso do ensino deve partir do sistema gerencial. A direção da escola é o centro, a cabeça do processo. Dessa forma ela tem que dar os primeiros passos, incentivando os professores e alunos a desenvolverem um ensino de melhor qualidade, em prol do desenvolvimento e progresso da educação, com alunos críticos e, acima de tudo, cidadãos que lutem por seus direitos e deveres. Caso contrário sem uma direção participativa que não faça priorizar um ensino de qualidade instala-se o caos. Os próprios alunos percebem quando a direção não se preocupa com eles ou com a escola. Este é um fator decisivo para o fracasso.

Grande parte dos diretores (direção da unidade escolar) não está realmente preocupada em desenvolver novas metodologias que visem melhorias para o ensino, muito menos incentivam e não dão apoio aos professores para prosseguirem seus trabalhos de educadores, mediadores. A direção em muitos casos, apenas cobra do professor a disciplina

em sala de aula. Em muitas situações, os professores são induzidos a passar os alunos, mesmo que eles não tenham condições mínimas para estudar na série seguinte. Essa é a visão de muitos diretores da Diretoria Regional de Capivari - SP.

Por outro lado, os adolescentes querem que a sua escola esteja empenhada no processo pedagógico, desenvolvendo novas metodologias, em benefício dos alunos, da comunidade, como membros ativos e participantes no processo de ensino e aprendizagem, onde o aluno consiga obter o máximo possível de sua aprendizagem.

O terceiro fator é a vertente relacional. Parece haver uma grande deterioração das relações na comunidade escolar. A escola é a instituição que tem como missão, delegada pela sociedade, formar cidadão com as competências e atributos necessários à convivência social. Mas nessa mesma instituição, em alguns casos não prevalece o direito dos alunos. Em muitos casos a característica que predomina nas suas relações é o desrespeito, a falta de atenção e até mesmo um grande autoritarismo por parte dos professores, da direção, dos inspetores de alunos, etc.

O aluno se sente em muitas ocasiões rejeitado, discriminado em vários sentidos pela raça, classe social, sexo, credo e até mesmo por estar estudando numa escola pública. Esse desrespeito profundo acaba dificultando a aprendizagem, pois o aluno não se encontra motivado e com auto-estima. É necessário transformar a realidade de aluno passivo para um ser ativo, que possa lutar por seus direitos. Sendo um aluno com entusiasmo em vencer na vida, que tenha auto-estima, força de vontade. Só assim, é possível ver os alunos mais felizes e otimistas.

Buratto. Dantas. Souza, (1998), reafirmam que

“... a escola é o lugar privilegiado da construção da cidadania, é preciso tratar todos que lá estão, em especial os alunos, desde os mais novos, como cidadãos plenos. É preciso enxergar e vencer a idéia secular de que a escola pública, que é de todos, abriga esforços para garantir a qualidade do professor” (1998).

O sonho de todo adolescente é ter uma escola onde reine o diálogo, professores e alunos se integrem por uma educação de qualidade. Pois todos, não importando sua origem ou escola que freqüentam, buscam o sucesso em suas vidas, um bom emprego. Por exemplo, os adolescentes lutam por uma educação melhor, com qualidade, com respeito entre os professores, alunos e direção. Levando em conta uma aprendizagem digna a todos e a valorização da vida. Já que uma escola boa não forma apenas alunos inteligentes e sim cidadãos atuantes e autônomos.

Relato o desejo de alguns alunos pela valorização da escola.

“É necessário que as necessidades básicas dos alunos sejam atendidas, ou seja, termos professores qualificados de todas as disciplinas e prédios em melhores condições de uso” (Simone, 19 anos).

“Os professores, direção devem alertar os alunos sobre a importância do estudo em suas vidas. Sendo assim, os alunos podem passar a querer estudar, aprender e prestar atenção nas aulas” (Maristela, 17 anos).

“Um dos problemas que escola enfrenta hoje é a falta de vontade dos professores, direção e dos alunos. No momento em que houver força de vontade, entusiasmo, diálogo por parte de todos os membros da unidade escolar, a educação tende a melhorar” (Pedro, 19 anos).

Os adolescentes desejam que seus professores sejam comprometidos, capacitados, competentes, atentos, esforçados, dinâmicos e produtivos. Eles também almejam uma direção competente, comprometida com os alunos, sem distinção de classe social, credo ou sexo e que a direção esteja presente e participativa com os ideais de uma escola democrática.

O anseio de todo adolescente é ter uma escola com postura democrática. Onde o diálogo seja essencial e primordial nas relações entre professores, diretores, funcionários e alunos, com a participação ativa de todos para o processo da organicidade e da responsabilidade.

A escola deve estimular os alunos a desenvolverem a consciência da própria capacidade de aprender e transformar o mundo.

Professores qualificados, reflexivos, investigativos e motivados garantem aos alunos um ensino de maior qualidade, de responsabilidade, suas aulas são mais dinâmicas e interessantes, visando o desempenho do aluno e incentivando-o a buscar novos conceitos, ampliando seus conhecimentos e sua criticidade.

O olhar do adolescente sobre a escola usufrui um desejo de querer aprender realmente, de ter professores na sala dando aula, ensinando. Por uma escola que realmente olhe para seus alunos como seres humanos, cidadãos atuantes e participativos, havendo respeito e aceitação.

O professor tem que fazer da sala de aula um espaço, um ambiente de aprendizagem, de questionamento, de curiosidade, de dúvidas e certezas, um ambiente de acolhimento, de respeito, de escuta, onde o diálogo é reinante. Só assim escola, professores e alunos encontrarão o caminho de uma escola democrática e de qualidade.

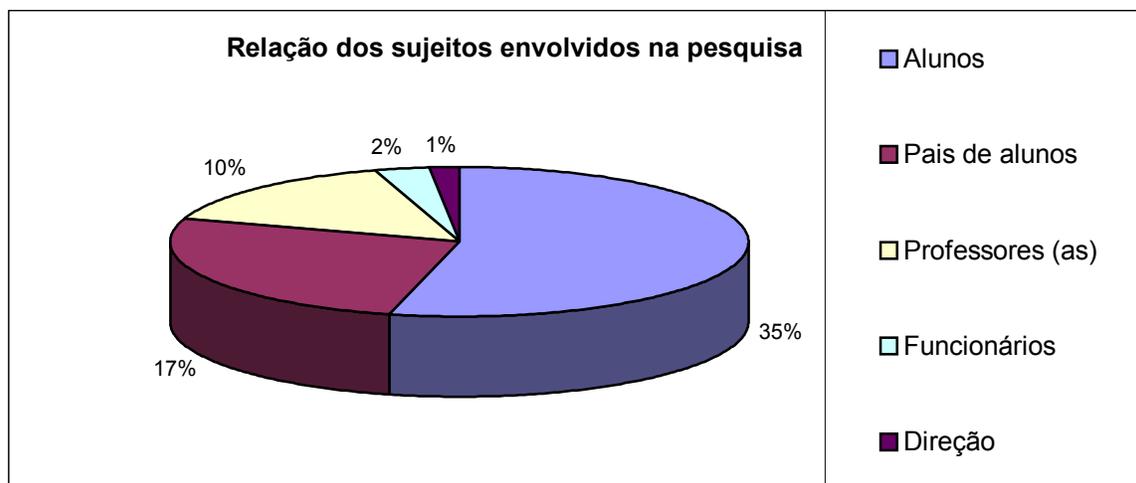
5.7 – A escola que temos e a escola que queremos

A qualidade no ensino público tem sido e é um tema preocupante nas escolas. Ultimamente está havendo uma maior preocupação por parte dos

professores, direção, alunos, comunidade e a própria Secretaria de Ensino por uma educação de qualidade e democrática.

A respeito da Escola que Temos e a Escola que Queremos, foi elaborado um questionário com apenas três questões e tem como referência a análise da escola, partindo do princípio de como está nossa escola. Quais são os fatores positivos e negativos? O que as pessoas pensam sobre a escola, almejam, desejam. A primeira questão a ser destacada é. “Como está a escola atual, na sua opinião?” 65 pessoas foram envolvidas nesta pesquisa, tendo a participação de diretores, professores, funcionários, pais de alunos e alunos¹⁹.

Gráfico 12



¹⁹ Este questionário foi aplicado por um grupo de alunos (05 alunos) da segunda série do Ensino Médio, no período noturno, no segundo semestre de 2001. Sob minha orientação, na escola Jeni Apprilant, na cidade de Rafard –SP. Dados obtidos do anexo 03.

Destacam-se aqui a opinião de algumas pessoas que participaram, respondendo à questão: A escola atual, como está? Foram escolhidas as mais relevantes e com maiores similaridades.

“O baixo salário, a carga horária excessiva, em muitos casos, onde os professores atuam em diversas escolas, sendo particulares ou públicas” (Professor Carlos)²⁰.

“A defasagem no ensino público é grande, às vezes se dá pela carga excessiva de aulas do professor” (pai de aluno).

“Poucas reuniões na escola e quando há, não há resultados satisfatórios” (mãe de alunos).

“Estamos vivendo uma contradição no interior da escola que temos. Entendo que a escola é espaço de construção de conhecimento e, para tal exige-se muito empenho tanto do corpo docente quanto discente (alunos), porém estamos vivendo uma inversão de valores onde a aprendizagem e o exercício do pensar está em último lugar. Logo, a escola que temos não tem desempenhado seu verdadeiro papel” (Prof. Carlos).

“A escola está desorganizada, não está estruturada, está muito liberal, pois não há um compromisso por parte dos alunos, professores e diretores” (aluno, João).

“Temos uma escola onde a política adotada está voltada para os interesses dos países desenvolvidos, ou seja, estamos atendendo aos interesses do Banco Mundial. Esta política acaba desfavorecendo a cultura nacional e inibindo o intelectual dos jovens e adolescentes” (Professora Silvana).

²⁰ Os nomes das pessoas são fictícios.

“A escola que temos é democrática e aberta a todos, porém apresenta um nível médio em qualidade, pois a comunidade escolar não sabe cobrar e participar desta escola” (direção da escola).

“Pelo que minha filha diz, a escola não está muito boa, pois quando tem feriado, por exemplo, na quinta feira os alunos não vão à escola na sexta feira e quando vão, alguns professores acham ruim” (Mãe de aluna).

A seguir está a opinião dos entrevistados, no que diz respeito à escola que queremos ter, a escola de nossos sonhos.

“O desrespeito é um ponto a ser combatido. O respeito da sociedade pela escola é o primeiro passo para melhorar a educação” (Prof. João).

“A liberdade de expressão e a democracia são itens indispensáveis para a manutenção do relacionamento entre docentes, discentes e direção” (Professora Sandra).

“É fundamental um Grêmio Estudantil que seja incentivado por todos os membros escolares, para que assim possamos mudar a cara da escola” (Luiz Fernando faz parte da comissão do Grêmio Estudantil).

“A escola do futuro deve ser o local de encontro entre conhecimento epistêmico, e conhecimento adquirido por meio da experiência concreta, de forma que o indivíduo adquira instrumentos que desenvolva habilidades e competências para viver no mundo pós-moderno, transformando-o de modo a satisfazer as suas necessidades enquanto ser humano e que propicie viver com felicidade” (Prof. Marcelo).

“Uma escola democrática, com autonomia, dar liberdade aos professores e alunos, uma escola responsável com projetos abertos,

participação ativa dos alunos nos projetos, com uma direção democrática e participativa” (Dona Maria mãe de aluno).

“Seria interessante uma política educacional voltada aos interesses culturais do país sem perder de vista as tendências de um mundo globalizado, uma vez que inseridos nesse processo seria utopia, ou seja, um sonho negar estas tendências. É importante não perder de vista valores essenciais para os seres humanos. Quero dizer que, visemos em nossos alunos um espírito de solidariedade, amor ao próximo e terem senso crítico” (Professora Cláudia).

“Uma escola democrática e de qualidade” (aluna Elaine).

“Uma escola bem mais equipada, com pessoas qualificadas para o ensino e uma direção que saiba impor suas regras e respeitar os alunos e professores” (aluno Felipe).

6.8 – Análise referente à pesquisa

Analisando-se os dados obtidos nesta pesquisa, referente à Escola Atual e a Escola que Queremos, observa-se a grande insatisfação por parte de todos os membros da escola, direção, professores, alunos e a comunidade em geral pela Escola que Temos a “Escola Atual”. Ninguém está satisfeito com a educação. Todos os sujeitos entrevistados almejam uma educação de qualidade que vise o bem estar de todos os cidadãos.

Foi interessante desenvolver este estudo da escola que temos e da escola que queremos, em função de analisar como as pessoas envolvidas percebem a escola que temos. Elas demonstraram uma grande insatisfação pela escola atual, pois o sistema de ensino está decadente, insatisfatório, alguns alunos passam de

ano sem ter o mínimo de requisito. Essa é a afirmação da maioria dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

É necessária a colaboração de toda a sociedade. Ela precisa se unir para que o direito de aprender seja tema de grande importância, não somente para os políticos do Ministério da Educação, mas de todos os governantes do país.

Nota-se que os professores, direção não estão realmente motivados por uma educação de qualidade e democrática, por diversos fatores. Tais como a pouca remuneração, o próprio sistema educacional, a inversão de valores em sala de aula, a indisciplina dos alunos, etc.

Por outro lado, professores, alunos e direção sabem da importância de ter um ensino de qualidade e respeito à vida, de formar cidadãos atuantes e participativos, mas poucos fazem.

Nota-se que nesta dissertação de mestrado foi desenvolvido a teoria psicossocial de Erikson, que enfatiza que os alunos adolescentes têm que viver um período de espera, uma moratória psicossocial, em sua vida. É esse processo que vai delineando o jovem ao caminho de sua realização pessoal, profissional e social. Enfim, o adolescente vivendo este período em sua vida, terá maiores possibilidades de enfrentar obstáculos que iram surgindo no decorrer de sua vida, sem muitos transtornos.

CONCLUSÃO

Tendo como objetivo nesta dissertação de mestrado análise sobre a vivência do adolescente no seu dia-a-dia. Destaco que a maioria dos adolescentes vive uma vida conturbada, cheia de mistérios, crises e mais crises. Toda essas problemáticas que o jovem enfrenta é sinal de que ele está em busca de significados, tendo como princípio a construção da identidade ou “identidades”. Erikson (1976) enfatizou a importância de haver crises na vida do adolescente para que lhe seja possível desenvolver sua identidade com maior consistência. Caso contrário, não havendo barreiras, obstáculos na vida dos seres humanos é quase impossível desenvolver uma identidade que os realize, dando sentido a sua vida. Normalmente a pessoa fica um período de transição, sem saber realmente o que quer e o que fazer.

Enfatizei nesta dissertação de mestrado o perfil dos adolescentes, segundo eles mesmos. Eles relataram que vivem divergências entre si mesmo. Alguns destacam este período como sendo a fase mais importante da vida. É o momento de viver as fases das descobertas. Enfim, buscar satisfação que é o quesito mais importante para a grande parte dos adolescentes. Outros vivem esse período, não tanto satisfatório, pois as preocupações e compromissos vão aumentando e acabam dificultando a vida. Em alguns casos, não sabem como resolver os problemas e ficam angustiados, infelizes e descobrem o caminho das drogas.

É fundamental que o adolescente sinta-se “protegido” por seus pais. Que tenha pais participativos, amigos, que estejam ao seu lado incentivando, orientando-o. Para Zagury (2000), este é o melhor caminho que o adolescente pode viver, tendo pais estruturados que compreendem seus filhos e dão a eles carinho, amor, diálogo e limites. Porque todo ser humano necessita desses aparatos, principalmente o adolescente, por viver esse estágio da vida tão significativa e ao mesmo tempo angustiante.

Finalizo este estudo dando ênfase a importância do adolescente ter uma moratória psicossocial, que é um processo que o ajuda na concretização de sua personalidade, sendo, talvez, a melhor alternativa que o adolescente pode ter para ir ao encontro de sua identidade, de sua realização pessoal, profissional, social. Enfim, estar de bem com a vida e com os outros.

ANEXOS

ANEXO 01

Este questionário é referente uma pesquisa sobre adolescentes nos dias de hoje.

1. O que você mais gosta de fazer? Por quê?
2. O que você menos gosta de fazer? Por quê?
3. O que faz o adolescente ser feliz e infeliz? Por quê?
4. Na sua opinião, quais são as perspectivas dos jovens em nossa sociedade?
5. Ser adolescente é...
6. Quais são os maiores problemas para os adolescentes? Por quê?
7. Quais são as vantagens de ser adolescente? Comente sobre elas.
8. O que os adolescentes valorizam e o que eles não valorizam? Por que?
9. Quais são as gírias usadas entre os adolescentes? E o que elas significam?
10. O relacionamento com seus pais é? Comente.
11. Você tem um diálogo aberto com seus pais? Comente.
12. Você tem um diálogo com seus professores? Comente.
13. Você acha que o diálogo entre professores e alunos é importante para a aprendizagem? Por quê?
14. Quais os maiores problemas que a escola enfrenta? Comente.
15. É possível obter um ensino de qualidade em nossa escola? Como?
16. Um bom professor é aquele que... Comente.
17. Um péssimo professor é aquele que... Comente.

18. O que você mudaria na escola? Por quê?

Obs. A pesquisa foi realizada em três unidades escolares, nas cidades de Capivari – SP, Rafard – SP e Rio das Pedras – SP, no período de agosto de 2001 a agosto de 2002, com 1050 alunos.

ANEXO 02

O questionário relata o perfil dos alunos adolescentes, referente à escolha profissional.

1. Atualmente você trabalha?

– sim

– não

2. Você vai prestar vestibular em 2003?

sim

não

indeciso

3. Você já optou que curso vai prestar vestibular?

sim

não

Obs. A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2002, na Escola Estadual Pe. Fabiano J. M. de Camargo na cidade de Capivari – SP. Foram entrevistados 121 alunos adolescente da terceira série do Ensino Médio, no período da manhã.

ANEXO 03

O questionário enfatiza o perfil da escola que temos e a escola que queremos.

- 1 – Na sua opinião, como está a escola que temos? Comente.
- 2 – O que podemos fazer para melhorar nossa escola? Ou ela está boa? Comente sua afirmação.
- 3 – Na sua opinião, como deve ser uma escola ideal? A escola de nossos sonhos?

Obs. O questionário foi aplicado no segundo semestre de 2001, na Escola Estadual Jeni Apprilante, na cidade de Rafard – SP. Num total de 65 sujeitos envolvidos na pesquisa, sendo diretores, professores, alunos, funcionários e pais de alunos.

BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.
- ARATANGY, Lídia Rosenberg. **Desafios da Convivência**. São Paulo: Editora Gente, 1998.
- BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação Vocacional**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BRAGHIROLI, Elaine Maria; FERREIRA, Siloé; RIZZON, Luiz Antonio. **Temas de Psicologia Social**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BRUNER, JEROME SEYMOUR, **A Cultura da Educação**. Porto Alegre, R.S.: Artmed, 2001.
- BURATTO, Ana Luiza Oliva; DANTAS, Maria Rita Coelho; SOUZA, Maria Thereza Marcílio de. **A Direção do Olhar do Adolescente: Focalizando a Escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CARVAJAL, Guillermo. **Tornar-se Adolescente: a Aventura de uma Metamorfose**. São Paulo: Cortez, 1998.
- CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Orgs.). **Ensinar a Ensinar: Didática para a Escola Fundamental e Média**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- CONGER, John. **Adolescência: Geração Sob Pressão**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1980.
- DELORS, Jaques. **Um Tesouro a Descobrir**. (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI). São Paulo / Brasília: Cortez, UNESCO, MEC, 3ª ed., 1999.
- ERIKSON, Erik H. **Identidade Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

- _____. **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1971.
- _____. **O Ciclo de Vida Completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FERREIRA, Berta Weil. **O Cotidiano do Adolescente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- FERREIRA, Tereza Helena Schoen. **A Formação da Identidade em Adolescentes: Um Estudo Explorativo com Estudantes do Ensino Médio**. São Paulo: Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, 2001.
- GRINDER, Robert. **Adolescência**. México: Limusa, 1976.
- JOHNSON, Spencer; JOHNSON, Constance. **O Professor Minuto**. São Paulo, Record, 8ª Ed. 1997.
- KNOBEL, Mauricio. **Infância, Adolescência e Família**. Buenos Aires: Granica, 1971.
- _____. **A Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1981.
- _____. **Orientação Familiar**. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 1992.
- KUPSTAS, Márcia (org). **Jovem adolescente em debate**. São Paulo: Moderna, 1997.
- LACERDA, Catarina A. de Oliveira Pasin de; LACERDA, Milton Paulo de. **Adolescência: Problema, Mito ou Desafio?** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- LEVISKY, David Léo. **Adolescência: Reflexões Psicanalíticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- MÁRCIA, Joseph. **Ego Identity Status in College Women**. Peersonality, 1970.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. **Evolução Psíquica da Criança e do Adolescente: aspectos normais e patológicos**. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1981.
- RAPPAPORT, Clara. **Encarando a Adolescência**. São Paulo: editora Ática, 1996.
- SALLES, Leila Maria Ferreira. **Adolescência, Escola e Cotidiano; contradições entre o genérico e o particular**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1998.
- SETUBAL, Maria Alice. **Ensinar e Aprender: Reflexão e Criação**. São Paulo: Ática, 1994.
- SUPER, Donald. **Psicologia Ocupacional**. São Paulo: Atlas, 1972.
- ZAGURY, Tânia. **O Adolescente por Ele Mesmo**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BIBLIOGRAFIA - TEXTOS ELETRÔNICOS

- BOEREE, George. **Erik Erikson**. www.ship.edu/~cgboeree/erikson.html // acesso em: maio de 2001.
- BOEREE, George. **Erik Erikson**. www.psicologia-online.com/ebooks/personalidad/erikson.htm // acesso em: maio de 2001.
- BOEREE, George. **Erik Erikson**. www.silats.com/psych/ErikErikson.htm // acesso em: maio de 2001.
- DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; KRISTENSEN, Christian Haag. **Erik Erikson e o Desenvolvimento Psicossocial na Adolescência**.
www.saude.unisinos.br/~christian/docs/Erikson.doc // acesso em: maio de 2002.
- LÂNGARO, Andréia Gato. **Adolescência**. www.colegiomaua.com.br/Adolex.htm // acesso em maio de 2002.
- MILNER, Jenny. **Desenvolvimento Emocional**.
www.pucrs.br/uni/poa/psico/pos/jorge/teses.htm // acesso em: julho de 2002.
- OLIVEIRA, Carmem Silveira. **Medo e Insegurança**. Revista Mundo Jovem.
www.mundojovem.com.br. // acesso em: Julho de 2001.
- SANTOS, Aparecida de Fátima Tiradentes. **O Novo Ensino Médio Agora é para Vida**. 2001. http://www.educacao.rs.gov.br/PortalSE/html/PF_Principal.html // acesso em: março de 2002.

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMO, Fábio. **Juventude: Trabalho, Saúde e Educação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- ALMEIDA, Patrícia Albieri de. **A Prática Pedagógica Junto a Alunos Adolescentes: As Contribuições da Psicologia**. Campinas, SP: Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. **Relações Familiares, Adolescência, Gênero e Representações Sociais de Adolescentes**. Campinas, SP: Dissertação (Mestrado). Vol. 1 e 2, 1997.
- ASSOCIAÇÃO Psicanalítica de Porto Alegre. **Adolescência Entre o Passado e o Futuro**. 2. ed. Porto Alegre: Artes do Ofícios, 1999.
- BLOS, Peter. **Adolescência: uma Interpretação Psicanalítica**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BOURDIEU, P. **A Juventude é apenas uma Palavra**. In P. Bourdieu, *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOSSA, Nádia Aparecida; OLIVEIRA, Vera Barros de (Orgs.). **Avaliação Psicopedagógica do Adolescente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CESAR, Maria Rita de Assis. **A Invenção da “Adolescência” no Discurso Psicopedagógico**. Campinas, SP: Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- DELUZ, Ariane, e outros. **A Crise de Adolescência: Debates entre Pesquisadores e Antropólogos, Escritores, Historiadores, Lógicos, Psiquiatras, Pedagogos**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

- DIAS, Maria Luiza. **Vivendo em Família: Relação de Afeto e Conflito**. São Paulo: Moderna, 1992.
- ESPIG, Ana Silvia. **O Papel Social do Adolescente; uma Abordagem Psicossocial do Aluno Adolescente**. Porto Alegre: Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.
- FERRARI, Armando B. **Adolescência: O Segundo Desafio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- FIGUEIRA JÚNIOR, Aylton José. **A Família, o Adolescente e suas Relações com a Prática de Atividades Físicas em Região Metropolitana e Interiorana do Estado de São Paulo**. Campinas, SP: Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- HADDAD, Sérgio; SPOSITO, Marília. **Juventude e Educação: Uma Análise da Produção de Conhecimento**. São Paulo: FAPESP, 1999.
- MCDOWELL, Josh. **Os Adolescentes Falam**. São Paulo: Editora Candeia, 1997.
- MIRANDA, Margarete Parreira. **Adolescência na Escola: Soltar a Corda e Segurar a Ponta**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- MONTEIRO, Maria da Conceição do Nascimento. **Estudo Descritivo de Aspectos Psicossociais de Pais e Responsáveis Agressores de Crianças e Adolescentes Atendidos no GRAMI**: Campinas, SP: Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. **Imaginário Social e Escola de Segundo Grau: um Estudo com Adolescentes**. Porto Alegre: Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.
- OUTEIRAL, Jose. **Adolescer: Estudos Sobre Adolescentes**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- SANDSTROM, C. I. **A Psicologia da Infância e da Adolescência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- SILVA, Sheyla Pinto. **A Relação no Cotidiano do Adolescente: Fragmentos e Tramas de Sedução**. Campinas, SP: Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- SPITZ, Christian. **Adolescentes Perguntam**. São Paulo: Summus, 1997.

TIBA, Içami. **Adolescência: O Despertar do Sexo** – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 1994.

ZAGURY, Tânia. **Encurtando a Adolescência**. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2002.

_____. **Escola Sem Conflito: Parceria com os Pais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

WEINBERG, Cybelle. **Por Que Estou Assim? Os Momentos Difíceis da Adolescência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS DE TEXTOS ELETRÔNICOS

AMARAL, Mônica do. **No Entrelaçamento da Crise da Subjetividade Contemporânea com a Crise da Psicanálise**

www.etatsgeneraux-psychanalyse.net/archives/texte78.html // acesso em: maio de 2001.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças; MEDEIROS, Marcelo.

Auto-Imagem na Adolescência. www.fen.ufg.br/revista/Auto.html // acesso em: julho de 2002.

FARIAS, Maria Aznar. **Adolescência do que Estamos Falando?**

www.brazilpednews.org.br/setem99/ar9903.htm // acesso em: julho de 2002.

FORTES, Paulo Antônio de Carvalho; SACARDO, Daniele Pompei. **Ética na Assistência à Saúde do Adolescente e do Jovem**.

www.bireme.br/bvs/adolec/P/cadernos/cadernoin.htm // acesso em: março de 2002.

GÜNTHER, Isolda de Araújo. **Adolescência e Projeto de Vida**.

www.bireme.br/bvs/adolec/P/cadernos/cadernoin.htm // acesso em: julho de 2002.

IPA INSTITUTO PAULISTA DE ADOLESCÊNCIA. www.adolesite.com.br // acesso em: abril de 2002.

INOSTROZA, Carolina; QUIJADA, Yanet. **La Adolescencia.**

www.udec.cl/~ivalfaro/apsique/desa/adolescencia.html // acesso em: março de 2002.

KRAUSKOPF, Dina **Dimensiones Críticas en la Participación Social las Adolescencia.**

www.clacso.edu.ar/~libros/cyg/juventud/krauskopf.pdf cs/unibe/01783.html // acesso em: julho de 2002.

KRAUSKOPF, Dina. **Adolescencia y Educación.**

www.clacso.edu.ar/~libros/cyg/adolescencia/krauskopf.pdf // acesso em: julho de 2002.

MARTINS, João Batista. **Adolescente no Contexto Escolar: Perspectivas de**

Intervenção. www.geocities.com/Athens/Aegean/5389/adolesce.htm // acesso em: maio de 2001.

MARTINS, João Batista. **Adolescentes no Contexto Escolar.**

www.Members.nbci.com/jbmartins/adoles.htm // acesso em: maio de 2001.

MARTINS, João Batista. **A Noção de Identidade Sob o Olhar da Multirreferencial:**

notas introdutórias.

<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/jb.htm> // acesso em: maio de 2001.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge **A adolescência "Desprevenida" e a Paternidade na Adolescência: Uma Abordagem Geracional e de Gênero.**

www.bireme.br/bvs/adolec/P/cadernos/cadernoin.htm // acesso em: março de 2002.

MENEZES, Eduardo de. **Lista de Discussão Identidade Nacional.**

www.uepg.br/anpuh/idn/rec08-09.htm // acesso em: março de 2002.

PERREIRA, S. e RIZZON, L. **Desenvolvimento Social.**

http://www.faculadescoc.com.Br/site_2001/disciplinas/psicologia/textocomplementar-erikson.doc // acesso em: julho de 2002.

REVISTA. **Pais&Teens.** www.paiseteens.com.br // acesso em abril de 2002.

SALDANHA, Liliam M. Leda. **Escola Pública Democrática: Funções e Compromissos.**

www.pgj.ma.gov.br/caop.manual6.html // acesso em: nov. de 2001.

SCRIPTUM, Post. **Adolescência e Identidade.**

www.geocities.com/Athens/Aegean/5389/tese0.htm// acesso em: março de 2002.

SCRIPTUM, Post. **Adolescência.** www.geocities.com/Athens/Aegean/5389/tese6.htm //

acesso em: março de 2002.

SEMANA PEDAGÓGICA PAULO FREIRE. **Democracia e Escola ou Democratização da Escola.** www.educacao.rs.gov.br/PortalSE/html/PF // acesso em: nov. de 2001.

SERRAT, Laura Monte. **Adolescer e Conviver com a Violência do Mundo: a Dura Tarefa do Ser Humano.** www.educacional.com.br/articulistas/artigo0009.asp // acesso em: março de 2002.

SPOSITO, Pontes (coord). **Estado do Conhecimento Juventude e Escolarização.** www.acaoeducativa.org/juvea.PDF // acesso em: março de 2002.

RENA, Luiz Carlos Castello Branco. **Projeto Adolescer: Concepção de Sexualidade dos Adolescentes no Interior de Goiás.** www.bireme.br/bvs/adolesc/P/eletorselecionado.htm // acesso em: março de 2002.

TASSINARI, Márcia Alves. **A Construção da Identidade.** <http://www.cpp-online.com.br/brasil/artigos/marcia/NACEIIForum.htm> // acesso em: março de 2002.

URBAN, Milênio Maria Lourdes. **Perfil do Profissional do Ensino no Novo Milênio.** www.adorofisica.com.br/educacao.html // acesso em: nov. de 2001.